

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

ENDRIKA LEAL SOARES

**Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da
vida: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia**

Campo Grande - MS

2019

ENDRIKA LEAL SOARES

Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da vida: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza

Campo Grande - MS

2019

ENDRIKA LEAL SOARES

Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da vida: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luzia Aparecida de Souza (Orientadora)

Prof. Dr. Roger Miarka

Profa. Dra. Angela Maria Guida

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Suplente)

Campo Grande, 26 de fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho aos meus pais, Alzira e Orides, que tanto amo. Sei que não importa por onde eu caminhe, tenho o colo de vocês a me esperar. Devo tudo a vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, por tudo que sou e tenho. Por ser amor.

Aos meus pais, Alzira e Orides, por todo o amor que sempre me deram. Por tudo que me ensinaram, pelo carinho, cuidado, proteção e liberdade para seguir o meu caminho. Obrigada pela nossa família.

À minha tia/madrinha/comadre/mãe Rozane e ao meu tio Vandelson por terem sido como pais e cuidado de mim não só durante os quatro anos de graduação, mas até hoje. Nunca vou esquecer o que fizeram por mim. Agradeço ao Tales, Camila e Henrique, por terem me ensinado como é bom ter irmãos.

Ao Guilherme, meu amor, pelo apoio e incentivo durante o mestrado. Por ter me ajudado quando eu precisava escrever, e por ter me ajudado quando eu precisava parar de escrever (rs). Pelo carinho, pelas conversas, risadas e também silêncios. Por trazer mais alegria à minha vida.

À Vivian, pelo companheirismo e amizade que se intensificaram nesses dois anos. Obrigada pelas discussões, opiniões, leituras e incentivos. Obrigada principalmente pelas conversas, risadas, saídas necessárias e desnecessárias, procrastinações, compartilhamentos, investigações e por me ajudar a dar nome a tudo. Por ser amiga. Foi divertido, obrigada menina Vivis.

Aos meus professores pelas discussões e por compartilharem o que sabem com generosidade. Em especial, agradeço à Angela, Aparecida, Edilene, João Viola, José Luiz, Luzia, Suely e Thiago. Agradeço aos meus colegas da turma de 2017 por todos os momentos importantes que compartilhamos durante as disciplinas e para além delas.

Agradeço de forma especial à Bárbara, Bruna, Giovana, Janielly e Vivian, por desde a graduação serem as melhores amigas que eu poderia ter feito. Ao Estevão, pela amizade, pelas risadas e por ter sempre os memes certos nas horas certas.

Agradeço também ao Rafael e ao Reinaldo pela amizade que construímos, pelo companheirismo e por todas as conversas sérias e aleatórias.

Aos meus colegas do HEMEP por todas as leituras e discussões. Em especial, agradeço à Vivian, Rafael, Adriana, Ana, Carol, Léia e Marizete, por terem contribuído de alguma maneira com esta pesquisa. Agradeço aos professores Luzia, Carla e Thiago.

A todos que colaboraram com esta pesquisa por meio da tradução dos resumos. Agradeço aos professores Kamaira'i Sanderson Tapirapé, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé e Kamoriwa'i Elber Tapirapé pela tradução do resumo para a língua Tapirapé. Agradeço também ao Guilherme Augusto Defalque pela codificação do resumo para hexadecimal.

Agradeço imensamente à Amaranta, Dionésia, Jadyr, José Vitor, Quitéria e Silvéria, por terem aceitado conversar comigo e por terem me recebido tão bem em suas casas. Obrigada pela confiança, por todas as histórias compartilhadas e por terem me apresentado a outras sensibilidades de mundo.

Agradeço aos professores Angela e Roger, por terem aceitado participar da banca. Obrigada pela leitura atenta e por todas as contribuições, fundamentais para a realização desta pesquisa.

Agradeço à professora Luzia por, desde 2012, ter confiado em mim e ter caminhado comigo até aqui. Por tudo que me ensinou, pela generosidade, paciência, compreensão e críticas construtivas. Obrigada pela liberdade que sempre me deu para realizar esta pesquisa e, principalmente, pela escuta atenta e olhar humano para os meus problemas e para tudo que construímos neste trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento a esta pesquisa.

Na realidade, de pouco vale a leitura se ela não nos fizer transitar de vidas. De pouco vale escrever ou ler se não nos deixarmos dissolver por outras identidades e não reacordarmos em outros corpos, outras vozes. A questão não é apenas do domínio de técnicas de decifração do alfabeto. Trata-se, sim, de possuímos instrumentos para sermos felizes. E o segredo é estar disponível para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades.

(Mia Couto)

SITUNU

Pitve opxitvoheçãu, vsecemjenut dun e qsufaçãu fi pessevoxet dun efamvut epemgecivut in Nevu Hsuttu fu Tam. Puttu uckivoxu opodoem duptotvoe in ofipvogodes itvsevêhoet nevinávode duptvsaífet i nucomobefet qus qittuet epemgecivet qese mofes dun tovaeçõit fi tia duvofoepu. Qese ottu, gusen siemobefet ipvsixotvet dun ceti in qsopdíqout i qsudifonipvut fe Jotvósoe Usem. Etton, put qsuqunut e qiptes e lfadeçãu (Nevinávode) e qesvos fi izqisoêpdoet fi xofe pessefet qus opvismudavusit rai ti nepvên guse fe itdume. Eu qistihasnút itti uckivoxu opodoem, put dumudenut in uavsu qsudittu epemívodu rai, qese emén fi ofipvogodes itvsevêhoet, put qisnova u dupvevu dun fogisipvit nufut fi xofe. Ittit puxut nufut fi xis/mis u napfu put gobisen raitvoupes tucsi e ofioe fi epemgecivotnu, cin dunu qsucminevobes fotdastut rai ti vên tucsi itdume, rai iduen nitnu in qittuet rai pãu qesvodoqesen fi qsudittut fi itdumesobeçãu. Pitti tipvofu, ut itvafut tucsi dumupoemofefi ti nutvsesen gapfenipveot qese qiptes pãu tó tucsi ittit fotdastut i tiat igiovut, net tucsi puttet qsóqsoet qsávode i, qsopdoqemnipvi, pe dupfoçãu fi tacemvispofefi rai qisqette u epemgecivotnu, ipraepvu fitxou in an napfu rai ettani an uavsu voqu fi pusnemofefi.

Epemgecivotnut. Pessevoxe. Itdume.

Nevinávode. Dumupoemofefi.



Nevinávode. Dumupoemofefi.

Epemgecivotnut. Pessevoxe. Itdume.

MARAGETĀ MATA'YRIĀWA

Agā maragetā kwaamatāta kwee arate'omat imagywo ikome'opyra awaxewete axewete axema'ema'ee'yma re ka'aonootāwa ywyapyri pe wāra gy pyri. Arexe'apeāwa kwee imaypywo ikwaapa ma'ema'e papaāwa xe'apeāwa mō imagykatoāwa, ikwaagatoāwa axema'ema'e agy we ikwaawakāta. Epegā apa matāta kwee arajnop axema'ee'yma ma'e agy xe'apeāwa, maragetā pe xe ikwaapara gy. Emanyn kwee xe'apeāwa imagy ma'e papaāwa axema'ee'yma ma'e agy xe'apeāwa ropi. Emanyn iypy ramō araxe'apeāpa kwee arajxak imagykatoāwa. A'e ramo kwee arakwaagato marygato 'ara ropi ikwaapāwa. Epe ma'e rexakāwa imagetaāwa kwee arenaxe'apeawakat axema'ema'ema'ee'yma gy re. A'e ramō kwee aramaxerekakato marygato xema'eājpe xema'eāwa. Emanyn kwee xema'eāwa arewe aoxekāto imaxerekakatowo, aremaxe'apeawakāto kwee xe'ega pe imagyāwa arate'omara pe. Axekwe imagywo epe xe'apeāwa axema'ema'ee'yma gy we, wetepe we iraxeraparakāta.



52 45 53 55 4D 4F

4E 65 73 74 61 20 69 6E 76 65 73 74 69 67 61 E7 E3 6F 2C 20 74 72 61 62 61 6C 68 61 6D 6F 73 20 63 6F 6D
20 61 20 70 72 6F 64 75 E7 E3 6F 20 64 65 20 6E 61 72 72 61 74 69 76 61 73 20 63 6F 6D 20 61 64 75 6C 74 6F
73 20 61 6E 61 6C 66 61 62 65 74 6F 73 20 65 6D 20 4D 61 74 6F 20 47 72 6F 73 73 6F 20 64 6F 20 53 75 6C
2E 20 4E 6F 73 73 6F 20 6F 62 6A 65 74 69 76 6F 20 69 6E 69 63 69 61 6C 20 63 6F 6E 73 69 73 74 69 61 20 65
6D 20 69 64 65 6E 74 69 66 69 63 61 72 20 65 73 74 72 61 74 E9 67 69 61 73 20 6D 61 74 65 6D E1 74 69 63 61
73 20 63 6F 6E 73 74 72 75 ED 64 61 73 20 65 20 6D 6F 62 69 6C 69 7A 61 64 61 73 20 70 6F 72 20 70 65 73 73
6F 61 73 20 61 6E 61 6C 66 61 62 65 74 61 73 20 70 61 72 61 20 6C 69 64 61 72 20 63 6F 6D 20 73 69 74 75 61
E7 F5 65 73 20 64 65 20 73 65 75 20 63 6F 74 69 64 69 61 6E 6F 2E 20 50 61 72 61 20 69 73 73 6F 2C 20 66 6F
72 61 6D 20 72 65 61 6C 69 7A 61 64 61 73 20 65 6E 74 72 65 76 69 73 74 61 73 20 63 6F 6D 20 62 61 73 65 20
65 6D 20 70 72 69 6E 63 ED 70 69 6F 73 20 65 20 72 6F 63 65 64 69 6D 65 6E 74 6F 73 20 64 61 20 48 69 73
74 F3 72 69 61 20 4F 72 61 6C 2E 20 41 73 73 69 6D 2C 20 6E 6F 73 20 70 72 6F 70 6F 6D 6F 73 20 61 20 70
65 6E 73 61 72 20 61 20 45 64 75 63 61 E7 E3 6F 20 28 4D 61 74 65 6D E1 74 69 63 61 29 20 61 20 70 61 72 74
69 72 20 64 65 20 65 78 70 65 72 69 EA 6E 63 69 61 73 20 64 65 20 76 69 64 61 20 6E 61 72 72 61 64 61 73 20
70 6F 72 20 69 6E 74 65 72 6C 6F 63 75 74 6F 72 65 73 20 71 75 65 20 73 65 20 6D 61 6E 74 EA 6D 20 66 6F
72 61 20 64 61 20 65 73 63 6F 6C 61 2E 20 20 41 6F 20 70 65 72 73 65 67 75 69 72 6D 6F 73 20 65 73 73 65 20
6F 62 6A 65 74 69 76 6F 20 69 6E 69 63 69 61 6C 2C 20 6E 6F 73 20 63 6F 6C 6F 63 61 6D 6F 73 20 65 6D 20
6F 75 74 72 6F 20 70 72 6F 63 65 73 73 6F 20 61 6E 61 6C ED 74 69 63 6F 20 71 75 65 2C 20 70 61 72 61 20 61
6C E9 6D 20 64 65 20 69 64 65 6E 74 69 66 69 63 61 72 20 65 73 74 72 61 74 E9 67 69 61 73 2C 20 6E 6F 73 20
70 65 72 6D 69 74 69 75 20 6F 20 63 6F 6E 74 61 74 6F 20 63 6F 6D 20 64 69 66 65 72 65 6E 74 65 73 20 6D 6F
64 6F 73 20 64 65 20 76 69 64 61 2E 20 45 73 73 65 73 20 6E 6F 76 6F 73 20 6D 6F 64 6F 73 20 64 65 20 76 65
72 2F 6C 65 72 20 6F 20 6D 75 6E 64 6F 20 6E 6F 73 20 66 69 7A 65 72 61 6D 20 71 75 65 73 74 69 6F 6E 61
72 20 73 6F 62 72 65 20 61 20 69 64 65 69 61 20 64 65 20 61 6E 61 6C 66 61 62 65 74 69 73 6D 6F 2C 20 62 65
6D 20 63 6F 6D 6F 20 70 72 6F 62 6C 65 6D 61 74 69 7A 61 72 20 64 69 73 63 75 72 73 6F 73 20 71 75 65 20 73
65 20 74 EA 6D 20 73 6F 62 72 65 20 65 73 63 6F 6C 61 2C 20 71 75 65 20 65 63 6F 61 6D 20 6D 65 73 6D 6F
20 65 6D 20 70 65 73 73 6F 61 73 20 71 75 65 20 6E E3 6F 20 70 61 72 74 69 63 69 70 61 72 61 6D 20 64 65 20
70 72 6F 63 65 73 73 6F 73 20 64 65 20 65 73 63 6F 6C 61 72 69 7A 61 E7 E3 6F 2E 20 4E 65 73 73 65 20 73 65
6E 74 69 64 6F 2C 20 6F 73 20 65 73 74 75 64 6F 73 20 73 6F 62 72 65 20 63 6F 6C 6F 6E 69 61 6C 69 64 61 64
65 20 73 65 20 6D 6F 73 74 72 61 72 61 6D 20 66 75 6E 64 61 6D 65 6E 74 61 69 73 20 70 61 72 61 20 70 65 6E
73 61 72 20 6E E3 6F 20 73 F3 20 73 6F 62 72 65 20 65 73 73 65 73 20 64 69 73 63 75 72 73 6F 73 20 65 20 73
65 75 73 20 65 66 65 69 74 6F 73 2C 20 6D 61 73 20 73 6F 62 72 65 20 6E 6F 73 73 61 73 20 70 72 F3 70 72 69
61 73 20 70 72 E1 74 69 63 61 73 20 65 2C 20 70 72 69 6E 63 69 70 61 6C 6D 65 6E 74 65 2C 20 6E 61 20 63
6F 6E 64 69 E7 E3 6F 20 64 65 20 73 75 62 61 6C 74 65 72 6E 69 64 61 64 65 20 71 75 65 20 70 65 72 70 61 73
73 61 20 6F 20 61 6E 61 6C 66 61 62 65 74 69 73 6D 6F 2C 20 65 6E 71 75 61 6E 74 6F 20 64 65 73 76 69 6F 20
65 6D 20 75 6D 20 6D 75 6E 64 6F 20 71 75 65 20 61 73 73 75 6D 65 20 75 6D 20 6F 75 74 72 6F 20 74 69 70
6F 20 64 65 20 6E 6F 72 6D 61 6C 69 64 61 64 65 2E

41 6E 61 6C 66 61 62 65 74 69 73 6D 6F 73 2E
4E 61 72 72 61 74 69 76 61 2E
45 73 63 6F 6C 61 2E



4D 61 74 65 6D E1 74 69 63 61 2E
43 6F 6C 6F 6E 69 61 6C 69 64 61 64 65 2E

4D 61 74 65 6D E1 74 69 63 61 2E
43 6F 6C 6F 6E 69 61 6C 69 64 61 64 65 2E

41 6E 61 6C 66 61 62 65 74 69 73 6D 6F 73 2E
4E 61 72 72 61 74 69 76 61 2E
45 73 63 6F 6C 61 2E

RESUMO

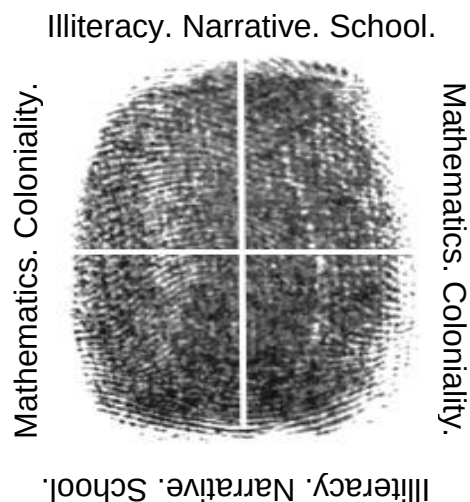
Nesta investigação, trabalhamos com a produção de narrativas com adultos analfabetos em Mato Grosso do Sul. Nosso objetivo inicial consistia em identificar estratégias matemáticas construídas e mobilizadas por pessoas analfabetas para lidar com situações de seu cotidiano. Para isso, foram realizadas entrevistas com base em princípios e procedimentos da História Oral. Assim, nos propomos a pensar a Educação (Matemática) a partir de experiências de vida narradas por interlocutores que se mantêm fora da escola. Ao perseguirmos esse objetivo inicial, nos colocamos em outro processo analítico que, para além de identificar estratégias, nos permitiu o contato com diferentes modos de vida. Esses novos modos de ver/ler o mundo nos fizeram questionar sobre a ideia de analfabetismo, bem como problematizar discursos que se têm sobre escola, que ecoam mesmo em pessoas que não participaram de processos de escolarização. Nesse sentido, os estudos sobre colonialidade se mostraram fundamentais para pensar não só sobre esses discursos e seus efeitos, mas sobre nossas próprias práticas e, principalmente, na condição de subalternidade que perpassa o analfabetismo, enquanto desvio em um mundo que assume um outro tipo de normalidade.

Analfabetismos. Narrativa. Escola.



ABSTRACT

In this research, we work with narratives of illiterate adults in Mato Grosso do Sul. Our initial objective was to identify mathematical strategies constructed and mobilized by illiterate people to deal with everyday situations. For this, interviews were accomplished based on principles and procedures of Oral History. In this way, we propose to think about Education (Mathematics) from life experiences narrated by interlocutors who remain outside the school. Pursuing this initial goal, we put ourselves in another analytical process that, beside to identifying strategies, allowed us to contact different ways of life. These new ways of seeing/reading the world have made us question about the idea of illiteracy, as well as problematizing discourses about school that echo even in people who did not participate in schooling processes. Seen in these terms, studies on coloniality have proved fundamental to think not only about these discourses and their effects, but about our own practices and, especially, the subalternity that permeates illiteracy, as a deviation in a world that assumes another kind of normality.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meu segundo encontro com dona Silvéria	27
Figura 2 - Agenda do celular da dona Dionésia.....	46
Figura 3 - Geni e o Zepelim	103
Figura 4 - Captura 1	104
Figura 5 - Captura 2	105
Figura 6 - Captura 3	106
Figura 7 - Captura 4	107
Figura 8 - Captura 5	108
Figura 9 - Captura 6	109
Figura 10 - Captura 7	109

SUMÁRIO

1 ALGUMAS BANALIDADES INICIAIS	14
2 QUEM SOU EU PARA FALAR DE NARRATIVA?	20
3 SOBRE TRAJETOS, ENCONTROS, DIÁLOGOS.....	27
3.1 ME RESPONDA ESSAS PERGUNTAS IGUAIS	32
Conversa com Dona Amaranta Florenciana Santiago	36
Conversa com Dona Dionésia Faustino da Silveira	42
Conversa com Seu Jadyr Franco Rodrigues	54
Conversa com Seu José Vitor Manoel.....	66
Conversa com Dona Quitéria Senhorinha da Silva.....	77
Conversa com Dona Silvéria Carvalho Custódio	86
4 PRIMEIROS OLHARES.....	92
4.1 EU, GENI	103
5 ANALFABETISMOS DELES, MEUS, NOSSOS... ..	116
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES	123

1 ALGUMAS BANALIDADES INICIAIS

Para dar início a esta dissertação, na tentativa de melhor situar o leitor, gostaria de comentar sobre os caminhos que me mobilizaram quanto à produção desta pesquisa. Meu contato com o cenário da pesquisa em Educação Matemática aconteceu em 2012, quando eu cursava o primeiro ano da graduação em Licenciatura em Matemática. Na ocasião, conheci a professora Luzia, minha orientadora nesta dissertação e que me acompanhou nesse pequeno caminho que trilhei até o mestrado.

Ainda em 2012, comecei a participar do grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP), através do qual tive a oportunidade de participar de eventos da área, ouvir, ler e começar a pensar sobre pesquisa. A participação no grupo foi determinante para que eu me interessasse pela área. Ali surgia a vontade de pesquisar.

O contato com investigações que discutem narrativas ocorreu a partir da minha participação no grupo HEMEP e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participei por pouco mais de dois anos. Ambos se constituíram um rico espaço que fomentou minhas discussões e reflexões a respeito de diversas temáticas, inclusive a que nos propomos a pesquisar, e me proporcionaram uma visão acerca do trabalho com narrativas e suas potencialidades para o campo da pesquisa em Educação Matemática.

Foi nesse contexto de formação que surgiu meu interesse pelo tema desta dissertação, através da leitura do artigo “Narrar para narrar-se, entre o livro e a sabedoria, a autoria” (TFOUNI; MARTHA; MONTE-SERRAT, 2015). Lembro que discutimos esse artigo tanto em reuniões do grupo HEMEP quanto do PIBID, e algo ali me chamou atenção. No artigo, a temática é abordada ao mostrar como adultos analfabetos, em um movimento de resistência com relação ao discurso da ciência e, conseqüentemente, ao discurso da lógica escolar, afirmam seu letramento a partir da produção de narrativas, reconhecidas pelas autoras como uma possibilidade de construção de subjetividades.

São apresentados recortes de entrevistas realizadas com adultos analfabetos, com o objetivo de tentar compreender os efeitos que os silogismos causariam a essas pessoas. As discussões promovidas pelas autoras nos convidam a perceber, entre outras questões, como as estratégias de pensamento lógico são diferentes das

mobilizadas por pessoas alfabetizadas, bem como os saberes de quem possui pouca ou nenhuma escolaridade e, principalmente, no potencial das narrativas frente a essas questões.

Foram reflexões nesse sentido, disparadas por meio dessa leitura, que despertaram meu interesse para um primeiro olhar acerca do trabalho com a produção de narrativas articulado a essa temática. Como meu objetivo, na época, era ingressar no mestrado logo depois de concluir a graduação, escrevi um pré-projeto de pesquisa para submeter ao processo seletivo de mestrado deste programa, o PPGEduMat, que não aconteceu pela impossibilidade de iniciar o mestrado no ano de 2016. Por conta de uma greve, a conclusão da graduação ocorreu em abril desse mesmo ano, sendo a data incompatível com o início das aulas do programa. Sendo assim, essas ideias ficaram em suspenso durante os meses que se deram entre o fim de minha graduação e o início do mestrado, em 2017.

Ao longo desses meses, que também envolveram a escrita de um pré-projeto para a próxima seleção do mestrado, me senti insegura em escrever uma proposta de trabalho com pessoas analfabetas e, então, me propus a pensar sobre outras temáticas. Na ocasião, submeti um pré-projeto cuja proposta de pesquisa visava o estudo acerca de duas escolas estaduais de tempo integral em Campo Grande/MS. Nestas foi implantado, no ano de 2016, um novo modelo de ensino que pretendia aliar o método tradicional com a educação obtida através da pesquisa. Em minha proposta, eu voltaria o olhar para a formação de professores de matemática dessas/nessas escolas.

Logo no início do mestrado, descobri que o modelo de ensino implantado nessas escolas havia sido modificado e, conseqüentemente, minha proposta precisava ser alterada. Naquele momento, eu pensava em duas possibilidades a priori: manter a ideia inicial do meu pré-projeto e desenvolver uma pesquisa ainda que em uma escola sem um modelo diferenciado de ensino, ou voltar a pensar em uma pesquisa envolvendo o trabalho com pessoas analfabetas e a produção de narrativas.

A proposta do meu pré-projeto poderia ser desenvolvida em uma escola com um modelo tradicional de ensino, mas meu maior interesse na elaboração da proposta era o contato com o não-tradicional¹. O interesse pela pesquisa envolvendo pessoas

¹ O interesse por modelos não-tradicionais de ensino surgiu também no contexto do PIBID, a partir da discussão do documentário “Quando sinto que já sei”, dirigido por Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima.

analfabetas sempre esteve comigo, em meio à insegurança de tratar sobre o tema e de me colocar por caminhos que eu não conhecia. Não que precisemos conhecer os caminhos, acho hoje que uma pesquisa é sempre uma descoberta, mas minha zona de conforto eram pesquisas historiográficas e envolvendo a formação de professores, por já ter um contato maior com estudos dessa natureza.

Outro fator que me gerava insegurança era a minha ingênua ideia de que seria difícil encontrar interlocutores para a pesquisa, afinal, conseguiria eu encontrar pessoas analfabetas para dialogar ao longo do trabalho? Admito que essa era uma preocupação real. Eu acreditava que vivia em um mundo onde era raro encontrar pessoas analfabetas. Meu mundo alfabetizado logo se desfez, mas contarei em outro momento como isso aconteceu.

Minha decisão pela temática ocorreu por um sentimento egoísta, admito. Em meio à indecisão e às inseguranças, me dei conta de que poderia estar perdendo a oportunidade de pesquisar algo que muito me interessa, oportunidade que poderia ser aceita por outra pessoa. Assim, eu e a professora Luzia, que sempre me orientou com muita liberdade, começamos a pensar novamente sobre essa questão tão nova para nós, dessa vez com outras inquietações.

Apesar de nunca termos pesquisado com pessoas analfabetas, no espaço do grupo HEMEP existe uma forte movimentação de discussão e produção de pesquisas envolvendo narrativas, principalmente no campo da formação docente, produzidas através de entrevistas orientadas pela História Oral (GARNICA, 2012; SILVA; SOUZA, 2007; SOUZA, 2006).

Não há um consenso sobre o que seja narrativa, pelo contrário, existem diversas maneiras de se pensar o ato de narrar. Internamente ao grupo de pesquisa, entendemos e trabalhamos com a perspectiva de que a narrativa envolve o contar histórias (CURY; SOUZA; SILVA, 2014, p. 915). Pensando nessa direção, entendemos que quem narra algo para alguém constitui a si mesmo ao realizar esse movimento de narrar, e essa perspectiva tem nos permitido, enquanto grupo, utilizar narrativas construídas a partir da oralidade para compreender questões relativas à formação de professores que ensinam e/ou ensinaram matemática.

No contexto desse grupo, as pesquisas que vem sendo desenvolvidas têm mobilizado as narrativas em pelo menos duas direções: existe a mobilização das narrativas nos trabalhos que investigam a formação de professores e a mobilização como estratégia de formação de futuros professores.

Em um panorama geral, os trabalhos produzidos e vinculados ao grupo HEMEP discutem a potencialidade das narrativas para compreender processos de formação de professores e, em geral, processos institucionais de formação de professores. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a explorar novas possibilidades de produção de narrativas, em espaços não institucionalizados. Ao se manter fora da estrutura da escola, esse movimento tem nos permitido pensar a Educação de outra forma, a partir de experiências de vida.

Sendo assim, esta pesquisa visa o trabalho com a produção de narrativas com adultos analfabetos em Mato Grosso do Sul. Em um primeiro momento, nosso objetivo era investigar as estratégias matemáticas construídas e mobilizadas por eles em seu cotidiano para se constituir no mundo, em outras palavras, como pessoas analfabetas lidam com a “matemática no/do cotidiano”.

A ideia era analisar as estratégias mobilizadas por pessoas analfabetas mediante situações cotidianas às quais atribuem-se a necessidade de um conhecimento matemático e, internamente a isso, tentar compreender um pouco de sua rotina e pensar o modo como essas pessoas praticam o ambiente em que vivem, bem como analisar processos de exclusão da escola e da sociedade em seus discursos.

Nos referimos à “matemática no/do cotidiano” pois existe um discurso operante na sociedade de que a matemática estaria em tudo. Nesse sentido, Clareto e Rotondo (2014) nos ajudam a problematizar essa questão por meio das discussões presentes no artigo “Como Seria um Mundo Sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade”. Nesse artigo, existe a provocação de se pensar como seria um mundo em que não houvesse uma matemática tida, muitas vezes, como a matemática.

A partir disso, as autoras exploram os questionamentos e ideias de mundo construídas por alunos diante da provocação de se colocar a imaginar um mundo onde não existe uma matemática, que resultou no desafio de pensar se a matemática estaria ou não no nosso mundo. O modo como a discussão é apresentada e conduzida gera ao menos duas possibilidades de leitura: uma de pensarmos a matemática com uma ideia de descoberta de algo já existente e outra de pensarmos a matemática como construção, como um conjunto de relações.

Se partirmos da ideia de que a matemática está no mundo, podemos pensar que ela preexiste ao ser humano e está no mundo para ser descoberta, por outro lado,

se partimos da ideia de que a matemática não está no mundo, podemos nos remeter à ideia de construção, invenção, e é essa noção que tomamos neste trabalho.

Ao fazer uso do termo “matemática no/do cotidiano”, entre aspas, sinalizamos para a importância de problematização dessa expressão de uso comum e escolhemos olhar para a matemática dessa maneira nesta pesquisa. Nos propomos a olhar para as construções de saberes matemáticos de pessoas que não foram alfabetizadas, e partindo da ideia de matemática como produção humana, nos colocamos a investigar como essas construções se dão, no caso de pessoas analfabetas, em um mundo onde não foram instrumentalizados para isso por meio da educação escolar, mas possivelmente a partir de diferentes processos educativos.

Fizemos isso por meio da produção de narrativas a partir de entrevistas com adultos analfabetos. A busca por interlocutores aconteceu primeiramente entre parentes/amigos de colegas da pós-graduação, e posteriormente entre conhecidos de pessoas próximas a mim e à minha família.

Nas entrevistas, questionamos acerca da rotina de cada entrevistado, para tentar identificar estratégias matemáticas utilizadas para lidar com diferentes situações em seu cotidiano. As entrevistas, por sua vez, nos permitiram ir além da discussão sobre as estratégias, nos apresentando a outros modos de ver que tem nos ajudado a pensar a escola e a matemática de uma outra maneira.

Para realizar as entrevistas, escolhemos nos apoiar nos princípios e procedimentos da História Oral, mas com liberdade suficiente para nos permitir percorrer diferentes territórios, se necessário, ou esgarçar o nosso de forma que suas limitações não mais se sustentem.

Quando nos propomos a realizar uma pesquisa que busca pelo diálogo com interlocutores que se mantêm fora da escola, somos levados a refletir acerca do discurso elitista que acompanha a matemática, discurso este que opera em toda a sociedade, mas privilegiadamente na educação escolar.

Nesse sentido, foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa o diálogo com teóricos que discutem a colonialidade (MIGNOLO, 2017a, 2017b; QUIJANO, 2000; SILVA, 2013; SPIVAK, 2010; LUGONES, 2008, 2014; MALDONADO-TORRES, 2007), enquanto uma colonização de ordem epistemológica, que permitiu que formas coloniais de dominação continuassem se perpetuando até os dias de hoje, mesmo após a descolonização territorial das colônias. Como consequência e/ou marca da colonialidade, está o lugar subalterno e marginalizado ocupado pelas pessoas

analfabetas na sociedade, sua invisibilidade enquanto forma de estar no mundo, bem como a invisibilidade dos seus saberes produzidos.

Escolhemos, para este estudo, pensar a escola não a partir do público que ela inclui, mas de um público que se mantém fora dela. Isso porque entendemos que falar sobre escola é também falar das pessoas que não tiveram acesso a ela, independente dos motivos para tal, não sendo inseridas nesse contexto e não compartilhando do chamado discurso científico, mas que tem suas vidas repletas de outras experiências, tão legítimas/legitimadas quanto, embora marginalizadas.

Dessa maneira, ao nos aproximarmos dos trabalhos “não escolares”, buscamos propor a discussão acerca de como a narrativa (ou a oralidade permitida por meio dela) pode trazer discussões de fora do espaço escolar e que denotam um modo de vida a partir de uma certa matemática construída e, principalmente, a subjetivação dessas pessoas a um certo discurso de escola.²

² Este trabalho contém algumas discussões e pequenos trechos de artigos que foram submetidos a eventos que participamos, a fim de dialogar acerca de questões referentes a esta pesquisa.

2 QUEM SOU EU PARA FALAR DE NARRATIVA?

Desde 2001, o Grupo HEMEP tem mobilizado a produção de narrativas em pesquisas de mestrado e, mais recentemente, de doutorado, fundamentadas nos princípios e procedimentos da História Oral. Devido ao extenso trabalho em torno da formação de professores, os interlocutores com os quais dialogamos estão, geralmente, ligados a essa comunidade (professores, alunos de Licenciatura em Matemática, pesquisadores em Educação Matemática, etc.).

Embora a narrativa estivesse entre nossas discussões, enquanto grupo, considero que meu contato com elas sempre foi indireto, no sentido de que ainda não havia pesquisado nessa direção. Agora, as narrativas tomam um papel central em nossa investigação, quando nos propomos a pensar uma pesquisa que dialoga com outros interlocutores, nesse caso, com pessoas analfabetas.

Diante disso, surgem algumas problematizações acerca da produção e mobilização dessas narrativas e, ainda, percebo em mim uma visão naturalizada sobre elas, sem muito a dizer para além do papel que desempenhava junto a pesquisas de formação de professores. Nesse movimento, senti a necessidade de (re)pensar o que entendia por narrativa. Também entendemos esse exercício como parte desse início de formação para a/pela pesquisa, em que nos propomos percorrer novos caminhos.

Sendo assim, a busca por novos espaços³ de discussão nos pareceu necessária. Como outras pessoas entendem narrativa? Como são discutidas e mobilizadas em outras áreas? Pensamos ser importante ampliar as discussões, pois nos ajudam a pensar o local de onde falamos e como estamos entendendo narrativa nesse contexto. A partir desses diálogos, surgiu este texto.

A pergunta que eu me fazia e que me motivou a buscar por esses diálogos era: O que é narrativa?

Santo Agostinho (2015, p. 342), ao falar sobre o tempo, descreve o que seria meu primeiro sentimento ao me deparar com esse questionamento, ao dizer que “se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei”. Nesse movimento, me deparo com a difícil tarefa, que eu mesma me impus, que é definir algo aparentemente simples, o ato de narrar, e que pode se tornar

³ Encontramos esse espaço na disciplina “Teorias da Narrativa” do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

complexo se decidimos nos colocar a pensar o que pode ser considerado narrativa. Até onde se pode chegar? Quais os limites? Existem limites?

Nesse ponto, para pensar sobre minha pergunta que não queria calar, me apoiei nas ideias de Gérard Genette, apresentadas em seu texto “Fronteiras da Narrativa”, o primeiro que fiz a leitura nesse movimento de buscar por outros diálogos. Convido o leitor a se juntar a mim nessa reflexão.

Genette (1976) considera que existam fronteiras e limites ao se tratar dessa questão, e que a narrativa poderia ser definida sem dificuldade “como a representação de um acontecimento ou uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita”.

Diante disso e considerando seus limites e condições de existência, o autor ressalta que

Toda narrativa comporta com efeito, embora intimamente misturadas e em proporções muito variáveis, de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (GENETTE, 1976, p. 262)

Sendo assim, o autor demarca uma fronteira envolvendo narração e descrição, refletindo que seria mais difícil produzir um texto puramente narrativo do que puramente descritivo. Isso porque seria muito mais fácil representar objetos que estivessem fora de qualquer acontecimento do que pensar em uma frase sem o menor traço de descrição, ou seja, seria quase impossível narrar algo sem descrever.

Outra fronteira percebida pelo autor envolve narração e discurso. Segundo Genette (1976), o uso do pronome *eu* seria característica do discurso, enquanto o emprego da terceira pessoa seria característica da forma narrativa, destacando, assim, o caráter subjetivo do discurso em oposição à objetividade da narrativa, que em sua forma pura abrigaria a “ausência perfeita [...], não somente do narrador, mas também da própria narração, pela eliminação rigorosa de qualquer referência à instância de discurso que o constitui” (p. 270).

Ainda sobre narrativa e discurso, para Genette (1976, p. 272)

[...] o discurso não tem nenhuma pureza a preservar, pois é o modo mais natural da linguagem, o mais aberto e o mais universal, acolhendo por definição todas as formas; a narrativa, ao contrário, é um modo particular, definido por um certo número de exclusões e de condições restritivas (recusa do presente, da primeira pessoa, etc.).

Sendo assim, para Genette (1976), a menor interferência dessas fronteiras, consideradas os limites e margens que podem ser representados, por exemplo, pela descrição e pelo discurso, impossibilitam a existência da narrativa de forma pura. Frente a essa possibilidade de leitura, pensemos na situação desta pesquisa, enquanto investigação que tem como fontes textos que emergem de entrevistas e questiono se, diante disso, esses textos podem ser considerados narrativas.

Esse questionamento se dá quando confrontamos o que foi dito por Genette (1976) com o uso que fazemos dos textos que são produzidos a partir de entrevistas, construídos de acordo com a História Oral⁴, a partir da transcrição do áudio gravado e, posteriormente, através da textualização desse material escrito. Pensando nas observações de Genette (1976), esses textos acabam contendo elementos descritivos e fortes traços de discurso, se considerarmos o emprego da primeira pessoa, que é frequentemente utilizado.

Nesses moldes, esses textos produzidos seriam, na verdade, discursos? Estamos sendo simplistas? As narrativas que acreditamos produzir não são legítimas para serem consideradas como tais? E, talvez, a mais sintomática pergunta seja: Quem sou eu para discordar de Gérard Genette?

Naquela ocasião, quando o que disse um teórico desconstruiu meu entendimento de algo, eu prontamente questionei meu posicionamento quanto a esse algo. E você, quem questionaria em um primeiro momento? Já se fez essa pergunta? Nos parece existir uma espécie de autoridade de dizer coisas, e esse direito pertenceria à academia, a quem produz o chamado conhecimento científico, considerado válido. Afinal, como nos lembra Santos (2009, p. 25), foi concedido à ciência moderna “o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso”.

De fato, a maneira como a entrevista é pensada, realizada e utilizada em nosso trabalho, constitui um claro afastamento da narrativa nos moldes mais tradicionais e estruturalistas, como vimos no texto escrito por Genette (1976). O diálogo com outras áreas e outros modos de ver tem nos ajudado com essas discussões, e a pensar nosso entendimento sobre narrativa. Penso, nesse momento, que a pergunta que me movimentou na busca por novos modos de ver, talvez nem faça sentido.

⁴ O próximo capítulo trará discussões mais aprofundadas sobre História Oral, seus princípios e procedimentos.

Não acreditamos que exista um modelo único do que seja narrativa, uma lista de propriedades que consultamos para verificar se algum texto pode ser considerado ou não uma narrativa. O que acreditamos, por sua vez, é que existem diferentes modos de se entender narrativa, dentre eles estão os que passeiam pela desconstrução da “narrativa tradicional”, e em algum desses lugares encontramos legitimidade para chamar de narrativa um texto que emerge de uma entrevista e que contenha diferentes elementos.

Nosso objetivo não é criticar Genette (1976) acerca de como este autor compreende a questão das narrativas, mas escolhemos pensar sobre ele como um texto de impacto e que representou, nos caminhos de uma pesquisadora, o estranhamento diante de uma percepção. Acreditamos que esse desconforto se faz necessário no sentido de que não conseguimos romper com o que não conhecemos. Quando uma definição é explicitada podemos assumi-la ou dela nos afastarmos na direção de uma outra definição ou da própria ideia de definir algo.

De onde falamos, operamos com uma narrativa no sentido de “dar a saber”/dizer algo, como contar uma história, que pode ser feita de diferentes maneiras. Sendo assim, consideramos como narrativa as mais diversas formas de texto que podem nos contar essa história, nos dizer esse algo, como uma pintura, uma fotografia, uma música ou mesmo um filme.

Concordamos com Ferrito (2014, p. 169) quando considera esse operar com narrativas como “um modo de saber, de conhecer, através de uma perspectiva, onde se encerram as possibilidades e condições de mundo da individualidade e da coletividade em sua ‘identidade’” e ainda como “a experiência de morarmos na linguagem, isto é, de instalarmos na linguagem nossa existência” (p. 170).

Da maneira como vemos, as narrativas que emergem de entrevistas podem nos permitir voltar ao simples, com uma pessoa contando uma história e se (re)inventando nesse processo. Essa história pode ser de sua vida, do passado, do presente, histórias das quais foi personagem, se sente, ou mesmo das que não foi personagem, mas que deseja narrar. É o desejo de narrar-se.

Pensem em um cenário onde ocorre uma entrevista, onde haja um entrevistado e um entrevistador, que é também pesquisador e está interessado nas histórias que seu interlocutor tem para contar. Seja qual for a abordagem pensada para essa entrevista, o entrevistado tem sua narrativa encorajada e guiada de alguma

maneira pelo pesquisador, por meio de perguntas, outros direcionamentos ou por sua simples presença.

Concordamos com Cury, Souza e Silva (2014, p. 915) ao afirmarem que no processo do entrevistado de narrar e contar suas histórias, “esse contar, é importante ressaltar, se dá sempre em direção a alguém. Desse modo, a narração prevê um posicionamento frente ao outro”. No caso de uma entrevista, esse outro pode ser a imagem que foi construída do pesquisador em sua frente.

O entrevistado, quando narra, precisa se lembrar de suas histórias, organizar esses acontecimentos, tem algo a dizer e uma maneira para dizer e, em certo sentido, inventa e é inventado nessas relações. Do modo como vemos, o entrevistado, ao contar suas histórias, passeia pela ficção, pois entendemos que nesse processo de organização da narrativa se criam versões que permitem que o entrevistado se estabeleça como um outro, visto que essa narrativa contada por ele também se constitui outra. Em outras palavras, existiria esse sujeito que narra e um outro sujeito narrado, diferente desse que narra e, nesse sentido, Albuquerque Junior (2011, p. 254) nos ajuda a pensar sobre isso quando afirma que

[...] o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra a sua própria vida. [...] Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91), é por meio da narrativa que “[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. No entanto, é importante ressaltar que não entendemos essa sequência como linear, pois “no espaço da memória não há linearidade, daí, ser o espaço para se pensar o tempo poético, aquele que não se permite amarrar a engrenagens mensuráveis” (GUIDA, 2013a, p. 48).

Ainda com relação à memória, recurso necessário e indispensável ao narrar, quando a pensamos relacionada ao tempo poético, nos distanciamos da leitura da memória somente relacionada com o passado e o presente, mas enquanto um diálogo que relaciona o presente, o passado e o futuro. Como afirma Guida (2013b, p. 10):

Houve um tempo em que se acreditava que a memória fosse apenas um repositório, um depósito de fatos acontecidos num passado remoto ou não. Mas hoje, sobretudo com a tentativa de destruição da metafísica ocidental por meio das reflexões engendradas por

importantes pensadores do século XX, entre eles situo Heidegger e Derrida, já se acredita que a memória possa ser pensada como algo que foi, como algo que é e como algo que será. Derrida, por exemplo, em texto produzido para render homenagens ao amigo Paul de Man, fala em memória narrativa, ou seja, aquela memória que se torna uma presença na ausência, uma vez que o passado, por meio das diferentes performances narrativas, sai da condição de mero reservatório de lembranças e se presentifica no presente, com vistas no futuro, rompendo, assim, com toda linearidade do pensamento tradicional quando se pensava a questão da memória e, por conseguinte, do tempo.

Pensar dessa maneira não é ignorar a relação da memória com o passado, mas entender sua relação também com o presente. Assim, concordamos que pela memória quem narra pode se recordar de acontecimentos que farão parte dessa construção narrativa, mas não somente isso, pois como nos diz Fernandes (2014, p. 902), “essa memória não é aquilo que lembra fatos, objetos e sujeitos, mas aquilo que os conhece, inventando-os”. Não podemos resgatar um acontecimento tal como ele ocorreu, mas consideramos que através da memória podemos (re)criar, produzir significados para acontecimentos vivenciados por nós.

De acordo com Ferrito (2014, p. 170) é através da memória que,

[...] o real é capaz de doar-se a nós enquanto mundo. Realizando-se o mundo, a memória guarda a presença de uma ausência que deve ser narrada para permanecer. Em nossa travessia pelo mundo, apelamos silenciosa a memória do real, que jaz encoberta. “Encoberta”, pois a memória é o que, encoberto, se desencobriu e, esquecido, permanece presente em cada realização e em cada narrativa. Os envios de mundo nos vêm como admoestações (*admonitio*. Verbo *admoneo*: fazer lembrar a outro algo dele que está esquecido) do que aqui chamamos de memória do real.

Relacionando com a questão da memória e considerando que nunca conseguimos retratar o que realmente aconteceu, entendemos que nenhuma narrativa sairá de um lugar que não seja minimamente reconhecível e identificável por quem narra e que, ao narrar histórias de uma vida, quem o faz “inventa” e é inventado nessas relações, o que abre espaço para pensarmos a ficção ao refletirmos sobre essas narrativas.

De acordo com Bruner (2014, p. 103), é através da narrativa que

[...] nós construímos, reconstruímos e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã. Memória e imaginação amalgamam-se nesse processo. Mesmo quando criamos os mundos possíveis da ficção, não desertamos do familiar, mas o subjuntivizamos naquilo que poderia ter sido ou no que poderia ser. Por mais que a mente humana tenha exercitado sua memória e refinado seus sistemas de registro, ela nunca consegue capturar o passado de maneira completa e fiel. Por

outro lado, ela jamais consegue escapar ao passado. Memória e imaginação são fornecedoras e consumidoras uma da outra.

Por ficção e invenção não entendemos algo falso, que se opõe à razão, algo irreal, pois assim como comenta Ferrito (2014, p. 98), “não há mais como pensar em dois princípios antitéticos do dizer que dividem real e i-rreal, pois ambos, real e ficção, se reúnem no princípio originário [...] de uma ação criadora de mundo”.

Compreendemos que as vozes que narram e que fazem da memória um recurso do narrar se utilizam, de certa forma, da ficção, ao criarem “mundos narrativos”, criarem um “eu” narrativo, tal qual o sujeito de papel e tinta de Albuquerque Junior (2011) e o poeta na visão de Ferrito (2014). Este poeta “[...] está no mundo que incessantemente se diz outro pelo dizer da linguagem. A linguagem “finge” mundos” (p.98).

Dessa maneira, diante de cada interlocutor, encontramos uma história de vida, um modo próprio de narrar, um mundo e um “eu” narrativos criados a partir da linguagem e, diante dessa investigação que vai acontecendo por meio desse emaranhado de histórias, uma pesquisadora descobrindo o trabalho com narrativas.

3 SOBRE TRAJETOS, ENCONTROS, DIÁLOGOS...

Figura 1 - Meu segundo encontro com dona Silvéria



Fonte: Acervo pessoal

Nesse momento do texto, o leitor provavelmente já conhece um pouco sobre os caminhos percorridos e que levaram à produção desta pesquisa. Todas as sensações, dúvidas e modos de olhar a respeito da temática, de certa forma, fazem parte da pesquisa e do início do meu caminho como pesquisadora, me arriscando a tomar novos rumos e tentando me perceber nesse processo.

Esse esforço de me perceber nos conduz à minha maior insegurança ao iniciar a produção desta dissertação: não encontrar interlocutores com os quais eu pudesse dialogar ao longo do trabalho. Quando disse isso à professora Luzia, ela propôs que tentássemos realizar esse trabalho com pessoas que estivessem próximas a mim, de alguma maneira. Essa provocação me movimentou, inicialmente, a buscar por interlocutores próximos aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS. Questionando meus colegas de turma, de 13 pessoas, 8 afirmaram conhecer e/ou conviver com pessoas analfabetas.

Esse primeiro mapeamento informal já serviu para abalar minha visão distorcida de mundo. Já comentei brevemente sobre essa preocupação em outro momento do texto, mas aqui gostaria de chamar atenção para quão sintomática é essa perspectiva. Será que essa minha preocupação é resultado da visão de um mundo em que parece não existir analfabetos, justamente porque já não é feito para pessoas que tenham esse modo de existência? Refletindo sobre isso enquanto escrevo este texto, só consigo pensar na invisibilidade dessa questão para mim, naquele momento.

Em, agora, grande esforço até consigo compreender meu pensamento naquele momento (embora com certo constrangimento), quando considero a construção do analfabeto enquanto o “outro”, sempre em falta com relação à norma. Vivemos em um mundo em que parece operar uma lógica de silenciamento de modos de ser, uma lógica que constrói o mundo enquanto uma rede discursiva que exclui certas possibilidades de estar nele, e o analfabetismo é uma delas.

Durante a busca por interlocutores, pude perceber que essa questão estava mais próxima a mim do que eu imaginava, inclusive serão perceptíveis nas narrativas as referências à minha família, parte daquela provocação inicial. Assim, demos início a esta investigação. Nesse movimento de encontrar pessoas próximas, realizamos 6 entrevistas: duas delas em Campo Grande e quatro em Guia Lopes da Laguna, cidade onde cresci e onde residem meus pais. Conversei com a dona Dionésia e com a dona Quitéria em Campo Grande; em Guia Lopes da Laguna conversei com a dona Silvéria, dona Amaranta, seu José Vitor e seu Jadyr.

Logo no início da pesquisa, escolhemos não nos comprometer com uma metodologia em específico, com liberdade para dialogar com metodologias e teorias que fizessem sentido para a investigação, conforme ela fosse sendo desenvolvida. Para a produção das narrativas, buscamos apoio nos princípios e procedimentos da História Oral, que se refere à criação e valorização de narrativas orais como fontes de pesquisa (SILVA; SOUZA, 2007).

Ao trabalhar com História Oral, os pesquisadores se tornam criadores de fontes, pois segundo Garnica (2012, p. 101):

[...] constroem, com o auxílio de seus depoentes/colaboradores, registros que são “enunciações em perspectiva”; registros cuja função é preservar a voz do depoente – muitas vezes alternativa e dissonante – que o constitui como sujeito e que nos permitem (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê.

As fontes construídas a partir da História Oral são consideradas historiográficas. De fato, essas narrativas nos ajudam a construir uma história, mas é importante esclarecer que a História Oral não é mobilizada exclusivamente em investigações dessa natureza, mas também em trabalhos que não se pretendem historiográficos, como é o caso desta pesquisa. Sendo assim, as fontes são historiográficas no sentido de

[...] registrarem perspectivas de um modo comprometido, responsável, ético; são historiográficas por serem o registro de uma verdade – a verdade do sujeito –; são historiográficas pois “falam” de um tempo, de uma condição, de um espaço, de um modo de existir, de falar, de se portar; são historiográficas, portanto, num sentido amplo, aquele no qual a concepção de historiografia passa a aceitar como legítima a presença de subjetividades para entender a duração, as alterações e permanência das “coisas” no tempo e no espaço. Assim, preocupações em torno do conceito “história” [...] estão no cerne do trabalho do oralista, mesmo que suas fontes não sejam constituídas especificamente para disparar trabalhos “propriamente historiográficos” (GARNICA, 2012, p.89).

Dito isso, gostaria de comentar brevemente como se deu o processo de produção das narrativas. Quando optamos por trabalhar com a História Oral, somos orientados por um conjunto de ações a serem realizadas, enquanto procedimentos que podem e devem ser problematizados. Nosso primeiro movimento se deu na direção da criação de um roteiro para as entrevistas com algumas temáticas pré-estabelecidas. Nas entrevistas, perguntamos sobre a relação dos entrevistados com a escola, sobre a imagem construída acerca dela, do incentivo ou não dos pais em relação a frequentarem a escola e deles próprios em relação aos filhos; perguntas relacionadas à rotina dos entrevistados e, ainda, questões relacionadas à matemática.

Todas as entrevistas aconteceram nas casas dos interlocutores e seguiram um tom informal, de diálogo entre entrevistador/pesquisador e entrevistado e, por vezes, entre outras pessoas que estavam no local e se sentiam confortáveis em conversar conosco. O roteiro preparado nos serviu como base para as entrevistas, mas aberto o suficiente para aproveitar as experiências a serem relatadas pelos entrevistados, incluindo perguntas disparadas pelas histórias que ouvíamos.

As entrevistas foram gravadas somente em áudio e, posteriormente, transcritas⁵. Esse procedimento equivale a degravação do material, de modo mais fiel

⁵ Mais informações sobre História Oral, bem como sobre os procedimentos de transcrição e textualização podem ser encontradas em Garnica (2012).

possível, já que estamos nos referindo a um outro texto, agora um material escrito. No processo de textualização, a intenção é modificar esse texto, de maneira a produzir uma narrativa mais fluida. Gostaria de voltar nesse ponto logo mais.

Ainda sobre a textualização, compreendemos que, ao modificar a entrevista e mexer na estrutura do texto, deixamos nossas marcas, e aquela narrativa se torna uma colaboração entre pesquisador/entrevistador e entrevistado. Existiu, nesse momento, uma preocupação em tentar não descaracterizar a narrativa do entrevistado, pois cada interlocutor possui uma maneira própria de falar e de se expressar. Nosso esforço seguiu no sentido de tentar preservar ao máximo as marcações orais dos nossos interlocutores. O texto produzido a partir da textualização é o que chamamos de narrativa.

Ao realizar a pesquisa, nos colocamos por caminhos que, por vezes, nos obrigam a refletir acerca de alguns aspectos relacionados à construção e à mobilização dessas fontes orais. Nossos interlocutores não tiveram ou tiveram pouco contato com a educação formal, e têm lidado com as entrevistas como um diálogo, uma conversa. Assim também lidei enquanto em sua presença e, agora, os convido a se juntar a nós.

Um primeiro movimento de textualização, questionado nas sessões de orientação, foi o de reescrever frases que eu considerava erradas, de modo que a fala do meu entrevistado analfabeto se assemelhasse a de uma pessoa alfabetizada. Minha atitude evidenciava uma certa postura colonizadora quando, tendo como referência o discurso acadêmico, parecia meu papel “protegê-los” nesse novo lugar. Esse engodo me levou à produção de alterações como as que seguem:

Antes	Depois
“Eu num quero que meus filho seja que nem eu”	“Eu não quero que meus filhos sejam iguais a mim”
“Quando eu era pequena nós morava tudo no mato, em seguida meu pai deixou da minha mãe, e minha mãe cabou de criar nós tudo assim, trabalhando com os outro, deixava a gente na casa alheia pra ela ir trabalhar”	“Quando eu era pequena nós morávamos no mato, em seguida meu pai deixou a minha mãe, e minha mãe terminou de nos criar trabalhando com os outros, deixando todos nós na casa dos outros para ela ir trabalhar”

Nesse momento, gostaria de comentar sobre a questão que pontuei anteriormente, de que a textualização nos permitiria produzir uma narrativa mais fluida. Esses dois pensamentos, a meu ver, representam grandes marcas da colonialidade do saber, já que existiria uma maneira correta de falar, de escrever, que não estaria de acordo com a primeira versão das narrativas. A colonialidade do saber se manifesta, em poucas palavras, quando uso o saber que tenho sobre o saber do outro, e foi justamente isso que fiz. Além disso, qual seria o objetivo de “dar fluidez” ao texto? Para quem eu quero que esse texto se torne fluido? A fluidez pode estar/está na capacidade de leitura de uma determinada linguagem? Por si só, penso que a condição de pesquisadora já diz de uma hierarquia que é colonizadora.

Se meu movimento de produzir um texto próximo do que se considera a norma culta coloca em evidência uma postura colonizadora, a escolha de reescrever na tentativa de manter a grafia das palavras próxima da maneira que foram pronunciadas também. Digo isso pois todas as marcas presentes nas narrativas são fruto de escolhas que caracterizam um sujeito. Acentos, pontuações que quebram frases ditas em um único fôlego são exemplos disso.

Aqui, tento evidenciar e pensar algumas das minhas posturas colonizadoras no processo de textualização das entrevistas, mas estou certa de que existem muitas outras que eu sequer tenha percebido. Penso que não há como me libertar totalmente dessas posturas, pois se pensarmos, talvez não exista nada mais colonizador do que o processo de devolutiva das textualizações para a liberação do material a ser divulgado, através da assinatura da carta de cessão de direitos; ao menos não no contexto desta pesquisa.

Enquanto uma questão ética, necessito de autorização de quem me concedeu a entrevista para tornar esse material público, mas com relação a esta pesquisa, essa etapa precisa ser repensada. Esse método de conferência e negociação só funciona para um certo modo de vida, que é o do leitor. No nosso caso, o que aconteceu foi um movimento insano de eu dizendo a eles o que eu acredito que eles teriam dito a mim.

Quanto às autorizações, não encontrei dificuldade por parte de nenhuma pessoa que conversei, todos concordaram em assinar. A leitura de cada textualização e de cada carta de cessão foi feita por mim, e de modo geral, todos sabiam assinar o nome. No caso da dona Quitéria, ela assinou o que ela chama de “rabisco”, e depois com a digital; já a dona Silvéria me pediu ajuda para soletrar as letras de seu nome,

pois só sabia uma parte. Nesse momento, podemos pensar: O que é um documento como este para uma pessoa que não está apta a ler documentos?

Fazer a leitura de um documento repleto de termos acadêmicos e pedir uma assinatura me parece uma clara manifestação de como opera a violência epistêmica. E foi assim que me senti, com a sensação de estar sendo violenta. No entanto, pensamos que o que era mais legítimo para aquelas pessoas, naquele momento, aconteceu: a confiança. Em resposta à academia, produzi documentos de cessão de uso das entrevistas; mas o compromisso ético efetivamente se deu na relação, na oralidade, no compartilhamento de lembranças.

Acredito na impossibilidade de ser totalmente livre de posturas colonizadoras. A realidade é que não temos solução para isso, mas podemos sempre estar atentos e pensar em estratégias melhores para lidar em situações como essa. Dessa forma, relatei aqui algumas problematizações acerca do que consigo perceber quanto à minha postura a partir dos movimentos de construção dessas seis narrativas.

Quanto às narrativas, optei por mantê-las na íntegra, para que todos possam conhecer melhor essas seis histórias que me ajudaram a compor esta pesquisa. Durante o processo de textualização retirei todas as minhas perguntas, logo mais estão as respostas, as fugas, os conselhos.

3.1 ME RESPONDA ESSAS PERGUNTAS IGUAIS

me responda essas perguntas iguais

que eu preciso

que eu preciso ouvir

que eu preciso anotar

que eu preciso pesquisar

que só eu preciso

que eu só preciso

sentir

e não sinto

me responda essas perguntas iguais, Dionésia

que eu preciso

que eu, Dionésia, preciso ouvir

que eu preciso anotar
que eu preciso pesquisar
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

e não sinto

me responda essas perguntas iguais, Quitéria
que eu preciso
que eu preciso ouvir
que eu preciso anotar
que eu preciso pesquisar, Quitéria
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

e não sinto

Amaranta, me responda essas perguntas iguais
que eu preciso
que eu preciso ouvir
que eu preciso anotar, Amaranta
que eu preciso pesquisar
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

e não sinto

me responda essas perguntas iguais, José Vitor
que eu preciso
que eu preciso ouvir
que eu, José Vitor, preciso anotar
que eu preciso pesquisar
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

e não sinto

me responda, Silvéria, essas perguntas iguais

que eu preciso
que eu preciso ouvir
que eu preciso anotar
que eu preciso pesquisar, Silvéria
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

 e não sinto
me responda essas perguntas iguais, Jadyr
que eu preciso
que eu preciso ouvir, Jadyr
que eu preciso anotar
que eu preciso pesquisar
que só eu preciso
que eu só preciso
sentir

 e não sinto
Quitéria, me responda essas perguntas iguais
que eu preciso, José Vitor
que eu preciso ouvir, Amaranta
que eu, Dionésia, preciso anotar
que eu, Jadyr, preciso pesquisar
que só eu, Endrika, preciso
que eu só preciso, Silvéria
sentir

 e não sinto
acreditava que precisava de verdade
acredito que você precisa
você acredita que precisa?
eu acredito em você
agora
depois de você
eu sinto
não o que você sente

mas o movimento
mas o movimento
que você me fez
sentir
diferente⁶

⁶ Poema de minha autoria.

Conversa com Dona Amaranta Florenciana Santiago

Nos encontramos no dia 19/01/2018, em Guia Lopes da Laguna/MS

Meus pais conhecem há bastante tempo a dona Amaranta e o seu José Vitor, seu marido que também entrevistei, e foi por intermédio deles que consegui marcar as entrevistas. Cheguei na casa deles em uma manhã de sexta-feira, a dona Amaranta foi quem me recebeu e me disse que o seu José Vitor logo chegaria.

Ela me recebeu bem, foi simpática, me pareceu um pouco séria, não falou muito, e conversamos na varanda de sua casa, registrei nossa conversa somente em áudio. Minha mãe foi comigo para me ajudar na gravação, e em alguns momentos se juntou a nossa conversa, assim como uma senhora que chegou durante a entrevista, cliente da dona Amaranta.

Meu nome é Amaranta Florenciana Santiago, pra falar bem a verdade, bem aonde eu nasci eu não sei, porque uns fala que é Bocajá, não sei, é aqui perto de Ponta Porã, pra esses lado, no dia 7 de novembro de 1949.

Eu fui poucas vezes na escola, quando eu era criança estudei um ano assim, numa escolinha particular que meu pai pôs, mas eu não aprendi nada porque era muito dificultoso, era muito longe, muito difícil pra gente ir estudar, chegava de noite, não aprendi nada também. Eu deixei de ir porque naqueles tempo era assim, não tinha escola pública né, aí juntava uma professora particular, o fazendeiro que arrumou mas daí depois num deu certo, fechou a escolinha e foi isso mesmo, só um ano que eu fui. Eu falo assim que agora tá fácil pra você estudar, em todo lugar tem, em fazenda eles dão aula, naqueles tempo era difícil, naqueles tempo era difícil...

Aí depois eu estudei um pouquinho aqui com a Maria José, na igreja ali, ela que dava aula pra nós, pros adulto, era vinculado com a escola mesmo, mas foi pouco tempo, eu não sei bem não, mas acho que uns meses só, daí acabou. Mas aí eu fui convidada pra estudar, mas eu não fui mais. A professora Cida alí, insistiu pra mim ir estudar, mas eu falei “Ah, Cida, eu num vou estudar mais, eu tô de idade já”, e ela falou “Ah, mas num tem idade pra estudar”, aí num fui mais também.

Eu conheço as letra e os número, mas conforme o nome assim, eu leio, algum nome passa e as vezes eu escrevo, conforme o nome, mas é igual eu tava falando com seu pai, as letra que tem duas no mesmo nome, aí eu não consigo, no caso dois

L, dois N né, tem muito, aí já num consigo ler assim, no mais fácil eu leio. Eu só num sei escrever, conforme as letra eu num sei escrever tudo, mas eu conheço as letra.

Naquele tempo que eu estudei era da palmatória, só que graças a Deus, eu e minha irmã nunca apanhemo com palmatória, mas tinha um menino lá que todos os dia, e três irmão que tinha. Também ponhava de castigo no pé da porta, a rua passava bem assim e a professora ponhava os três de pé na porta estudando pro povo ver, mas graças a Deus nós não precisou porque a gente não era assim tão rebelde. O próprio filho da professora memo todo dia apanhava na mão, todo dia, o próprio filho dela, e não se exemplava.

Nem eu e nem minha irmã nunca fiquemo de castigo, nem nunca bateu na nossa mão, mas é triste aquele negócio da palmatória. Abria a mão e batia com a palmatória se fazia as coisa errada ou se era desobediente, porque agora num pode mais né, mas primeiro podia.

Meus pais me incentivavam a ir pra escola, mas eu parei mesmo porque fechou, naqueles tempo não tinha mesmo, era muito difícil. Os meus irmão já teve mais um pouquinho de estudo, uns tiveram mais um pouquinho porque já foi mais fácil, mas num foi grande coisa também não. Eu incentivei meus filho, mas como diz, muitos já num estudou porque não quis mesmo, né? O Rogério estudou um pouco, mas parou na sexta série, a Cleonice e o Jair também, e eu falei pra eles “Vocês moram dentro da escola, pode dizer”, mas num querem estudar mais, aí num posso fazer nada, já estão adulto.

O pessoal sempre diz que a quinta série é a mais difícil, o povo comentava, mas não sei, de certo tinham medo né? Mas os meu também toda vida trabalhou, eu acho as vez que cansa também né? Eles trabalhavam, todos eles trabalhou, graças a Deus, como diz, não tem estudo, mas são tudo trabalhador, mas hoje tudo faz falta.

Eu acho que faz falta, muita falta, porque eu falo que a gente não teve estudo e a gente depende dos outro pra tudo, é tudo os outro. Eu memo dependo de tudo dos outro, conforme as coisa tenho que tá pedindo pros outro. Esses tempo memo eu recebi um negócio aqui e tive que levar ali pra Neiva ler pra mim, porque a Rosimeire tava pra Campo Grande, aí a Neiva leu pra mim. Pois é, a gente tudo depende dos outro, se é uma coisa que a gente num quer que os outro saiba... Mas graças a Deus esse num era não.

Esses tempinho memo eu fui pagar uma conta de celular, mas a conta num veio, num veio o boleto, aí eu pedi pra minha guria e ela disse “Não, vai lá na lotérica

que eles tira pra senhora”. Fui na lotérica, num tirou, falou “Vai lá no Esteio Rural”, no Esteio Rural também não, aí já me deu raiva, sabe? Falei pra ela “Você viu como é ruim depender dos outro?”, e ela lá dentro do carro, eu falei “Vou embora, não vou pagar mais essa porcaria!”, então ela pegou e foi pagar pra mim. Ela num podia ter feito pra mim na hora que eu pedi? Fui lá na lotérica, da lotérica fui no Esteio, voltei no carro e ela pegou e fez pra mim, então podia ter feito pra mim na hora que eu pedi aquilo, né? Eu ainda fiquei brava e falei para ela “É ruim depender dos outro, né?”.

Que nem pra ir em Campo Grande memo, eu dependo dos outro lá porque eu num sei andar sozinha lá, eu num arrisco mesmo a andar sozinha, mas gente que sabe ler é bem mais fácil, vai lendo tudo e vai decorando as coisa.

Naquela época quando eu era nova eu tinha vontade de estudar, mas agora, como diz o outro, agora já tô de idade também, num tô ligando muito mais não, mas faz falta sim, faz muita falta, principalmente nesse ponto que eu tô falando pra você, em não depender dos outro.

No meu dia-a-dia eu faço serviço de casa mesmo e vendo minhas coisa, essas coisa que eu pego pra vender, lençol, roupa de cama... É isso, eu trabalhei muito tempo de empregada doméstica, lavei roupa pra fora, num tenho vergonha de falar que eu fiz memo, trabalhei, lavei, mas agora eu num faço mais porque num aguento mais mesmo, mas se eu pudesse eu ainda fazia.

Nas minhas venda, quando a pessoa compra eu anoto num caderno, eu tenho um caderno que eu ponho o nome da pessoa, anoto ali. Depende, se eu sei escrever o nome da pessoa, eu mesmo escrevo, se eu num sei, a pessoa escreve. Eu falo que eu já aprendi alguma coisa no negócio de vender as coisa, na hora de marcar, eu já aprendi muitas coisa. Se eu pego um lençol ou um jogo de lençol, eu marco, às vezes eu mesmo que escrevo, porque já faz tempo que eu vendo.

As vezes eu vendo pra alguma pessoa, que nem sempre eu vendo em Campo Grande, e às vezes eu memo marco o nome da pessoa, conforme a pessoa eu marco. Se ela comprou várias coisa, pra saber quanto ela comprou, eu vou fazendo, eu faço as minhas conta de cabeça, né? Na caneta, na calculadora eu num sei mexer não, só de cabeça. Eu marco tudinho, marco tudo, eu coloco o objeto e marco o preço, e depois eu vou fazendo a conta de cabeça.

As vezes eu faço a conta primeiro, que nem ali a dona Irvana veio comprar uns lençol, umas colcha, ela fez a conta e falou “Depois a senhora faz a conta pra senhora ver”, eu fiz a conta e na conta dela dava dez reais a mais. Sempre ela fala “Vê se é

isso aí memo, se for mais ou se for menos, você me fala”, aí eu faço e dá certinho, às vezes dá mais.

Eu aprendi sozinha a mexer com dinheiro, pra somar eu vou ponhando, por exemplo, o 50, o 60, o mais difícil pra mim é os troquinho, os miudinho que é o mais difícil pra mim, mas eu faço, vou quebrando a cabeça e vou fazendo, tem hora que as vezes faço. Se a conta for redonda é mais fácil, mas memo que não for eu faço, eu só num posso tá fazendo e conversando, mas se eu tô sozinha e tranquila, eu faço. É um quebra cabeça, né?

Eu vou no mercado, mas quem mais faz compra aqui em casa é meu marido. Quando eu vou, de primeiro minha filha ia comigo, ela ia com a calculadora, mas agora memo eu vou sozinha, e lá na hora eles somam quanto que deu. Fazer compra muito grande é difícil, mas comprinha pequena não muito, mas compra grande nós num tamo fazendo mais, num gasta muita coisa mais.

Eu também viajo, pra cidade assim que eu vou é pra Campo Grande no médico e pra Dourados, são os lugar que eu vou. Eu vou de ônibus e lá as vez eu ando de carro, mas é mais de ônibus. Lá tem minha filha que vai comigo nos lugares, eu sozinha não ando lá, ela sempre vai comigo, eu tenho duas filhas lá, então quando num é uma, é outra, ou então o meu menino, o Rogério, me leva. Agora ficou mais fácil também porque minha guria, a Cleide, tirou carteira, antes ela tinha o carro mas num tinha a carteira, mas o marido dela trabalha viajando, ele é caminhoneiro, e ela dependia da sogra, mas agora ela tirou carteira, agora tá mais fácil porque o Rogério trabalha e pra sair tem que ficar pedindo pro patrão, aí fica ruim, né?

Eu também cozinho em casa, mas não uso receita, a receita que eu faço aqui é de pão, porque eu faço aquele pão caseiro, né? É a única receita, mas eu não tenho anotado, eu anoto na cabeça. De bolo assim eu faço no rumo, e quando vejo uma receita que passa na televisão eu num sei anotar, então eu faço de ver, mas num consigo gravar rápido assim, é muita coisa pra a cabeça. Nesse ponto eu já num tenho a ideia muito boa, tem pessoa que vê uma coisa e já grava aquilo na hora, eu num sei, demoro para gravar.

Telefone mesmo eu demoro pra gravar. Eu tenho celular, mas eu anoto o número das pessoa no papel porque eu num sei puxar no celular, eu num consigo puxar no celular, aí eu marco no papel, num caderninho que eu tenho, aí quando eu vou ligar eu olho no número lá, ou então eu decoro, que nem agora, já tem três pessoa que eu decorei, que é da Rosimeire, da Cleide e da Elenes, esses eu sei de cor, num

preciso nem olhar, eu já ponho lá e ligo, mas os outro eu olho, e quando me ligam eu só sei quem é quando atendo, mandar mensagem eu também num sei.

Os número tem anotado no celular, mas eu num sei puxar. Esses dia memo o Rogério me ensinou, falou “Mãe, puxa aqui”, marcou os número lá pra mim puxar e eu consegui, aí ele falou “Ó aí ó”, mas depois eu esqueci tudo e num consegui, aí falei “Larga mão, vou marcar no papel memo que a hora que precisa eu vou lá”.

Porque eu falo assim, tem pessoa que num sabe nem ligar, a minha irmã memo que mora em Dourados, às vezes eu pergunto o número de algum deles lá e ela fala “Ah, eu num sei, é só fulano pra passar porque eu num sei, num sei passar o número”, mas eu já sei, se eu olhar eu já sei passar pra outras pessoas, eu passo. Essa minha irmã é mais velha que eu e tem menos leitura ainda, porque ela não estudou nada. E também faz tempo que eu tenho celular, e vai acostumando.

Quando você pergunta sobre matemática, acho que matemática é pra ver conta, essas coisa, né? Eu num sei se tá certo, eu acho, se é para mais coisa, num sei. É bom, mas eu memo num sei. Se eu tivesse matemática na escola tinha que me ajudar, né? Eu acho que ajudava mais, sim, nessas coisa memo que eu tô falando, de conta, negócio de venda, no celular, essas coisa assim.

Você me pergunta se ia mudar alguma coisa na minha vida se eu tivesse ido na escola, eu acho que sim, mas é como diz o outro, aí já tá dentro de mim memo, porque as pessoa me chamou, né? Eu que não fui, a gente vai ficando de idade e vai ficando cansado também. Teve uma época que eu comecei a estudar com a dona Ivanir, do seu Paulo, mas eu sempre cuidava dos meus neto, da Cris, ficava comigo, e o dia que o Vitor, meu marido, não tava em casa eu num podia ir porque se você vai levar criança na escola você não faz nada, né? Aí já não ia também. Agora eu acho que eu num aguento mais, eu falei “Ah não, quando eu começar a querer aprender eu já vou bater as botas, num adianta nada o sacrifício”.

Na tarde do dia 16 de julho de 2018 fui novamente na casa da dona Amaranta, dessa vez com a textualização da entrevista. Nós havíamos marcado na parte da manhã, mas ela esqueceu e foi visitar uma amiga, então conversei com o seu José Vitor e fiquei de voltar a tarde para falar com ela.

A leitura da textualização foi feita por mim e registrada em áudio e vídeo. Expliquei à dona Amaranta que esse texto iria fazer parte da minha dissertação, e

que poderia ser modificado, retirando ou acrescentando informações, pois o material seria divulgado, mas ela não quis fazer nenhuma modificação.

A leitura da carta de cessão, bem como o preenchimento dos dados foi feito por mim, e registrado em áudio.

Conversa com Dona Dionésia Faustino da Silveira

Nos encontramos no dia 16/07/2017, em Campo Grande/MS

A entrevista com a dona Dionésia foi mediada pela Bárbara, minha amiga desde 2012, ano em que iniciamos a faculdade, e agora colega de mestrado, pois o namorado da Bárbara é neto da nossa entrevistada. Eu já a conhecia, mas a chamava de “vó”, que é como eu ouvia todos da família a chamarem.

Fui em sua casa em um domingo à tarde, foi a Bárbara que me recebeu, pois a dona Dionésia estava recebendo a visita de amigas. Quando as amigas foram embora, ela foi até a varanda onde estávamos e conversamos informalmente por alguns minutos, até que ela começou a contar histórias que eu gostaria de registrar e, então, pedi para que eu registrasse em áudio, começando naquela narrativa nossa entrevista.

A dona Dionésia foi simpática, me contou muitas histórias de sua vida e fez algumas brincadeiras durante a entrevista, e quando se lembrou que estava sendo gravada me pediu para não colocar essas partes. Penso que a Bárbara teve um papel importante na entrevista, pois em vários momentos fazia questionamentos mais pontuais e lembrava de coisas que serviram como disparadores para a narrativa, rendendo várias histórias que possivelmente não seriam contadas se a entrevista tivesse acontecido só comigo.

Meu nome completo é Dionésia Faustino da Silveira, eu nasci em Minas Gerais, na cidade de Muzambinho e tenho 76 anos.

Eu fui na escola quatro dia, deixa eu contar a história. Eu fui na escola quatro dia, minha mãe não mandou, eu fui porque eu quis, porque meu pai nunca mandava nós ir na escola, nunca. Ninguém aprendeu a ler, nem eu, nem meus irmão, nem a minhas irmã, ninguém da família. Meus irmão aprendeu depois que casou porque as mulher era professora, o meu irmão que mora em São Paulo aprendeu com minha cunhada, e o outro meu irmão também. As minhas irmã morreu tudo burra que nem eu mesmo.

Daí eu fui na escola esses quatro dia, eu fui muito bem, aí o menino quis me bater, cê vê, quatro dia. Aí não sei o que eu falei pro menino, respondi ele e ele quis me bater, o menino era maior do que eu, então eu peguei e saí da escola e fui embora

pra casa. Não contei pra mãe, não contei pro pai, não contei pra ninguém e saí da escola. Não fui mais, nunca mais vortei na escola, nunca mais estudei na vida.

Aí depois de véia eu fui estudar de novo lá em Mundo Novo, fui bastante na escola nossa do CCI que tinha lá, não sei como é que fala também, é a mema coisa, tem professor, tem aula, tem essa mema coisa de aula do primeiro ano, aula do terceiro ano, tem tudo. Quando eu fui estudar eu tinha mais de cinquenta anos, depois de velha, foi depois que meu marido faleceu que eu fui estudar. Eu estudei um ano mais ou menos, aí a professora falou que ia me dar o deproma que eu tinha passado, mas eu não sabia nada, como é que eu tinha passado? Eu não tinha conseguido aprender a ler nada, eu falei “Pois eu não sei nada”, por que ela vai me dar um deproma sem eu passar? Eu nem lá não vortei.

Lá tinha aula de todas as matérias, mas não é esses negócio de português e matemática que você tá falando não, era pra analfabeto só, pra aprender a ler, o ABC, tudo essas coisa. Depois começaram a passar continha, que a continha eu continuei fazer, eu fiz bastante conta, umas par dela acertei, mas só não aprendi a ler, escrever ainda eu escrevo. Eu escrevo quase qualquer nome, tem umas letra que eu não sei bem ainda, mas pouca letra, mas eu sei escrever. Escrevo Maria, uns par de nome que não tem o H, que não tem aquele X, que não tem aquele... Não sei qual é o outro lá.

Eu penso que a escola pra mim não serve mais, só para quem é novo, pra mim não. Se a gente tivesse aprendido quando era novo, a cabeça da gente é outra quando é nova, agora depois de véia a cabeça não funciona bem não.

Quando tive meus filhos eu incentivei, eu tive 7 filhos, por mim eles foram na escola, se não fosse a gente brigava, fazia ir, sabe? As menina trabalhava, a Jô memo trabalhava na roça até meio dia e depois ia pra escola estudar.

Meus filhos estudou, tudo eles estudou, eu incentivava, só não estudou tudo que era pra estudar. Quem estudou mais foi a Jô porque ela foi servir o convento, foi estudar pra irmã, daí ela estudou mais, ela é a que tem mais estudo da família, o resto tudo tem um pouquinho, tudo pouquinho, só até o segundo ano, quarto ano, não sei como é que é, esse negócio aí eu nem sei falar direito. Ninguém fez faculdade, a Jô começou a fazer faculdade, não sei se ela terminou, mas foi só ela, as outra ninguém fez.

Hoje eu tinha vontade de ter aprendido quando era mais nova. Se eu tivesse aprendido naquele tempo que eu era mais nova, tivesse ido na escola, aprendido a

estudar pra mim hoje era bom viu, hoje era outra coisa, outra vida. Eu podia me virar, viajar sozinha, eu podia ter aprendido a dirigir, eu podia ter aprendido tudo, eu não aprendi nada, nada, eu não aproveitei nada da vida.

Eu não ter ido na escola trouxe muita dificuldade, nossa, a maior coisa que tem no mundo é o estudo. Mesmo sem estudo eu consigo fazer muitas coisas, mas se eu tivesse estudado, se eu soubesse leitura, eu ia sozinha pra São Paulo, você pensa que eu ia depender dos outro? Eu não, eu ia sozinha.

Aqui em Campo Grande quando eu quero ir em algum lugar eu aprendo primeiro as coisas, gente me ensina. Um dia uma colega minha levou eu lá no CCI⁷ pra eu aprender, ela foi explicando pra mim assim: “Ó, quando você chegar nesse terminalzinho aqui ó, na hora que virar aqui você já puxa a cordinha que você vai parar lá no ponto”. Então eu aprendi com ela.

Nos outros lugares eu quase não vou sozinha, se for pra mim ir na cidade sozinha eu não vou de ônibus. Ontem eu fui com minha colega visitar meu amigo, mas minha colega sabe leitura, então ela anotou no papel tudo certinho, o endereço certinho, ela olhava no endereço e nós foi. Quando não tem uma pessoa pra ir comigo eu não vou porque eu não consigo, nem perguntando, porque eu tenho medo, eu tenho medo de se perder. Eu tenho medo, por isso que eu falo que a gente quando tem a leitura, você não tem medo de qualquer lugar, eu tenho muito medo, medo de tudo na vida, só não tenho medo de sair no escuro, de sair se eu ver um barulho, mas de sair pra cidade e encontrar um homem, eu já tenho medo, tenho medo até de homem.

O que eu costumo fazer é só cuidar da casa, lavar louça, eu vou nos baile, vou dançar, vou viajar. Mas quando eu vou viajar vou com a Janete, que é dona da agência de turismo, se não fosse ela arrumar do jeito que ela faz pra nós eu não ia, porque ela é uma mãe pra gente, então eu vou com ela. Com ela eu nem cismo de andar, aonde chega nós para, é todo mundo reunido, sabe? As companheira tudo junto, as colega tudo junto, brincando, caçoando, contando causo, contando piada dentro do ônibus. Você precisa ver que que nós apronta dentro do ônibus, canta, faz qualquer coisera, brinca muito.

Durante a semana eu vou no CCI, na Vó Ziza, eu vou a semana inteira, só não vou sábado e domingo. Lá é muito cheio, nossa, começa 7 hora e termina 5 hora. Eu

⁷ Centro de Múltiplas Referências e Convivência do Idoso – Vovó Ziza.

gosto de ficar lá, eu faço hidroginástica, eu faço a hidro segunda e quarta, na terça e na quinta eu faço curso de dança com o professor, e eu comecei fazer alongamento também com a professora, aí depois dei uma parada no alongamento porque eu queria passar para de manhã e não tinha vaga pra mim, e sexta é o baile, sexta é só a dança mesmo, mais nada. Lá no CCI tem de tudo, tudo que você procurar pra fazer. Tem bordado, crochê, tapete, dança, alongamento, pilates, psicólogo, dentista. Eu passei pra psicóloga lá, e de vez em quando o dentista vai lá pra dar uma palestra pra nós, ensinar nós como é que escova os dente, como é que faz, mas só que tudo que ele ensina eu já sei, já fiz tudo.

Eu tenho um monte de amiga lá no CCI, você precisa ver, quando eu vou chegando, de longe todas elas já fala “Vem aqui jogar comigo”, tudo quer jogar dominó comigo. Os amigo chega na beira da mesa e fala “Eu posso sentar aí?”, e eu falo “Pode ué, por que não? Pode sentar!”.

Lá eu vou de ônibus, eu aprendi a andar de ônibus, essa mulher me ensinou, essa amiga minha. Agora no CCI, ih, não tem perigo, não perdo de jeito nenhum, eu vou e volto a qualquer hora. Eu sei que o ônibus que eu tenho que pegar é o 72, eu sei os número todinho, só não sei ler.

Fazer os número eu faço todinho. Quando vou ligar pras pessoas eu sei que o número é delas porque eu coloco um número pra ajudar, e esse número que fica na minha cabeça, eu decoro. Quando vou ligar pra Bárbara eu sei que é ela porque tem o número 2 por último. Que nem meu amigo seu Jorge, eu ponho o número 10 na frente, e quando eu ligo pra ele, porque eu converso com ele, eu sei que o 10 é o número dele. Daí eu pego, eu óio também, aquele eu sei que é o dele por causa que eu sei o número, e eu sei que ali é o nome dele que tá lá. Eu ponho o 2, eu ponho o 1, eu ponho o 3, eu ponho o 4, o 5. A Osana é dois 0, a Bárbara é o 2, o João, meu genro, também é o 2, mas eu sei que é o da Bárbara porque é ali junto com o da Armelinda, que é primeiro. O da Armelinda é primeiro, depois é o da Bárbara, e o do João já é junto com o do Bruno, que já é mais longe. O da Jô não tem número, eu sei que tá ali porque é duas letra só, aquelas duas letra eu sei que é ela.

Figura 2 - Agenda do celular da dona Dionésia



Fonte: Imagens disponibilizadas por dona Dionésia.

Eu uso o WhatsApp também pra mim mandar as coisas pros outro, mas mensagem eu não mando porque eu não sei ler pra mandar mensagem, então eu mando vídeo, áudio, essas coisa. Eu mando, apago, se eu conversei com o meu amigo eu apago tudinho.

Quando eu vou no CCI, na Vó Ziza, eu pego o 72, mas quando eu vou em um lugar diferente eu vou com uma amiga, ou com meus netos, o Thalles e o Bruno, mas eu nunca tentei ir sozinha. Eles me leva de carro, aí eu ligo pra eles e eles vem me buscar, aí eu fico tranquila.

Eu vou no mercado, mas vou junto com a Bárbara ou com meus netos, o Thalles e o Bruno, é assim. Eu faço uma lista, mando marcar as coisa todinha que eu quero, aí eles vão oiando e vão pegando. Eles que marca na lista, eles escreve

tudinho, quando é a Bárbara é a Bárbara, quando é o Thalles é o Thalles e quando é o Bruno é o Bruno.

Mas eu também sei pegar tudo, que nem aquele dia que eu fui com o Thalles eu fui sem lista, e daí eu fui oiando e fui lembrando do que eu precisava. O Thalles tem paciência, ele perguntava “Vó, tá faltando alguma coisa?”, aí eu pensava “Ah, tar coisa”, e ele falava “Então vamo lá, pega o carrinho e vamo lá”, aí eu pensava de novo nas coisas que precisava e pegava, é assim.

Na hora de pagar quem paga mais é eles, eles fala “Dá aqui o dinheiro vó”, aí eu pago. Se a mulher do caixa falou “Deu 500, deu 300”, eu pego, tiro o dinheiro e dou pro Thalles e ele passa pra mulher. Mas eu sei contar dinheiro, ninguém passa eu pra trás mais não, nesse ponto aí não.

Quando meu marido morreu, eu não sabia contar dinheiro, não sabia nem que jeito que era dinheiro, nunca peguei na mão, fui aprender depois, sozinha. Quando eu comecei a receber aposentadoria, eu pegava o dinheiro, chegava em casa e ficava ali oiando o dinheiro, ficava contando aquele dinheiro até aprender, contando se era 100, se era 200, se era 300, se era 5, se era 10, se era 20, eu ia contando até que aprendi. Sozinha. Meu marido nunca me deu um tostão, nunca deu um centavo pra mim, eu não conhecia dinheiro.

Se a gente queria uma roupa, a gente ia com ele lá e pegava a roupa, ele pagava e pronto, cabou. Se queria comer alguma coisa ele comprava e falava “Vai pegar lá o que você quer”, a gente pegava, ele pagava e pronto, cabou. Mas dar na mão da gente, não. Depois que ele morreu eu fui obrigada a aprender.

Eu cozinho, mas não uso receita. Para cozinhar eu sei tudo as medidinha, tanto que se chega uma pessoa eu aumento o arroz, aumento tudo o que eu vou fazer, e nunca falta, sempre sobra um pouco, não muito, mas eu sempre faço um pouquinho a mais pra sobrar. Eu tiro assim pelo tanto que eu comia antigamente, agora hoje eu não como mais, hoje a minha comida é bem pouquinha, não é igual antigamente, diminuiu bastante. Antigamente a gente comia marmita cheia de comida, hoje não come mais, hoje é três, quatro colher de arroz já encheu. Acho que o bucho da gente diminui, quando vai ficando véio vai diminuindo tudo, vai acabando tudo.

Às vezes que uso receita eu pego na televisão, essas coisas, sabe? Passa uma receita lá e eu vou tentar fazer, as vezes é facinho de fazer e eu anoto na cabeça. Se eu vejo também no vídeo uma coisa eu tento fazer, que nem eu vi ontem o remédio pra estresse, da banana, que é bom pra saúde. Hoje eu fiz a maionese também,

arredei metade de uma cebola de cabeça e ponhei, ralei bem fininha e ponhei, ela saiu que nem uma aguinha assim, sabe? Bem raladinha. Aí ponhei cebola de cabeça, bati com salsinha, ponhei cebolinha de cheiro bem picadinha, bem miudinha, misturei tudo aquilo ali e comi com arroz. Ficou bom, ficou gostoso, a Jô experimentou e gostou, a Cleuza experimentou e gostou também, tudo gostou. Essa maionese a gente pode fazer pra passar no pão, pra comer na comida, e ficou durinha aquela pastinha, durinha, durinha. Eu fiz de uma cuié só, mas é duas cuié, você põe as duas cuié daquela massa no liquidificador, põe a água, o mel e bate pra tomar. Eu tô tomando, com mel fica gostoso.

No mesmo vídeo da banana ensinou o do vinagre que é bom pro colesterol, com meio litro de vinagre de maçã. Nesse vídeo explicou que a pipoca faz mal, pipoca de micro-ondas é um veneno. Ele diz que o pior veneno que tem é a pipoca de micro-ondas e o refrigerante. Outro dia que eu tiver com o celular eu vou mostrar pra você.

Vou no baile, danço bastante, gosto de dançar. Eu não fui no baile ontem, aí hoje ponhei umas música boa lá no quarto e fiquei dançando, tem que treinar minhas perna que tá doída.

O baile é no “Bom Demais”, eu vou com a minha amiga, nós vamo muito lá, nós vai no bolero também. Tem baile no CCI também, mas essa semana não tem, tô de férias, já tô sentindo farta, por isso que eu tô dançando sozinha, porque eu dependo das colega e dos menino pra poder ir pro salão. Quando os menino vai levar, eles fala “Ah, eu levo a senhora no bolero e depois eu vou buscar”, e eu tô indo, vou embora. Chego lá, entro lá, sento lá, se deu pra dançar, dancei, se não deu, não dancei, porque hoje em dia tá assim. Quando deu aquela hora que eu quero vim embora eu saio pra fora, ligo e falo “Ah, pode vim me buscar que eu tô prontinha, tô aqui esperando já, aqui fora”, aí eu entro pra dentro, fico lá até chegar, aí eu saio.

Você me falou que não sabe dançar, nossa, você não sabe o que você tá perdendo da vida, minha fia, mais tarde quando você ficar véia, vai ficar entrevada, porque dança é uma ginástica, cada dança que você dança é uma ginástica que você faz. Você dançar um xote, um vanerão, um bolero é uma ginástica que você faz, uma marchinha, essa é facinho de aprender, é coisa simples, você tem que prestar atenção na música que tá tocando, aí conforme ela vai você vai levando seu corpo, seu pé, você aprende em casa e vai embora. Essa ginástica é boa demais, gente do céu. O dia que eu fico sem ir no baile, no outro dia eu tô com o corpo ruim, tá tudo ruim, as

perna tá pesada, mas o dia que você dança, no outro dia você tá com o corpo leve, pronta pra fazer tudo.

Vai aprender a dançar, fia, larga de ser boba, você tá perdendo sua vida. Você estuda no dia de você estudar, no dia do seu estudo, mas no final de semana que não tem estudo, vai aprender a dançar que você vai pensar assim mais tarde: “Bem que a vó falou que era bom”.

Então eu vou no “Bom Demais” com a minha amiga, eu nunca tentei ir sozinha, vou tentar um dia, nem que eu fico perdida, se eu ficar perdida eu ligo falo “Ó, vem me buscar aqui que eu tô perdida”.

Uma vez eu se perdi no Iracy, aqui perto, e tinha um mercado e eu falei “Vou entrar aqui nesse mercado que tá aberto porque o homem não vai fechar enquanto eu tô aqui”. Aí eu fiquei, tava uma chuva, uma chuva, uma chuva e já tinha escurecido. Aí o homem ficou incomodado comigo em pé, trouxe uma cadeira, pônhou e falou “A senhora senta aqui, a senhora não tem alguém que a senhora pode ligar?”, falei “Tenho, eu vou ligar pro meu genro”, aí liguei pro meu genro, o João. Perguntei o nome do mercado, perguntei tudo pro homem, aí dei o nome pro João e ele foi me pegar lá.

Se eu me perder eu pergunto onde eu tô, se eu tiver num posto de gasolina eu pergunto como é que chama o nome daquele posto pra mim poder achar eu, né? Uma vez eu me perdi de ônibus, menina, eu fui no CCI e aquele tempo eu não sabia ir sozinha, e eu fui. Perguntei pra uma mulher “Qual é que é o ônibus que vai pro terminal Morenã?”, ela falou “Acompanha eu”, aí eu falei “Então tá bom, eu vou acompanhar a senhora, a senhora vai pro terminal Morenã?”, ela falou que ia. Eu acompanhei a mulher e a mulher não me levou eu lá no Coronel Osório, lá? Pro escambal da égua.

E eu fui, tô dando vorta, tô andando, falei “Meu Deus, eu passei do CCI, passei da onde eu saí duas vezes dentro desse ônibus”. A mulher desceu e eu fiquei dentro do ônibus, falei “Uai, mas nunca chega nesse terminal Morenã, que negócio é esse?”, aí perguntei pra uma menina que tava sentada na minha frente, eu falei “Escuta, esse ônibus aqui não vai no terminal Morenã?”, ela falou “Não, a senhora pegou errado, esse ônibus aqui não vai no terminal Morenã, é só aqui no terminal do Coronel Osório, aí tem outro que a senhora vai pegar pro terminal Morenã”. Aí ela ensinou pra mim, eu perguntei pro motorista também e ele falou “É aquele lá que tá parado, a senhora entra lá que a senhora vai parar lá”, e eu entrei dentro do ônibus. Eu saí de

casa era 3 hora, fui chegar aqui 6 hora, fiquei o dia inteiro, perdida. Me explicou errado a mulher, eu nunca mais oiei nem na cara da mulher de raiva.

Eu também gosto muito de jogar bingo, nossa, quando tem bingo eu gosto de jogar. Eu só parei de jogar lá no “Bom Demais” porque é só cerveja e refrigerante de prêmio, mas no tempo que nós jogava lá era panela, Tupperware, era bastante coisa. Eu não perdia de marcar nenhum número, quando eu tava lá em Mundo Novo eu pegava a caneta e enchia na mesa cinco, dez cartela, dava conta de tudo. Falava um número e eu corria, batia aqui, batia ali, batia ali, batia ali...

Nós vai pra Caldas Novas também, nós joga o bingo dentro do ônibus na ida e na volta. Todo mundo pega sua cartelinha e joga o bingo, aí quem encheu ela tudo primeiro, se você encheu a carreira tudo primeiro você ganhou, já grita logo “Ganhei!”. O prêmio é umas tupperwarezinha, guardanapo, tudo essas coisinha miudinha.

Ah, dessas coisas de matemática eu não sei nada. Eu sei os números, contar dinheiro, mas eu não sei negócio de matemática, falar assim: “É matemática essas coisa”, não sei nada não. Então contar dinheiro é matemática? Vocês que estão dizendo que número e contar dinheiro é matemática, eu não sabia disso também, eu não sabia que número também era matemática, tô aprendendo com vocês. Eu pensava que era outra coisa, outro estudo, pensava que era estudo de escola, não sei o que lá que vocês fala, vocês fala um monte de coisa, né? Eu achava que era um estudo que vocês tinha na escola, um estudo de escola, mas não sabia que número e contar dinheiro era matemática, não sabia que isso aí era matemática, tô aprendendo com vocês.

Não ter aprendido essa matemática de escola, eu acho que atrapalha, viu? Porque eu não tive, se eu tivesse eu acho que eu era mais inteligente. Acho que ia mudar muita coisa no meu dia, muita coisa, que nem eu falei para vocês, ia mudar que eu não ia depender dos outros, eu não ia depender de ninguém, se eu quisesse ir em tal lugar eu ia, não ia depender de colega, eu não ia depender de ninguém. Eu sou assim, eu ia falar “Eu vou em tal lugar hoje” e eu ia. Eu detesto depender dos outros, não gosto. Eu aprendi a ir no CCI, pra mim é a maior felicidade da minha vida eu ter aprendido ir sozinha e voltar. Então isso aí pra mim já é uma leitura que eu aprendi, sabe? Pra mim já é uma leitura que eu aprendi, mais uma coisa.

E se eu chegar a me perder, eu chego no motorista e falo que tô perdida, e eu também não sabia nem mexer com celular e eu aprendi, para você ver. Agora eu quero aprender a tocar violão, mas não sei ler, e eu acho que precisa, porque os outro

tá lendo ali e vai acompanhando, mas se eu acompanhar na música junto com eles eu acho que eu aprendo. Eu vou tentar, ver se eu consigo. Eu não marquei com ninguém ainda pra me ensinar, marquei com um amigo mas não chamei ele pra vim ainda, ele diz que vai vim me ensinar. No CCI tem aula de violão pra nós, as mulher lá tudo toca, sabe? Eu acho bonito aquilo lá. Então se eu soubesse leitura eu não tinha vergonha de eu chegar lá, entrar e tocar. Agora como eu não sei leitura eu fico acanhada, fico com vergonha, porque todo mundo tá ali lendo e tocando, e eu?

As pessoas no CCI sabem ler, e as que não sabe tá aprendendo. Lá tem aula, mas eu não faço aula porque não quero mais, eu entrei na aula e saí. Saí porque eu acho que é uma perda de tempo porque eu já tô véia. Você acha que eu vou perder baile, perder muita coisa por causa de eu ir estudar? Eu não! Agora depois de véia, se eu não aprendi quando era nova? Quando eu era nova fazia farta pra mim, mas agora tô na hora de morrer, pra que que eu vou querer aprender a estudar? A gente já tá véio, pra que aprender? Eu acho que agora o estudo pra mim não vale mais nada não.

Eu aprender agora não aprendo não, a cabeça não dá mais, não tenho paciência, porque às vezes eu tô aprendendo ali e eu quero aprender a ler, e a mulher fala que não, que eu tenho que acompanhar os outro e escrever, passa no quadro, eu escrevo, mas não sei o que é que eu escrevi. Ela vem pra mim ler, eu leio, leio e ela fala “Ah, tá bom”. Então é uma perca de tempo, se ela não tá ali pra ensinar é uma perca de tempo. Eu falo pra ela “Ó, eu vim aqui e quero que você me ensina a eu ler, a letra aqui certinho pra mim falar esse nome, fulano, este aqui é e-s-t-e nome, mas você não me ensina, então eu vou embora” e saí. Então a paciência não dá, quando era nova eu tinha.

A maior falta que eu sinto é de ler. Eu acho que mesmo sem saber matemática eu consigo fazer alguma coisa, não tudo, pouco. Eu acho que precisa de matemática pra muita coisa, você vai sair, vai fazer uma viagem pra longe, aí você precisa ter ela. Você precisa saber a leitura da matemática pra você saber viajar, pra você chegar na rodoviária, porque tem lugar, por exemplo, se eu entrar em Cascavel, pra mim sair pra mim ir pra Dois Vizinhos, que nem eu ia com a Osana, eu não sei se eu for sozinha, mas se eu pegar o ônibus daqui direto pra São Paulo, se não tiver que parar na rodoviária, eu vou embora. Agora se for pra trocar de ônibus e o motorista falar “Ó, eu levo sua mala e você acompanha eu”, eu vou acompanhando ele.

Tem muita coisa que faz falta, muita coisa, mas pra mim costurar nada faz falta. Eu costuro e pra medir eu medo ne outra roupa. Eu peço a medida pra pessoa, por exemplo, se você quer que eu faço uma roupa pra você, aí você traz a sua medida, você traz sua roupa que fica boa no seu corpo, aí por aquela roupa que você tem eu faço. Eu costurava calça, camisa, tudo pro meu marido, vestido pra minhas filha, tudo. Eu ensinei elas a costurar, a Nice aprendeu, a Cleuza também e nunca fez um curso, só depois que ela foi fazer, e a Osana não aprendeu nada porque não quis.

Mas a gente tem que aprender, tem que aprender tudo. Eu tenho meu neto Bruno que sabe fazer de tudo, tudo que você der pra ele numa casa e falar “Ó, você pode tomar conta dessa casa”, ele faz tudo. Tudo eu ensinei, desde um calçado pra lavar. O calçado dele ele que compra, ele gosta de comprar calçado branco e é branquinho, limpinho. Agora ele tá brigando com a mãe dele, até o padrasto já brigou com ela, porque ela tá ponhando roupa pra lavar misturada com tapete, guardanapo, essas coisa sabe? Fica cheio de pelo. Aí o menino viu ela ponhar a roupa dele e brigou, agora ele não deixa ela lavar a roupa dele, quem lava é ele. Então eles não tão deixando nem ela lavar roupa, ele que lava roupa, o Bruno. Ele lava roupa, ele faz comida, faz bolo, ele faz tudo que ele tiver vontade de fazer, só não faz o cafézinho dele, mas agora disse que vai comprar uma coadeira pra ele fazer o café dele.

Uma mulher me ofendeu uma vez porque eu não sei ler. No CCI tem aquelas véia que são mais véia do que a gente e dá má resposta se a gente fala uma coisa errada, conforme a gente tá ali conversando. É porque elas sabem ler, porque elas são professora, antigamente era professora, dava aula, então dá coice nos outro. Eu fico quieta porque ela é mais véia que eu, então eu tenho que ficar quieta, tenho que respeitar. Eles, do CCI, ensina a gente que se um mais véio falar qualquer coisa pra gente, não é pra gente ponhar na cabeça não, é pra gente largar ele pra um lado lá e deixar ele, não falar nada, não xingar, não brigar. Uma vez uma muié pegou a garrafa e tacou na cabeça do homem, ela enfezou com ele e mandou a garrafa na cabeça dele, só que a garrafa era de plástico, se fosse de vidro tinha cortado a cabeça do homem. Lá tem cada coisa que Deus o livre.

É... acho que eu já falei tudo. Eu contar da minha vida eu não vou contar porque minha vida foi muito difícil, foi um flagelo, se eu for contar pra você dá um livro. Hoje em dia não tem uma pessoa que não passa uma vida meia dura, todas elas passa. Agora eu, se eu te contar minha vida, minha fia, eu cheguei a fazer sabão de milho, de farelo de arroz, porque não tinha nada, só tinha soda mas não tinha gordura pra

fazer sabão pra lavar roupa. Cozinhei o milho, ponhei a soda e fiz o sabão de milho pra lavar roupa. Às vez a gente não tinha arroz, teve um tempo que não teve, que acabou arroz, acabou feijão, não tinha nada, a gente comia só macarrão puro. A gente comia salada de cariru, serraia, você nem sabe o que é, né?

É serraia, cariru, nós comia muito almeirão do pasto, nós comia muito. Mas minha casa nunca ficou sem mistura, tinha um almeirão do mato, que é um almeirão do pasto, tinha uma cerraia, um cariru que a gente fazia, até broto de taquara e bambu a gente comeu. A gente comia de tudo, minha fia, tudo que era de comer, porque a gente não tinha nada. Tinha dia que eu tinha que fritar dois ovo pra fazer tudo pros 7 filho, punha um pedacinho pra cada um na marmita. Tinha dia que eu pensava “Ô, meu Deus, e hoje?”. Mas nem vou contar da minha vida não.

Na noite do dia 7 de fevereiro de 2018, uma quinta-feira, fui à casa da dona Dionésia na tentativa de marcar um dia para que eu pudesse mostrar a textualização para ela. Gritei seu nome no portão, e ela veio me receber, bem, como todas as vezes que nos vimos. Nessa noite, ela estava recebendo visitas, casa cheia, e como viajaria no sábado, marcamos para a manhã de sexta-feira, dia 8.

Na sexta-feira, pedi para que a Bárbara estivesse conosco, e todas sentamos em uma mesa grande na varanda da dona Dionésia, onde fiz a leitura da textualização para ela. Enquanto eu lia os últimos parágrafos, notei que dona Dionésia começou a passar as mãos nos olhos, como quem limpa uma lágrima. Quando terminei de ler, ela confessou que tinha ficado emocionada. Disse também que muitas histórias ela nem lembrava mais que tinha me contado, e que tinha gostado, que era bom que as pessoas soubessem como eram as coisas antigamente.

Expliquei para ela sobre a carta de cessão, que o trabalho e a textualização que eu havia lido para ela ficariam disponíveis, e ela concordou em assinar. A Bárbara fez a leitura e o preenchimento da carta de cessão, e dona Dionésia assinou, olhando como se escrevia o sobrenome na sua assinatura da carteira de identidade.

Conversa com Seu Jadyr Franco Rodrigues

Nos encontramos no dia 22/01/2018, em Guia Lopes da Laguna/MS

O seu Jadyr também é conhecido de minha família, pois trabalhou com meu avô durante muitos anos. Minha mãe me levaria até a casa dele para que eu pudesse tentar negociar uma entrevista, mas antes disso o encontrei pela cidade, então aproveitei o momento e me apresentei a ele, expliquei sobre o trabalho que estou desenvolvendo e ele aceitou me conceder uma entrevista.

No dia da entrevista fui à sua casa, na manhã de uma segunda-feira, ele e sua mãe me receberam muito bem e nos convidaram para sentar na varanda do fundo. A entrevista com o seu Jadyr foi registrada em áudio e foi a mais longa de todas, ele me pareceu um pouco sério, apesar de rir em diversos momentos, foi simpático e durante a entrevista fez várias referências à minha família. Minha mãe me acompanhou para me ajudar na gravação, e algumas vezes fazia comentários sobre as histórias narradas, que muitas vezes envolviam pessoas que ela conhecia, assim como a mãe do seu Jadyr.

Meu nome é Jadyr Franco Rodrigues, minha data de nascimento é 23 de março de 1956, sou natural de Ponta Porã e resido aqui em Guia Lopes da Laguna com a minha mãe faz um ano. Guia Lopes foi minha cidade a vida toda, mas tem um ano que eu tô morando mesmo.

Eu já fui na escola, passei uns dias numa escolinha civil, porque antes era civil, não era colégio, era na campanha, era um galpão, entrava todo mundo lá dentro e ficava lá. Foi no Lajeado, em 1967, eu tinha 7 anos. Era eu, essa turma do Mote Pires, turma do Olívio, do Valeriano Ramos, esses todos.

Quando nós ia às vezes não tinha professora, então nossos estudo é só apenas assinar o nome, e os outros alunos que ensinou, porque ela memo não ia. Nós frequentemo um ano, mas de estudo não tinha nem seis mês. Era difícil, nós ia a cavalo, era essa a condução que tinha, e às vezes quando a professora tava nós não achava o animal pra poder ir. Aí tive que parar pra trabalhar, com 11 ano eu saí pra trabalhar nessas fazenda, parei hoje com 60 anos, e não quero mais, que que eu vou depois de velho...

Eu fui incentivado a estudar, só que nós não estudemo, era difícil a coisa, mas nós fomo incentivado sim. Naquele tempo era difícil, hoje não, se você ir ali você pega um carro, uma bicicleta, um ônibus, mas naquele tempo não tinha condições.

Meu irmão que é o mais velho da família estudou em 1953, veio estudar lá no Estreito, nem não era aqui. Eu nunca vim estudar memo, e minha irmã também não, agora o outro veio em 1969 pra 1970, o finado Jair. E eu só na fazenda, trabalhei 50 ano, ta aí a minha carteira se você quer olhar, fui com 11 ano e tô com 61, agora que eu parei. Só lá com seu avô, do jeito que é bão, como você sabe (risos).

Eu tenho três filhos, eles estudaram, eu mandei eles ir, se eles num tem estudo é porque eles não quer, mas não sai do colégio, pelo menos vai. A Ana ainda tá estudando, agora não sei que série que ela tá estudando, a outra parou com 15 ano, a mais velha, hoje ela tá com 25 ano. Eu acho importante, ô, mas como é bom, se não fica igual eu, se não pena. Se você tá nessa posição, continua cada vez mais, hein?

De que adianta você mandar eu mexer num movimento desse aí (computador), pra que? Só pra pegar pra te passar, porque eu não entendo, nem sei onde vai, nunca tentei mexer. É desse jeito, você tem que estudar, as coisas vão evoluindo, cada ano muda uma coisa do seu próprio estudo. Porque às vezes você é tão estudado, confia no seu estudo, e você vai ali fazer um curso e não passa, porque você não incentivou seu estudo, você estudou e parou. Você tem que tá mexendo com ele, não pode parar, se você estuda isso aqui o ano passado e esse ano você não quer mais, não adianta, porque você parou desse jeito e lá um dia você vai precisar desse troço aí e você esqueceu, largou mão, por isso que tem que continuar.

Você me perguntando, uma imagem que eu tenho da escola é que aquele tempo que eu fui um pouquinho nós tinha cartilha, nós tinha livro, só o livro que tinha aquela aritmética, como que chama? É, aritmética. Então nosso primeiro ano era da cartilha, nós se chamava de bezão. Hoje se você falar um nome desse você morre rindo, porque não existe mais isso aí, você não estuda na cartilha mais, a sua mãe ainda pegou um pouco.

Eu tenho vontade de aprender, mas hoje já não da por causa da idade, a vista é curta. Me deu uma crise faz 17 anos e eu fiquei com a vista curta. Depois de uma época também tem que descansar. Uma vez me deu um tanguá e se não fosse seu avô e seu tio Ronaldo me trazer, eu não tava aqui. É que me deu uma crise na situação da saúde e eu vomitei sangue, escureceu a vista, aí tem dia que eu sou meio esquecido, eu fiquei assim.

Por isso que não adianta, porque se eu for lá eu vou querer esforçar, e esse teu estudo hoje é da sua vontade, né? Você tem vontade, é lógico que você vai esforçar, mas você esforça indo pra frente, eu se for esforçar só vou esforçar, não vou aprender, não vai passar tudo isso na minha cabeça que passa na sua hoje. Não passa, eu sei que não passa, tudo tem sua fase.

Não ter ido na escola trouxe muita dificuldade, muita, muita. Se eu fosse um cara sabido, de leitura, eu tinha mais coisa, eu crescia mais, né? Você vê que no meu serviço é só a cavalo, passar uma vida inteira de madrugada até 10 hora da noite não é fácil, o seu pai sabe. Hoje não é fácil. E hoje não tem nenhum novo da nossa fase, da fase do seu pai que enfrenta isso aí, tem raros, alguns, inclusive ele memo, que é estudado.

Acho que a dificuldade é na questão do trabalho, não é assim como você e outros, só vai evoluindo o estudo pra vir mais questão pro seu lado, porque pro seu lado vem mais questão, agora pro meu lado não vem nada porque eu não tenho estudo, não tenho estudo nenhum. Você entra num banco e você sabe tudo lá, ou daí da sua casa memo você conversa lá, fala, mexe. Eu não, eu tenho que ir lá e ainda perguntar, e levar um papel na mão, porque se não esquece, e daí? Fica um João sem ninguém lá dentro.

Eu sempre vou com outra pessoa no banco, e agora pra mim entrar, depositar, sacar 5, 10 mil, eu tenho que ter uma pessoa do lado porque eu sou aposentado, mesmo assim tem que ter uma pessoa. Sempre o taxista que me leva entra comigo, só vai junto mesmo, porque pra bater a senha o guarda que bate e pergunta “É da aposentadoria ou de algum saque, algum negócio? Quem acompanha?”, eu digo “É fulano”. É assim.

Pra mim ir em campo grande naqueles hospital, naquelas clínicas, minha irmã que foi me acompanhando, eu não posso entrar sozinho, eles não deixam mesmo. Eu não vou sozinho por causa disso, se não eu comprava um litro de pinga e ia embora (risos). Não ando por lá de ônibus de jeito nenhum, nem de ônibus e nem sozinho. O povo vê que a gente não é de lá, conforme o traje você nem anda mesmo na rua, e a gente num trajão grosso desse de fazenda, de chapéu e bota, você não anda numa esquina solito.

É muito complicado isso aí. Hoje, sem estudo, vou te falar bem a verdade, não é fácil. Você ainda tem esperança, se Deus quiser, mais pra frente, porque é nova, e outras pessoas também é novo, mas sem estudo como nós é aqui, como a minha mãe

que tá com 84 ano e não assina o nome, é uma pessoa bastante analfabeta, hoje. É uma pessoa muito analfabeta. Eu assino meu nome, conheço as letra, mas não assino bem também.

Olha, o meu dia aqui é lutando como você vê, de um lado e de outro, e quando eu era mais novo que vivia de peão, meu dia-a-dia era trabalhar. E no duro, não era fácil não. Ganhei uma tralhinha assim no serviço duro memo como seu avô ganhou, naquela fase era difícil. Eu, naquele tempo que eu trabalhei com seu avô, era novo, era solteiro, não tinha nenhum filho, e ele tinha bastante filho, pra criar mesmo seu pai não foi fácil, não foi. Eu tava trabalhando lá quando seu pai veio estudar, com 16 anos, e quando seu pai e sua mãe casaram eu tava lá. A sua mãe eu também conheço, seu avô tinha bulicho, era o tempo da dificuldade, hoje não...

Era muito difícil o trabalho, naquele tempo você arriava um cavalo cedo, se pulava ou não pulava, ia né? Você achava uma criação no campo, você passava uma criolina e pronto. Laçava, maniava e dava um jeito sozinho, nós era sozinho, cada um pra si, então era nosso modo de trabalhar. Hoje não, hoje se você trouxer, aplicar um remédio numa criação, você tem que falar pro veterinário.

Eu tenho uma prateleira cheia de remédio e você tem que ler, porque que remédio você vai dar se você não sabe ler? Então tá dificultando pra nossa luta hoje isso aí. Grudar um remédio na veia, carnear uma vaca de 15, 16 arroba solito, isso aí se for preciso eu faço sozinho, porque nós fazia aquela vez, hoje nenhum peão faz isso, eles não sabem. Você quer comer carne cada fim de mês, vai ali no açougue e compra.

Então não sabem, não sabem cangar um boi, eu acredito que você e todo mundo desse povo jovem nem conhece carreta com boi, então começa assim. Seus primos, o filho do Ronaldo, o filho do Batuque, não sabe torcer um couro, imagina pelar. Não consegue, não sabe, mudou. Não é que não quer aprender, é que não tem mais. Mas pega um carro, uma moto, pega um aparelho desse (computador), de noite memo, e se pra eu olhar de dia é difícil, imagina de noite. É desse jeito aí, muito difícil.

Eu contava gado, contei muitas vez, contei mil e poucas vez (risos). Eu faço conta na cabeça, o que adianta eu tá com uma caneta na mão e um desse (computador), se não sei. Se eu conto um lote de 30 aqui, outro lá de 40, lá você vê 17, aí você junta tudo e sabe quanto que tem. É na cabeça, no papel eu não sei. E não era só eu, mal apenas o seu avô sabe apontar alguma coisa, e ele era o capataz que cuidava de 3 mil e poucas reis, ele que era o responsável por aquilo lá, e nós era

4 peão. Nós era 4 ajudante, naquele tempo era peão, hoje não, hoje se você falar peão tem gente que não gosta.

Mas era assim naquele tempo, o que sabia um pouquinho lá no meio de nós era esse seu pai e o próprio patrão. O patrão disse que era estudado, muito sabido, era quase doutor, era um contador. E hoje qualquer um é um contador, do quarto ano pra frente, ou quarta série, já é um contador, só se não quer, né?

Mas eu sei fazer conta de cabeça, mexer com dinheiro também, esse que eu sei, só não tenho. Quem me ensinou foi a escola do trecho, você vai acostumando a mexer. Em 1991 mudou o plano cruzado e deu uma enrolada, eu mesmo se enrolei e além de eu, vários. E depois mudou o Real e deu outra enroladinha, porque aí entrou essas moeda, esse negócio de reais, centavos, isso aí não tinha. Dois cruzeiros não tinha, era dois mil, e agora é dois reais, então dá uma mudada aí. No banco é mais de 20 ano que eu tenho conta e lutando desse jeito, com o tempo pega prática. É a mema coisa desse seu livro aí (computador), você tem uma prática de mexer nele, se torna uma prática.

Eu deposito meu dinheiro, ponho a juros, tiro, as vez eu tiro tudo, deixo só o limite da conta, dali uns dia eu vou e deposito, ponho a juro, e lá memo o cara já me dá um papelzinho apontado quanto que custa, e eu não confio, venho aí e mando bater um xerox do recibo pra mim não esquecer, que essa letrinha do banco some.

Só nessas questão que eu preciso de ajuda, quando vou no banco, quando vou pra Campo Grande fazer meus exame, ir no médico. Esses dia me intimaram no Fórum pra falar sobre uma mesada, eu peguei um advogado e fui, ele que me representou. Esse inventário da minha mãe eu que mexo, eu sou o assessor dela, eu pego o advogado e a gente vai.

Esses dia eu esqueci de olhar meu título, eu não votei, eu tenho que reformar ele outra vez. Eu esqueci porque eu não sabia, achei que se aposentar não votava mais, e vota até 69. Eu tenho que arrumar essa semana. Agora é digital, você coloca o dedo lá pra votar, eu sei que em Campo Grande já é, não sei se aqui já é. Eu tenho que ir lá no escritório, ir lá no eleitoral pra saber, quem sabe bem é lá.

O título é o primeiro documento, tudo as coisa não faz sem o título. O meu tá atrasado, eu não votei, eu tava lá perto de Corumbá, como que eu ia vim? É 166 km pra lá de Aquidauana, como que eu ia vim se a fazenda não tem condução? Eles não dão, cabou aquele sistema. Se quiser, vem. E não pode vim de carona. Que jeito que eu ia vim? Aí ficou, eu me aposentei em agosto retrasado e não esquentei, mas

sempre tô escutando "Ah, tem que reformar o título", e eu tô quieto. O meu não tá arrumado.

Eu vou no mercado também, eu que faço compra. Eu sei mais ou menos quanto deu, porque não dá para ir só pelos outros. Às vezes eu deito de noite e fico fazendo minha conta. Eu tenho celular também, eu agendo o número das pessoas e aí quando toca de ligar pra aquela pessoa, ou a pessoa me liga, eu vejo o nome. Às vezes me ligam de noite, não aparece o nome, e eu não atendo as ligação porque não é gente que tá agendado, eu acho que é muito perigoso. De dia às vezes a vivo liga e eu não atendo, mas eu sei que é ela. Eu não atendo porque quer que eu faça um negócio de plano, eu não vou mexer com isso, fico só no crédito mesmo, por isso eu não atendo.

Qualquer pessoa anota os números, sempre é minhas filha, ou aquele povo ali que vende celular, ou minha irmã, eles que agenda pra mim. Eu sei quem liga porque aparece o nome que tá gravado, e eu conheço o nome, eu só não sei escrever o nome. Se as minhas filha ligar eu já sei que é elas, ou outra pessoa que tá agendado aqui, se apareceu o nome eu sei que é ele, agora mesmo o Adão me ligou.

É bem mais rápido na cabeça, na mente. Na mente nossa, da cabeça velha, cabeça dura que nem a nossa e da sua mãe, é mais rápido de vim. Naquela época que nós trabalhava, nós conhecia o vidro do remédio, por exemplo, muito nós sabia. E depois vem vindo, vem mudando a remedieira, vem mudando o nome, vem mudando o modo de usar, e vem continuando, e eu por dentro, porque eu tenho aquele costume de mexer com as coisas antes pra trás.

Quando eu tenho que tomar o remédio eu decoro como é, lógico, é decorado. Se eu tiver que tomar muito remédio eu já vou pegar uma explicação que eles da farmácia me passaram, trazer tudo anotado. O remédio é esse, pra tomar tal hora, é assim. Se escreve a hora no papel eu sei a hora que é.

Desde um bujão pra mim trocar pra minha mãe, eu pego e já risco no número na folhinha, se vai durar um mês ou não. Eu troquei hoje, domingo, daqui dois domingo você esquece e nem tá aí, quando vê cabou. Então eu tenho tudo marcado aí.

Às vezes o advogado fala "Tal dia você tem que passar uma inversão pra mim, eu vou te perguntar uma coisa, tal dia", e eu ali memo falo assim, "Me dá um papel aí, que tal dia eu venho". Esses advogado não pergunta, fala uma inversão, fala difícil, a gente fica até com vergonha. A pessoa educada, estudada, é diferente do meu assunto, da minha prosa, aí eu chego lá de chapéuzão na cabeça, um dia eu passei vergonha porque a moça falou "O senhor pode tirar esse chapéu da cabeça?", eu falei

"Posso sim", já joguei no chão. Aí o cara falou "Mas você não precisa mandar o homem jogar no chão, faz favor e pega o chapéu dele e põe em cima dessa mesa", mas aí não é culpa minha. Essa sociedade é toda assim. Eu uso chapéu, eu nunca usei boné na minha vida, outra coisa que eu nunca usei nem quando ia no colégio um minutinho é short.

Um dia um oficial de justiça veio aqui, eu tinha pago pensão pra uma menina e ele trouxe a intimação. Chegou aqui, eu recebi ele, mandei chegar, ofereci tereré, mate, mas ele não quis, disse que tava apurado. Ele não me deixou o nome dele, era pra ele deixar, mas ele não deixou, aí ele falou "Eu vim trazer uma intimação sobre uma pensão", eu falei "Mas e esses papel que eu tenho escrito aqui, assinado pela mãe dessa criança, que deu isso aí? O senhor num quer olhar?", ele falou "Esse aí o senhor pode jogar fora", virou as costas e saiu.

Quando chegou dia 8 de agosto era pra mim tá lá no Fórum, eu peguei aquela papelada e levei pro advogado. Me veio na cabeça que eu não podia ir sozinho, que eu tinha que entrar com um acompanhante, com um advogado. Eu passei lá no advogado da minha mãe e ele foi junto comigo, de espontânea vontade e contente.

Quando cheguei lá tinha umas mulher, não sei como é que chama, e eu perguntei "Que que eu vim fazer aqui?", falaram "Esse aí é o senhor?", eu falei "É!", me falaram "Lê o que você veio fazer", falei "Eu que pergunto", junto com o doutor advogado e mais uns educado pra lá. Falei "Eu que pergunto", "Ah, o senhor veio fazer isso, isso e isso", aí eu falei "E aquelas coisa que eu tenho apontado?", aí ela viu e falou pra mãe das criança assim "Mas a senhora falou que ele nunca deu nada, se ele deu o que o advogado dele tá falando e tá com os papéis aí, então a senhora não podia no caso intimar ele", ela baixou a cabeça. E ela não podia mesmo! Mas o advogado falou "Mas ele já foi citado e ele tá aqui, presente e disposto", mas não deu nada.

Ela tinha falado que a mesada era 388 reais, aí a mulher lá falou "Então vai ficar em 281, porque ele deu tudo e a senhora mentiu". Ela continuou quieta. A mulher lá falou "O senhor tá liberado, e a senhora fica aí pra pegar o papel". Uma vez eu fui acercar as contas quando saí de uma fazenda em Maracaju e a mulher perguntou "Você saiu da fazenda?", falei "Saí, eu saí", e ela perguntou "O que o senhor quer aqui?", falei "Eu quero o exame, eu entrei com o exame e quero o exame de volta pra mim sair", ela disse "Tá, mas então nem precisava se você já tem". Então essa é uma

inversão que ela me falou errado, não sei se ela não queria fazer, tava com preguiça ou meia brava.

Essa é uma maneira que eu achei que me trataram diferente por causa do estudo, uma pessoa educada dessa me tratar assim... Foi essas pessoa que eu achei, mas de mais não. Ah, aqui em Jardim eu também achei no INSS um cidadão que me tratou mal. Eu fui levar uns papel da aposentadoria da minha mãe pra ver se minha mãe aposentava, falei "Os papel tá aqui", ele virou e falou "Não precisa mostrar nada, aqui não deu nada, pronto, você tá liberado". Ele não me deu o nome dele, não me deu o endereço dele, ele podia dar né? Pela educação dele, ele tinha que me dar.

Aí eu garrei e trouxe essa inversão na cabeça, fui no escritório do Bazano e contei pra moça, ela falou "Mas não podia te destratar assim, tinha que trazer o endereço de lá", eu falei que não me deram, ela falou "O senhor até podia pedir, mas o senhor não quis", eu falei "Não, não vou pedir nada, não vou espichar o assunto com uma pessoa dessa". É essas pessoa que eu achei, mas as demais tudo me trata bem, graças a Deus. Aqui a gente conhece todo mundo, e de vez em quando troca de pessoa nesses escritório, loja, banco, mas me trata bem mesmo assim, me trata muito bem.

Olha, você tá me perguntando sobre matemática, mas eu não te decido nada porque eu parece que nem escutei esse negócio. Eu acho que é tipo de uma conta esse lado aí... É tipo de uma conta? Se você tá falando que também é, então é isso aí. Se eu soubesse matemática, deveria de certo fazer alguma vantagem. Tinha que fazer, tem que fazer!

Se eu fosse na escola mudaria alguma coisa na minha vida. Se naquela época eu fosse, encarnasse, mudaria, mas não deu. Eu achava que o que mudaria deveria ser a situação do seu dia-a-dia, mesmo das coisas imóvel na sua situação. Você podia crescer mais, você podia fazer mais negócio, você sabe né? A pessoa atrasada não faz essas coisas, tem medo, tem medo! Tem medo pelo seguinte: tem medo de se quebrar ou fazer um mal negócio e se tornar pior. E tem medo da ajuda dos outros, porque conforme a pessoa você não pode pegar ajuda, porque você é atrasado, quando vê você tá numa bomba, e daí? Se você não sabe, a pessoa fala "Vou fazer teu nome aqui" e fica no seu nome, quando vê é uma bucha. Já aconteceu muito, e isso aí continua até hoje...

Às vezes uma pessoa atrasada igual eu, eu pego meu cartão e vou tocar naquela farmácia, que é um banco, chego lá tem um cara estranho que você nunca

viu, fala "Ah, eu vou te ajudar, e daí amigo?". Ah, sai fora desse aí! Então é uma parte que destrova, se torna destruindo, você não sabe... E o cara é estudado, pega né? Isso que acontece.

O estudo também ajuda pra você ter um serviço mais leve, se você não tivesse estudo, o que você ia fazer? Você já tá mocinha, daqui uns dia vai casar ou já é casada, não sei. E o que você vai fazer? Você vai ter que lavar prato, vai ter que varrer terreiro pros outros pra sobreviver. Mas você no seu estudo não, você tá na sala, na sombra, não soa... E é um tipo de inversão que hoje tá difícil, esse gesto de funcionário arear panela puro carvão hoje não tem. Hoje uma funcionária sua vai pegar a máquina, por as vasilha lá e lavar. E você lá na cadeira macia, muito bom isso aí, puxa, muito bom!

Antigamente não tinha muito jeito, a situação era assim. Você vê teus bisavô, os fazendão que tinha, né? Os teus bisavô, os meu, ali em Nioaque, ali na Serra, tudo era fazenda grande, eles mesmo que mexia. A velha socando arroz, o velho lá fazendo guacho mamar... E muitos foram logrado e hoje não tem nada. Às vezes bobiava... Tem um irmão do finado meu avô que vendeu uma fazenda a troco de uma carreta de boi que ele não tinha, e ele queria. Passou o município de Nioaque quase inteiro era dele, hoje ainda tem uma colônia, a colônia baixa, era do Seu Rodrigão. Mesma coisa essa colônia aí que é dos Barbosa.

(Nesse momento o senhor Jair recebe uma ligação)

É a preta me ligando, olha aí o nome. Viu como funciona a coisa?

Eu leio o nome. Eu leio um remédio, um comprimido, uma bula se não for muito difícil. Sei quem é antibiótico e quem não é, remédio da joanete. Você pega lá e já vê, já conhece, e isso tudo é de cabeça, não que seja estudo. Agora uma receita de médico eu não dou conta.

Então eu faço tudo de cabeça, cansei de contar, de ajudar seu avô e em outras fazenda que eu trabalhei, contar 400 boi gordo como nós contava lá, sair 400 daqui, nós fechava 800 boi entre 3, entre 2, porque não parava peão. Essas coisa ninguém ensinou, a necessidade que ensinou. Às vezes vai embarcar uma carreta com 40 boi, um caminhão com 30, outro com 20, então fechava aquele gadão e eu contava. Eu conto 40, mais com 30, mais com 20, aí vai... Ou 10, ou 5, ou 8, depende da carga, porque lá vem na nota quantos boi vem nesse caminhão, e o patrão sempre punha a nota em cima do tronco, que nem galpão não tinha memo. Ele punha a nota lá e deixava, e tinha que saber, depois a hora que chega o caminhão ele vai lá e fala "Tá

contado?”. Ele tem que contar pra matar memo a coceira dele, pra ver se tá certo. E é o certo memo, né? Quando deu 20, 30, 40 ele já não contava porque ele sabia que tava lá, não precisava contar. Era pouco, ele não conferia, confiava na conta memo. Mas quando é muito ele contava, é lógico, nós entre dois lá no mangueiro, semo peão né? Então o certo memo era ele...

O seu avô quando tava lá e tocava de embarcar 300 vaca, 300 bezerro, ou uma vez que ele vendeu 400 touros, seu avô contou no campo. Com a internada por lá, por nome de Volta Grande, tinha 520 touro, então pra nós não trazer tudo o gado porque não cabia no mangueiro, trouxemo só o que ele ia vender. Aí o Beil falou assim "Eu preciso de 400 no mangueiro, retira tal dia", aí nós fomo pra lá cedo, e tinha que passar numa estrada funda que nem pra lá nem pra cá passava, a gente chamava aquela vez de passo, hoje não é mais passo, hoje é um passador, passo já acabou essa moda. Aí ele contou ali, contou 400, fez os outro voltar pra trás e fomo embora. Ficou 400 boi no mangueiro.

Não passa um por um, passa de lote, de 5 porque lá você não conta de 1, conta de 5 em 5. É um pouco rápido, então você conta 5. É a mesma coisa do seu negócio (computador), você vai fazer tal coisa, você aperta e já sabe, você já programou. É rapidão.

O seu Anísio tinha um cunhado, não sei se é vivo, o Liberato, será que é vivo ainda? Já morreu né... O Liberato era muito conhecido nosso lá na fazenda, sempre ele ia lá. Aquele contava de porteira cheia, o que vinha ali ele já contou. O seu avô mesmo sabe, pergunta pra ele hoje memo se ele lembra do Liberato. Ele contava de porteira cheia.

Nós fomo levar um gado uma vez lá na São Loureço, perto de Ponta Porã. Nós fomo levar e foi dando rolo esse gado desde aqui da onde nós tiremo, era bastante gado e pouca gente. Chegemo lá no passador de São Lourenço, é uma praia larga assim bem larga, como daqui lá naquele carro, aí ele falou "Eu vou ficar pro lado de cá pra contar pro lado de lá, pra contar se vai passar tudo". Ele contou 516 garrotão, faltou 6, aí ele falou pra nós "Faltou 6, tá por aí nos taquaral". Ele voltou e foi ajudar nós pegar, igual o Ico, seu primo, que tava bravo naquela sujeira e rasgou a roupa dele na taquara, até que nós achemo, e justamente era os 6.

Então esse aí é o tipo de contador que você fala porteira cheia, porque conta bem, o que vim ele conta. Isso é a coisa mais difícil, desse não tá tendo muito hoje não, se tiver é um ou dois e eu não conheço. Os outros conta de 5 em 5, a conta do

gado é essa, de 1 em 1 não dá certo, você atrapalha, eles vem muito rápido. E gado você só conta pela cabeça, o que passou pela vista, não tem nada de tá olhando corpo nem coisa nenhuma, senão você erra, por isso que fala cabeça de gado. Você tem que ter uma atenção nessa parte pra você contar, e qualquer um peão daquela época, hoje um funcionário, conta assim. E vai ver que ele não sabe mais nem assinar o nome. É, não sabe, e esses novo não faz isso, mudou.

Você quer saber quanto de gado que pode ficar num pedaço de terra, é assim: uma braquiária é pra 6 reis, um hectare bem formado, pra ele viver lá no campo. A gente calcula quanto é um hectare olhando, é calculado. Se você tem uma internada de 100 hectare bem formadinha, você pode por 100 reis por 90 dia. O pasto tá de meia vida pra frente, meia vida você entende né? Até baixar deu 90 dia uma braquiária.

Essas outras área, conforme o trecho e a falha que tem, você tem que normalizar na sua cabeça quantos que pode ficar ali. Se tem uma internada de 30 hectare que não é bem formada, você não pode por 20 reis pra viver ali, você tem que por 15, porque vai dobrar o capital que tem lá, 2 hectare por 1 reis. Já a que é bem formada pode por muito mais, como ali no seu avô que é 60 hectare, se ela é bem formadinha pode por 60 reis.

Se for 100 reis em 60 hectare, com uma reis ele não vai comer 90 dia meio hectare, vai comer mais, daqui 90 dia tá no chão. Quando é assim tem que ficar fazendo a troca, 10 dia aqui, 10 dia ali, porque senão não vive, e se viver a criação se sacrifica, chega no inverno elas se sacrifica, o inverno acaba o pasto, seca tudo e eles não tem comida. A braquiária os gados só come cedo e de tardezinha, seca. Cedo tá molhada de sereno, de tarde tá com umidade, mas o resto do dia ele cruza no meio e não come, quebra tudo e não come.

Se você tem um rebanho de carneiro, por exemplo, não adianta você largar 10 hora da manhã porque ele come sereno e aí dá aquela larva que eles fala verme, dá um churriu pra caramba. Aí não cria memo. Você tem que largar ele meio dia, três hora da tarde, três hora é hora de você fechar ele, grande e pequeno, porque aí ele não come aquela larva. A larva que eles fala e que aquele tempo nós sabia é o sereno, começa a ficar fresco aí começa a ficar úmido o pasto, e aquele ali faz mal pro carneiro. Agora pro cabrito nem veneno faz mal, aquele não faz nada. É desse jeito que funcionava, na cabeça e na experiência, é aonde dava certo.

Na manhã do dia 15 de julho de 2018 fui à casa do seu Jadyr a fim de marcar uma data para que eu pudesse mostrar a textualização para ele, mas já com todos os materiais que precisava para isso, caso ele tivesse disponibilidade naquele momento, o que aconteceu.

Na ocasião, ele estava em processo de recuperação de uma cirurgia que havia feito, por isso se movimentava lentamente, então fizemos a leitura na varanda da frente de sua casa, que foi interrompida algumas vezes pelo barulho dos carros que passavam. A mãe do seu Jadyr e uma filha dele estavam em casa, mas somente a sua mãe acompanhou a leitura da entrevista, bem como minha mãe que novamente foi me ajudar na gravação.

O seu Jadyr pareceu gostar da entrevista, riu algumas vezes durante a leitura, que foi feita por mim e registrada em áudio e vídeo. Expliquei que o texto faria parte da minha dissertação e que seria divulgado, mas ele não quis fazer modificações, então também fiz a leitura da carta de cessão de direitos, que foi somente registrada em áudio.

Conversa com Seu José Vitor Manoel

Nos encontramos no dia 19/01/2018, em Guia Lopes da Laguna/MS

Essa história já começou a ser contada quando eu comentava sobre a entrevista com a dona Amaranta, e assim como ela havia dito, o seu José Vitor logo chegou, enquanto eu a entrevistava. Ele assistiu alguns momentos da entrevista e eu o entrevistei logo depois, no mesmo local, enquanto a dona Amaranta atendia a cliente que a esperava. O seu José Vitor também foi simpático, aparenta ser um homem muito alegre, ria bastante enquanto me contava suas histórias e, ao final da entrevista, até pediu para contar uma piada.

Meu nome é José Vitor Manoel, eu nasci em 4 de março de 1948, em Caruaru, Pernambuco. Olha, eu já fui na escola, mas o problema é que a gente quando é guri, você sabe, né? Pouco interessa, a gente só ia fazer arte.

Aquele tempo tinha carteira grande, num era esses banquinho pequeno, não. Eu sentava e ficava batendo na ponta da carteira fazendo “tin, tin, tin, tin”, aí já vinha o professor com uma palmatória com uma cabeça grande, desse tamanho assim, ele vinha, eu apanhei dele. Naquele tempo podia bater, e ele veio de lá, pegou a palmatória, pegou minha mão, e conforme ele pegou a minha mão eu fiquei olhando, quando ele baixou a palmatória eu puxei a mão e pegou na dele. Aí que ele me bateu mais.

Mas geralmente eu num aprendi porque eu mesmo num interessei né, falar a verdade. Nessa parte aí eu num posso culpar o finado meu pai porque eu que num me interessei né? Se eu interessasse agora a coisa era outra, né, mas naquele tempo ninguém interessava pra nada, só trabalhando, trabalhando, ia pra estudar mas quase num fazia nada.

E só pro serviço até hoje né, então eu considero como analfabeto, num vou mentir porque num sei ler, num sei ler, as letra eu conheço todas ela, mas o negócio é que eu num sei ajuntar. Tem letra que até quem sabe é difícil, quem num sabe é pior, mas as letra eu conheço. Só num conheço as que tão fazendo hoje, que tem uns aí que tão fazendo as letra um garrancho, aí eu num sei pra onde é que vai. Que nem o cara esses dia chegou aqui e escreveu o 4, só que ele fez assim, fez um traço aqui

e num emendou a perna, ficou aquilo parecendo um L, sei lá, ah, sai de mim, então por que ele num escreve direitinho pra gente entender?

A gente num tem aquela prática que tem hoje, então fica difícil as coisa mal marcada, pra gente, né? Pra quem sabe é fácil. Uma época eu trouxe uma receita de Campo Grande do médico lá, foi feito na mão, geralmente eu trouxe aqui pra pegar remédio, nenhum farmacêutico conseguiu. Fui lá no Dudu, não conseguiu descobrir que que era, tive que ir no hospital pra conseguir que remédio que era. Tá entendendo?

Só ele memo que entende, então é difícil. Eu já num sei ler, e pra mim isso é um garrancho, né, num sei memo ler. Geralmente daquela época pra cá, eu memo toda vida trabalhando, parei de trabalhar agora tá com uns 4, 5 ano que eu operei. Mas assim memo eu não paro, tô pra cá, tô pra lá, porque se parar, enteva, né?

Então tô nessa base aí... Eu trabalhava geralmente em serviço braçal, num tinha quase serviço, todo serviço braçal eu enfrentava, só na cerâmica eu trabalhei quase 26 ano ali dentro. Até inclusive quando eu passei pra um companheiro adeogado, ele falou pra mim que meu serviço tava serviço geral na carteira, e num é bom fazer isso aí, porque você tem que ter classificação de serviço.

Que nem quando eu operei mesmo, eu falei com o médico em Campo Grande, falei "Doutor, meu serviço lá num é leve, meu serviço é pesado, é calor brabo, num tô bão", mas ele falou "Não, você vai trabalhar", e falei "Doutor... num tô bão doutor...", ele perguntou "Mas lá num tem serviço leve?", eu falei "Eu num falei pro senhor que lá não tem?", eu falei pra ele "Doutor, o serviço mais leve que tem lá é lá no escritório, mas tem quatro". Ahh, ele ficou brabo, ele estopou comigo. Dá muita raiva, né?

Eu tô falando a verdade, num tô mentindo, né? Se tivesse mentindo tudo bem... Falei pra ele "Doutor, meu serviço não é catar papel na rua não, Doutor, o serviço lá é bruto, eu num aguento mais Doutor, pelo amor de Deus", "Não, você tá bom, você vai trabalhar" é o que ele me respondeu. Ele vê a gente vermelho, com sanguinho, né, que só acha que tá ruim quando tá amarelo, já pra ir pro caixão. Mas eu corri atrás e deu tudo certo, graças a Deus.

Nós num tem estudo na verdade, mas a gente, como tem aquela frase que fala "quando você tem boca você vai em Roma", você vai perguntando pra um, pra outro, pra um, pra outro e vai indo, vai levando. Você num pode ser meio paradão.

Se eu num sei duma coisa eu pergunto pra outra pessoa, pergunto "Fulano, como é que é tal coisa assim assim? O endereço de tal coisa, qual é que tá a casa

assim assim, onde é que fica mais ou menos, que rua?”, e aí vai colhendo, perguntando. Agora se eu fico quieto, num falo nada, a pessoa num decide o que é que eu quero, né? Eu num ligo de perguntar não, ixe, coisa melhor do mundo, tem que perguntar as coisa.

Eu mesmo praticamente estudei quase um ano de supletivo aqui no colégio ali embaixo, no Salomé, já deve tá com uns quase 40 ano. Estudei foi com a Valda naquela época, sempre trocava de professor, sempre era um, era outro, mas eu estudei com a Valda o supletivo. Eu tava indo bem, eu vim da colônia naquele tempo, eu vinha com um companheiro que estudava também ali, só que o grau dele já era mais. Eu vinha de companheiro com ele e aproveitava o embalo e estudava um pouquinho ali, né? Mas é aquele tal negócio, eu num interessava, eu fui um pouquinho e voltou tudo pra trás.

Mas é o tal negócio, eu comecei na conta, quando foi naquela de dividir, aí eu embaralhei, aí eu embaralhei e pronto, já num fui mais. Aí eu parei e num estudei mais, de lá pra cá não. Aqui memo no colégio teve uma época que tinha vaga, mas é aquele tal negócio, sabe, quando você tem vontade da coisa, você vai, mas quando você num tem vontade você fica dando aquela desculpa, "amanhã eu vou", que nem o Curiano né, e nunca vai. Não é verdade?

Meus pais me incentivaram, não tenho queixa dessa parte aí não, num posso falar, porque se eu falar eu tô me agravando, né? Naquela época eu estudava até 11 hora, aí saía da escola, chegava em casa, almoçava e ia pra roça assentar lavoura. A professora passava uma tarefinha, a gente fazia, mas é que eu num interessei, o pior foi pra mim, hoje eu me arrependo, mas num tem como voltar mais, num serve voltar mais, não volta, é o que acontece, né? Eu falo a verdade, não interessei. Só que depois do leite derramado você não recolhe mais.

Eu incentivei meus filho, com certeza, porque eu apanhei né, então num quero que seja assim. Conforme a gente vê as coisa, o movimento, a gente procura o melhor pros filho né? Num quero que ele passe o que eu passei né, o que eu tô passando. Que coisa pior do mundo, eu praticamente considero como analfabeto, chego numa casa aí qualquer coisa, essas coisas como computador assim, eu num entendo daquele negócio não.

Quando eu vou mexer com meu negócio de aposentadoria, é com neto ou minha filha junto, que eu num entendo mexer com aquele negócio, eu num sei pra

onde é que vai aquele negócio, só pra quem sabe ler memo. Aí eu tenho um acompanhante que tira pra mim lá, porque eu sozinho não consigo.

Se eu passar pra outro fica ruim, hoje você tem que bancar o esperto né, na hora que o cara pega o número da conta... Num vou dizer todos, mas só que você num sabe, você num convive com a pessoa, tá estranho mas você num sabe a ideia da pessoa, né? Acontece muito hoje. Quando eu pego uma coisa assim, que nem esse caso aí, na época um companheiro tirou pra mim lá, mas aquele lá eu tenho confiança nele, confiança mesmo, aquele eu confio, faz muitos anos que eu conheço ele, eu sei que ele num é pra isso, mas você num pode confiar com todo mundo. Geralmente sempre é assim, né?

Acho que não ter estudado trouxe dificuldade justamente nessa parte aí, que hoje eu preciso e num consigo, não é verdade? Porque se eu fosse uma pessoa estudada, hoje eu corria atrás eu memo, num precisava ficar dependendo dos outro pra ver essas coisa, e agora ficou pior pra nós. Vocês não, vocês é novo, vocês tem oportunidade, mas pra nós de idade passada já num tem mais essa sabedoria, né?

Eu vejo criancinha desse tamanhozinho mexendo com celular, meu pai do céu, não é verdade? E já nasce com aquele dom, não sei, e a gente mais de idade num vai, quero ver ir, né? Eu num entendo. Que nem eu mesmo, eu mesmo ligo assim pra pessoa que me percura e tal, quando eu tenho o número da pessoa, porque no celular eu também num puxo, eu num sei. Aí tem vez que as pessoa percura e tal e eu falo "Deixa seu número marcado, qualquer coisa eu ligo pra você", aí eu consigo por causa do número que tá marcado dele no papel, tem um caderninho por aí pra anotar o número, e por ali eu boto, mas não puxo no celular, sei lá pra onde é que vai, num tenho cabeça pra isso mais, é igual cego no tiroteio, não sabe pra onde ele vai.

Eu não entendo desse trem aí, ocupo só memo pra ligar pra alguma pessoa que me liga ou que eu atendo. Aliás, a pessoa me liga e eu atendo né? Quando pessoa conhecida me liga eu sei quem é, mas quando eu num conheço eu já pergunto "Quem é que tá ligando? Quem é?", "Ah, fulano", beleza. Mas pelo número num conheço quem tá ligando, eu só atendo. Então é isso que eu falo, ficou ruim pra mim né, vamo fazer o que, agora não tem mais jeito, não tem pra onde eu correr mais, não é verdade? Eu pra frente eu não vou mais.

Geralmente nós temo aquela vontade, um pouco nós temo prática. Eu mesmo, tenho um cunhado que faleceu tá com uns 4, 5 mês, acho que até mais. Ele só sabe do "O" porque toma café numa xícara, tomava, mas ele faz uma casa de material do

tipo que você quiser, com esquadro. Você entendeu como que é a coisa? Vai ver que um estudado não fazia o que ele faz, e ele num tinha estudo. É a prática, carpinteiro que o que você mandasse fazer de carpintaria ele fazia tudo, e malemal assinava o nome que nem eu, eu malemal assino o nome também. Mas é por aí...

Você me contou como a senhora que você conversou faz pra costurar, é a prática né, já olha ali e tá pronto, já tá desenhado. Só pelo desenho já faz, que nem um engenheiro que vai fazer uma casa, ele faz certinho o mapa, aí o cara que pega já vai por ali, né? Vai em cima. Só que a pessoa tem que entender um pouco também, que nem o cargo do engenheiro hoje depende muito da leitura porque ele tem que ver as parte que ele marca, pra ele poder seguir também, porque se não tiver estudo também num vai.

Mas é isso aí, mas tô feliz da vida, com certeza nós tamo indo, só que pra frente eu não vou mais, só pra trás, né? O Doutor ele cansou, pode parar. Não adianta tentar esforçar, porque você caba no ferro véio. Tem que ficar quieto, deixar na lenta ali e num apertar muito. Eu me considero como uma máquina né?

Sobre a escola, nessa parte aí, todo mundo daquela época chegava num ponto e já matriculava pro estudo. É que nem meu caso, eu que num interessei, mas eu num tenho queixa do finado meu pai nessa parte não. Só que naquela época nosso estudo era diferente, era mais complicado né? Hoje não, hoje tá uma facilidade, hoje é computador, antigamente num tinha, você não alcançou, mas nós alcancemo, naquele tempo era só caneta e lápis, ainda nem caneta num era, muitos usavam aquele tinteiro, colocava a lâmina ali, que era tipo de uma lâmina, né? E ali quando começava a fracassar ele voltava de novo, passava no tinteiro e continuava escrevendo. Todos era assim, tinha um tinteiro, um frasquinho de vidro desse tamanho que tinha antigamente. Era tinteiro, num tinha caneta, caneta tinha mas era bem depois que começou a aparecer caneta.

Então antigamente era assim, nós somos da época do carro de boi, de a cavalo, carroça roda dura, andando a pé, nós andava a pé, 5, 6 quilômetros era canja. Eu morava na colônia e eu ia pra Jardim naquela época, ia debandando de carriola, empurrando, dá 6 quilômetros de lá da colônia onde eu morava aqui na entrada, agora eu num lembro quantos dava daqui lá em Jardim. Eu andava na Vila Angélica tudo vendendo banana, e voltava em casa e chegava com sol de fora ainda, cedo da tarde. Olha o tanto que eu andava, na Vila Angélica, naquele mundo ali tudo e vinha embora.

Naquele tempo a estrada era cascalho, num era asfalto, e graças a Deus eu tô vivo, num vou dizer que tô com muita saúde mas tamó remando, tamó ino.

Se eu num sei de uma coisa eu pergunto pra saber né, que nem tem aquela frase que eu acabei de falar “quem tem boca vai em Roma”, então não é ficar quieto sem falar né, sem perguntar nada pra ninguém. Tem uns que tem uma resposta conforme o endereço de uma casa, que nem em Campo Grande, esses lugar aí, tem uns que dá o endereço errado, tem muita gente contra qualidade né, nós não né, é certinho, tal rua, tal parte, tal casa, tal número, aí cê vai em cima, é isso aí.

Volta e meia eu vou pra Campo Grande, eu viajei muito tempo quando eu comecei a me tratar em Campo Grande, já tá com quase 6 ano, tinha vez que eu ia duas vez por mês vez por mês na Santa Casa. Pra num puxar muito o causo, quando eu comecei fazer os exame, fiquei um ano e pouco na Santa Casa em Campo Grande, tinha vez que eu ia duas vez por mês em Campo Grande, fazendo exame, e terminei passando pro Regional, ali que eu consegui operar, mas através do meu irmão que é meu acompanhante.

Meu irmão é uma pessoa que é entendido, isso que eu falei, ele é entendido, ele foi bancário, ele hoje tá aposentado, então tem a prática de mexer com a coisa, vai em cima! Agora vai eu, me perco lá e num sei nem pra onde é que eu vou, nem na porta eu num sei entrar, num é verdade? Então tem um acompanhante, e é obrigatório hoje, pessoa de idade tem que ter um acompanhante né?

Tem umas parte de Campo Grande que eu já conheço, da chegada, que nem a casa do meu irmão, mora na saída de Aquidauana, alí encostadinho no aeroporto lá, aqui no Regional eu já sei, por ali tudo onde eu bater o zóio, vou em cima! De ônibus eu num ando, num consigo, aquela circular eu num consigo, se não tiver uma pessoa junto eu posso sair lá pro lado de São Paulo aí pra esse mundo, você se perde. Ali o ônibus é por número, as vila né? Então se eu num sei, eu pego um trem e vou parar em São Paulo.

Vixe, é bastante ônibus naqueles terminal, mãe do céu! É superlotado, ali é empilhado, num gostei não, sou acostumado aqui na largueza, cheguei lá fiquei igual porco empilhado um em cima do outro, e muita gente trompa na gente, é igual sardinha. Chega de 5 hora em diante ali que sai todo mundo do emprego, na hora do almoço a mesma coisa, aquele tumulto, eu num acostumo com isso aí, não. Sou acostumado aqui, aqui nós tamó no céu, cidade tranquila, num tem aperto, ir pra virar igual sardinha numa lata... Lá em Campo Grande a boca é torta, quero nem saber dali.

Tem uma época que eu ficava lá, quando eu operei acho que fiquei uns 5, 6 dia, e num podia vim embora porque se desse problema eu tinha que voltar no hospital, fica mais difícil aqui né, então fiquei por lá. Aí quando eu vi que eu tava melhor mesmo eu vim, até quem me trouxe de lá foi a dona Fátima do Jácomo e a guria dela, o que eles fizeram pra mim eu não nego, foi o que eles fizeram pra mim depois de operado, porque o resto não fizeram mais nada.

Se eu não banco o esperto eu tava no cemitério hoje ali, eu falo, como diz "eu mato a cobra e mostro o pau". Não que eu tô falando mal dele né, mas patrão geralmente, num vou dizer tudo, mas a maioria quer ver só o final do empregado. Você é bom quando você tá trabalhando, você parou você num presta mais. Você tá dando lucro pra ele, se não tá dando lucro ele joga pro escanteio, num tá nem aí com você. Não é verdade? Só que eles é uma pessoa que é sabido, que nem o Jácomo num é bobo. O negócio é o seguinte, ele tinha que ter falado "Já que meu empregado num tá bom, vamo dar um jeito de aposentar ele e colocar outro no lugar dele", mas num fizeram isso comigo. Dá como fazer isso aí, ainda conversei um dia com ele, falei "Jácomo, você podia ir no INSS nós dois, Jácomo, dá uma força pra mim", "Ah, num adianta", foi o que ele me respondeu.

Aí eu me virei sozinho, peguei adevogado e falei "Vou correr atrás, é meu direito!". Aposentei, graças a Deus, tá com uns 3 ano. Tô feliz da vida, não tenho o que reclamar, meu patrão tá lá em Brasília, né? Antigamente era a Dilma Rouseff, agora mudou né, agora é outro. Eu memo quero que ele seja legal com nós né? É isso aí, mas isso aí num faz diferença não...

No meu dia-a-dia, geralmente eu asso alguma carninha por aí, eu vou dar umas passeadinha em Jardim que eu tenho que ir, né? E mexer com meus negócio de medicamento, que nem agora memo esse mês que vem agora, final do mês eu tenho que fazer 10 exame. Em março eu volto pra Campo Grande, tá marcado, eu sou obrigado a fazer. Eu vou com o Jair sempre, meu companheiro.

Mas sempre eu sapeco uma carne por aí, aonde me chama eu vou, então toda parte aí. Você já sabe mais ou menos a quantia de carne pra sobrar, já tem baseado, né? Se é tantas pessoa você já calcula uma base pra sobrar, pra num faltar, porque se faltar é vergonha, né? Num pode deixar faltar. Teve uma época lá em Jardim no quartel, é aquela turma do Carlão, me chamou pra assar uma carne lá e eu fui, aí óia, a carne deu ali ali, tinha algum que voltou pra repetir, mas já num deu mais. Mas num ficaram sem comer, mas num é bom assim, bom é sobrar.

A quantidade mais ou menos a gente baseia né, agora tantas pessoa você compra tantos quilos né, que mais também num ocupa, só pra sobrar mesmo se for muito, né? Geralmente 50 pessoa calcula 25 quilo de carne, carne verde. Carne verde é carne crua, sem assar. Ela tem muita umidade, então você assou ela perde muito líquido né? Então, justamente, aonde ela perde aquele líquido, diminui o peso, o que faz o peso é o líquido, então geralmente é assim, a carne pra 100 pessoas, 50 quilos, pra sobrar!

Aí geralmente sempre eu falo "Pessoal, seguinte, se quiser, pega um pouco de carne pura, pega uma linguiça, um frango, faz a quantia de 50 quilo, que dá em cima!"

Compra no mercado geralmente eu que faço, o que mais faz compra pra casa é eu, e outra, a obrigação é do dono da casa fazer a compra e não a mulher, né? Ela compra alguma coisinha dela, uma coisinha que falta, ela fala "Fulano, falta tal coisa", já vou no mercado comprar porque falta pra dentro de casa, né? Eu num espero ela ir, só no caso que eu num puder andar memo, né? Agora ela gosta muito de promoção, eu já sou ao contrário, eu chego lá, eu olho o objeto lá, já vou lá no caixa, já pago. "Ah, mas você pagou muito caro", mas eu num sei, eu só sei que eu trouxe.

Não sei mexer com dinheiro, mas eu sei contar. O dinheiro nosso num tem dúvida, a gente conta bem contato, a gente conhece, né? Se a mulher do mercado falar "Deu 50 reais", igual você tá me perguntando, eu já pego o cinquentão, talvez até mais pra ela me dar mais troco. É nessa base aí...

Eu não cozinho, só se num tiver jeito. Aqui em casa é a mulher, eu gosto de mexer com carne, na verdade, mas cozinhar, mexer com panela eu num gosto muito não, só se não tiver outro meio. E dizer que eu num faço, eu faço! Tem vez que eu erro, esses tempo atrás a mulher tava em Campo Grande, fui fazer um arroz e ficou nadando na graxa, eu errei a medida, mas é um negócio que você num faz todo dia, aí eu pus demais de graxa, de banha de porco, aí é complicado, o arroz ficou brilhando. Pra dar uma desinteria é daqui pra ali, né?

A gente que é diabético, a gente num pode comer carne muito gorda demais, tem que controlar. Mas agora o dia que eu toco de eu fazer, quando ela não tá aí, qualquer coisa que eu vou fazer, porque ela sempre vai pra Campo Grande né, aí eu já controlo, não exagero muito, até na quantidade da comida, porque é ruim você comer todo dia comida fria, você faz muito, fica na geladeira e depois tem que tá reesquentando, e aquela comida é mais gostosa feito na hora.

Oia, essa parte de matemática que você me perguntou eu tô meio perdido, não vou dizer nada agora porque eu num posso falar nada. Nem que são os números, nem isso. Eu num posso falar porque quase nem escuto sobre, nem ligo também, se tá falando pra lá, eu tô com o ouvido pra cá.

Se eu tivesse ido na escola acho que mudaria, com certeza, eu era outro hoje. A pessoa quando vai na escola é mais orientado, né? Senão apanha muito, porque eu tô apanhando. Que nem o caso que eu ia contando, todo ano eu tenho que fazer comprovação de vida, e isso é o certo memo, eu não sou contra, eles estão certo de fazer isso aí porque tem muita fraude, você sabe, né? Então aí sabe que a pessoa tá vivo. Todo ano tem que fazer e eu levo um acompanhante lá porque é no computador, eu num entendo. Aí põe só minha mãozona lá e beleza, tá liberado.

Então eu acho que ajudaria, porque vem muita gente, chega ali, pega o cartão e bate o número certinho ele memo, eu não consigo fazer isso, eu me embaralho tudo e não faço. Eu não posso deixar dar problema né, tem que ser certinho, então por isso que eu já pego outra pessoa junto comigo porque eu não tenho condição de fazer isso aí.

É por aí, nossa vida foi essa. E toda época eu no serviço, nunca saí do serviço, quando eu parei foi porque eu fui obrigado a parar. De uns ano pra cá, eu vim com problema de saúde muito grande, fui até operado, e no meu caso não podia fazer mais nada porque eu tô com problema grave. Mas eu não tenho paciência de ficar quieto, eu tenho que tá movimentando.

E pra gente de idade isso é bom porque se você parar os nervo encolhe, depois você não anda dois metro. É isso aí, eu continuo, minha vida é essa, pra lá e pra cá, caminhando...

Antigamente era difícil, a coisa era bruta. Naquela época nós tomava café com rapadura. Nós naquele tempo moía uma lata de garapa cada um, dá só um tanto de rapadura. Aí pegava aquilo, fazia e coava o café e a gente tomava. Era difícil açúcar, naquele tempo era sertão, não tinha como, é o mesmo que ir daqui em Aquidauana, como que você ia lá?

Nós viemo de Dourados, tá com quase 50 ano que nós mora aqui em Guia Lopes. Nós levantava de madrugada, como hoje memo, é difícil eu levantar 7, 8 hora, não... 5 hora eu tô de pé! Quando nós vamo caminhar eu levanto 4 hora, tomo meu mate, mas agora que ela tá com dor na perna não tem como caminhar. Mas antes,

4:30 nós sai aí nesse mundo, chega 6 hora, 6 e pouco, vamo lá perto do Motel Fazenda, entra pelo meio da vila... É bom demais caminhar, né?

Eu esqueci de contar essa aí... Mas é o causo nosso hoje, na nossa idade que nós tamo, nós temo que movimentar o corpo, você não pode ficar parado, se você parar, entreva. Eu tô acabando de falar, naquela época nós andava a pé, não tinha negócio de condução, só quando ia viajar longe, mas no caso pertinho como 5, 6 quilômetros, era um pulo pra nós. Ia e voltava e não tava nem aí, com uma carga de trem nas costas.

Ah, num tinha negócio de moleza não, nós secava arroz no pilão, hoje você compra um pacote de arroz limpo, empacotado e tem gente que ainda acha difícil cozinhar. E antes que socava no pilão? Tinha que descascar ele, socar ele... naquela época nós socava pra cozinhar. Não é mais difícil do que você pegar o saco, cortar a boca e já por direto na panela? E tem gente que acha difícil fazer isso aí, não quer fazer. É a vida, né?

Posso contar uma piada?

O cara ia morrer, tava mal deitado numa rede, naquele tempo era rede. Falava “Ah, eu vou morrer” pra não trabalhar, não queria fazer nada nesse mundo, ficava deitado o dia inteiro na rede, ele ia enterrar vivo pra não trabalhar. Aí o vizinho dele viu aquele movimento, ficou com dó dele, chegou lá e falou:

– E aí companheiro, como é que tá?

– Tá bom. Olha, nós vamo morrer, eu vou enterrar vivo, não quero trabalhar.

Aí o vizinho falou:

– Não, o negócio é o seguinte. Eu vou te dar um saco de arroz pra você não enterrar vivo, rapaz, te dou um saco de arroz.

O cara virou e falou assim:

– Tá cascado ainda?

Ele falou:

– Não.

– Então toca o enterro pra frente!

É, tem muitos que não quer nada desse mundo, quer tudo na mãozinha, e não é por aí, né? A gente tem que correr atrás. É isso aí.

No dia 16 de julho de 2018, fui pela manhã na casa do seu José Vitor para mostrar a textualização, ele me recebeu bem, alegre como da outra vez em que conversei com ele, disse já ter feito muitas coisas antes de eu chegar, e que a dona Amaranta não estava em casa.

Fiz a leitura da textualização, registrada em áudio e vídeo, e o seu José Vitor aparentou gostar, rindo durante muitas vezes durante a leitura. Expliquei para ele que esse texto estaria na minha dissertação e que seria divulgado, mas ele não quis fazer modificações, pois segundo ele, tudo o que disse na entrevista era verdade. Sendo assim, também fiz a leitura da carta de cessão, que foi registrada somente em áudio.

Conversa com Dona Quitéria Senhorinha da Silva

Nos encontramos no dia 16/01/2018, em Campo Grande/MS

A entrevista com a dona Quitéria foi intermediada por uma amiga, cuja tia é filha da nossa entrevistada. Fui em sua casa pela manhã, ela e sua outra filha, que mora em São Paulo e a estava visitando, me receberam muito bem. A dona Quitéria foi simpática, me pareceu uma pessoa séria, talvez tímida, com respostas bem objetivas às minhas perguntas, o que me assustou um pouco, pois era minha segunda entrevista e eu, sem experiência, via meus questionamentos serem pontualmente respondidos em pouco tempo.

Minha amiga me acompanhou para ajudar na gravação, feita somente em áudio, e participou fazendo alguns comentários, assim como a filha da dona Quitéria, que gesticulava e falava baixo para sua mãe algumas coisas que eu não conseguia entender. Diante disso, eu disse que não teria problema algum e ela poderia falar se quisesse, então ela participou da entrevista mais ativamente, assim, optamos por colocar sua narrativa logo após a narrativa da dona Quitéria.

Meu nome é Quitéria Senhorinha da Silva, nascida no dia 7 de junho de 1948, em Custódia, Pernambuco. Pra falar a verdade, eu frequentei essa escola aqui, Arlindo Sampaio, acho que uns 2 mês. Era pra adulto, tinha um monte de analfabeto conhecido da professora, então ela não se interessou muito pelo meu caso. O pouco que eu fiz, eu fazia sozinha, com uma amiga minha, a Neli, que é a mulher do Nestor, concunhada da Marlene, minha filha.

Eu ia à noite, era tranquilo, eu trabalhava durante o dia. A professora não se interessou muito pelo meu caso e eu fui me estressando com aquilo lá. Ela não ia me ensinar nada pra mim, ela queria que eu copiasse dessa minha amiga, aí eu peguei, fui me estressando, peguei e larguei mão! Não fui mais, acho que foi uns 2 mês e pouquinho, não foi muito.

Então, a professora num se interessou muito pelo meu caso não, e eu num tentei procurar outro lugar, num tentei, num vou falar que eu tentei porque se eu falar eu tô mentindo, foi só aí mesmo e resolvi sair. A Neli mora aqui pra dentro, ela falou “Não dona Quitéria, num vai desistir não, não sei o que, pode deixar que eu ajudo a

senhora, eu vou conversar com a professora”. Ela andou conversando com a professora lá na sala mesmo.

Foi a única vez que eu frequentei, no Pernambuco, como se diz, na época nossa não tinha professor, tinha longe e a gente não tinha condições de ir, entendeu? As minhas irmã, algumas estudou um pouquinho, mas é porque era longe, era muita dificuldade pra gente ir, quando a gente morava lá. E aí, lá mesmo eu nunca nem fui na escola, agora aqui eu tentei ir, mas macaco velho não aprende a cantar, né? Mas eu tentei ir, só que infelizmente não deu certo, ixe, eu não tive muita paciência não.

Antigamente era muito difícil, muito, muito, muito! O meu irmão mais velho quando estudava ia longe, montado num jegue, ele ia muito longe! Ele aprendeu um pouco, a outra minha irmã que mora lá, morou com a madrinha dela que morava longe também, e ela era professora e ensinou um pouco pra ela. Mas nós, as outra, não tivemos nada nada nada de estudo, só trabalhava.

Eu pensava que depois eu sabia que ia fazer falta pra mim, mas infelizmente não pude fazer nada, entendeu? Ixe, como fez falta, hem? Essas minha filha eu fiz tudo ir mais um pouco pra elas seguir o estudo. Eu fiz tudo, só que depois que o nariz cresceu, elas acharam que era dona do nariz, foram abandonando, abandonando... e hoje, tá aí fazendo falta pra elas também, algumas, né? Pode ter certeza que faz!

Eu incentivei meus filhos, eu fiz tudo e mais um pouco, só que infelizmente eles não quiseram seguir, ninguém chegou aonde devia. Só a gorda, a Maria José que terminou o Ensino Médio.

Antigamente não tinha como, não tinha como, era muito longe, não tinha condução, a gente não tinha como ir, não tinha, não é que nem hoje que tem van, tem ônibus que pega os aluno e leva pra escola... Vixe, muito longe.

O povo comentava “Ah, porque tem que estudar”, não sei o que, “Vai fazer falta”, isso a gente sabe que faz falta, né? Mas infelizmente nós lá no Pernambuco nós não teve como, de jeito nenhum.

Aqui era só eu pra fazer tudo, atender filho, atender marido, entendeu? Fazer o serviço de casa, então ficava difícil pra mim. Eu creio que não ter ido na escola trouxe um pouco de dificuldade, eu creio que tem, né? Porque eu não faço nada, eu faço tudo é com o dedo, entendeu?

Então, eu compro as minhas coisa, quando precisa de assinar eu assino tudo com o dedo, só que assim, eu pego o ônibus sozinha, eu viajo sozinha, eu não me perco em lugar nenhum, tudo isso eu faço sozinha quando precisa, entendeu?

Pra mim pegar ônibus eu tenho que pagar ônibus porque ninguém num libera pra mim entrar sem pagar, entendeu? Alguns motorista que eu mostro a carteirinha fala “Ah, dona, eu vo vê”, aí vai, vai... Alguns deixa eu entrar pela porta do meio, mas alguns não. Eu tenho uma carteirinha que eu fiz aqui, é pra viajar só aqui no Mato Grosso, mas da circular não tem. Mas lá em São Paulo eu andei andando com a identidade, aí os motorista deixava eu entrar com a identidade.

Vixe, eu faço muita coisa no meu dia. Da hora que eu levanto até a hora que eu vou dormir cuido de casa, de filho, esse gurizinho que nós cria, que é meu neto mas eu que crio, ele estuda de manhã e de tarde, então é uma correria, tem que levar e buscar na hora certa, entendeu?

Quando eu ando de ônibus eu sei qual é porque eu conheço pelo número dele, eles todos têm um número. Desde que eu cheguei aqui que eu comecei, eu trabalhei muito tempo na cidade, então eu sei tudo os número deles, eu pego por causa do número, eu não sei o nome mas eu sei o número. Não tem aquele número? Então, por aquele número lá eu sei que vai pra tal lugar.

Os número eu sei, e os nome assim alguns também eu entendo um pouco, mas eu faço mesmo é com o número. Quando eu vou pra outros lugares que não conheço eu já marco o número do ônibus também, se precisar eu pergunto, que eles para nos ponto, encosta muito ônibus, eu nunca me perco porque eu marco o número.

Eu vou no mercado fazer compra, vou sozinha, passo o cartão de crédito pra pagar, digito a senha. Eu conheço os número, sei qual é o preço, aprendi ao longo da vida.

Eu cozinho, mas não uso receita, eu faço tudo de cabeça. Quando vejo alguma receita eu gravo na cabeça, se eu tentar fazer, eu faço. É que assim, eu num tenho muito costume assim de fazer coisa diferente. Aqui é só eu, meu marido e meu filho, a gente come arroz e feijão, uma carne o dia que tem, uma salada... Agora quando minhas filhas vem pra cá não, “Ah, pega a receita de tal coisa pra nós fazer isso”, tudo elas faz na receita. “Ah, isso aqui vai tanto disso aqui, isso aqui vai tanto daquilo lá”, eu não. Pra mim mais eles aqui eu não faço muita coisa diferente, eles preferem mesmo é um arroz, um feijão, uma carne de panela, um bife, um peixe...

A nossa comida é essa, agora quando elas vêm pra cá elas inventam um monte de moda e elas se vira, eu entrego pra elas fazer, mas elas num faz nada se eu não tiver ali ó. Arroz elas faz desse tantinho de arroz, eu faço uma panela de arroz, ninguém faz arroz aqui pra todo mundo quando tá porque elas não acerta a

quantidade. Eu que faço, então elas fica “Mãe, isso e isso... Mãe, isso e isso”. Essa minha filha aqui, ela tenta fazer sozinha sem me chamar, mas ela não consegue. O marido dela é um ótimo cozinheiro, bota ele na cozinha ele não chama nem ela, ele faz tudo ali ó, não chama ninguém.

Eu tenho celular, tenho duas bomba aí. Tenho dois porque um é Claro e um é Tim, eu ponho um chip num e outro noutro, entendeu? Eu não anoto o nome das pessoas, eu peço pra alguém salvar o contato. Eu tenho o número deles tudo marcado aí, tudo anotado, então quando alguém me liga eu sei quem é pelos número, o final e o começo, mais ou menos eu olhando no número eu sei quem é. Quando eu vou ligar é a mesma coisa, vou olhando os número. Quando eu viajo eu levo tudo os número deles marcado, se eu precisar ligar pra qualquer um deles eu ligo, eu não me perco.

Minha filha me deu um celular que ela tinha que era mais novo, eu tava com ele aqui, eu ia colocar chip, só que aí meu filho foi assaltado na véspera do Natal, levaram dois celular e um notebook, o celular ele tá pagando ainda, só que aí pra ele num comprar outro agora sem poder, e ele é caminhoneiro, não pode ficar sem, então eu peguei e dei pra ele, ele colocou o chip com o número do outro dele que roubaram, aí ele tá usando. Eu num cheguei a usar o que ela me deu, ela tinha acabado de me dar, eu ia colocar o chip ainda, mas eu dei pra ele e ele tá usando, colocou um chip com o mesmo número dele. Deixa ele usar, precisa mais do que eu, né?

Uma coisa que eu num consigo é sacar dinheiro no caixa eletrônico, é um pouco difícil porque que eu demoro e aí bloqueia o cartão, então eu num tento. Isso eu num faço, já bloqueei uns quantos cartão meu e tem que ir lá onde eu abri a conta pra fazer outro. Eu não peço ajuda dos atendentes, eu num gosto de pedir não, porque tem uns que é grosso e eu já sou meia esquentada.

Eu pego as coisa pra mim vender, agora que eu tô sem porque os meus marretero sumiram, eu vendo lingerie, vendo roupa de cama, mesa e banho. Tudo eu assino promissória, eu faço meu rabisco, eles todos já entende. Isso eu num assino com o dedo, só outras coisas. Pra anotar as vendas eu pego as etiqueta e vou colocano no lugar, e a hora que dá eu peço pra pessoa anotar pra mim. Eu mexo com dinheiro, aí é que eu não me perco mesmo, só num tem o dinheiro, né?

Vixe, mexer com dinheiro eu mexo desde 7 ano de idade. Lá no Pernambuco nós tinha nossas roça que nós vendia, que nós que plantava, nós que colhia e vendia, então cada um tinha seu dinheiro, entendeu? Acho que ninguém ensinou não, a gente aprendia.

Ixe, eu já ouvi falar muita coisa de matemática, que realmente é difícil matemática, todo mundo fala. Eu ouvi que é difícil, a gente fica nessas filas aí, em banco, em posto de saúde, em qualquer lugar, e o povo comenta tudo isso. Então a gente escuta, entendeu? Porque o povo comenta mesmo, fala dos outro, fala de amigo, fala de parente, comenta de tudo que existe, tem gente que faz isso, entendeu?

Então, matemática é um negócio assim, é esse negócio de número, essa coisa, né? Não acho que não ter tido a matemática da escola atrapalha, que atrapalha eu acho que não. Mas saber essa matemática da escola me ajudaria no caso pra ensinar o Mateus, mas o que eu posso fazer pra ele, eu faço. Se eu vejo que tá errado, se ele faz alguma coisa e eu vejo que tá errado, eu faço desmanchar e fazer de novo, entendeu?

Se eu tivesse ido na escola eu creio que mudava bastante coisa no meu dia, porque aí eu sabia assinar, eu sabia escrever as coisa quando eu tava num lugar que precisa, mas eu num vou questionar isso aí não, vou fazer o que, né?

A filha da dona Quitéria também participou da entrevista, conversando conosco e fazendo alguns comentários...

Fala mãe, “Eu sou uma pessoa idosa, eu sou analfabeta”. A mãe é bem inteligente, por ser uma pessoa que nunca frequentou uma escola como tem que ser frequentado. Então a mãe, olha, ela vai e volta pra São Paulo, lógico que a gente fica com o coração na mão, mas tem uma cartinha lá que a gente escreve, um endereço com o nome de todo mundo, tudo, que a gente faz. Ela vai no supermercado, ela sabe troco, ela sabe dar troco, ela pega ônibus sozinha, ela é independente mesmo, ela não depende de ninguém, entendeu?

Quando ela tá na minha casa lá em São Paulo, ela vem embora pra cá e eu deixo ela dentro do ônibus, porque como para vários ônibus iguais, então você sabe que é aquele que você tem que ir, então eu falo “Ó mãe, é esse o seu ônibus, grava o número”, é o que a gente fala pra ela, “Grava o número!”, só que a gente fica com o coração na mão né, até ela chegar aqui no outro dia eu nem durmo. Mas nessa parte aí a mãe, graças a Deus, ela nunca se perdeu, ninguém nunca passou, acho que não, ninguém nunca passou troco errado pra ela, então assim, ela vai no supermercado, ela vê, ela sabe os preço...

Nessa parte do banco a gente não se preocupa porque ela se vira, entendeu? A dificuldade que ela tem, por exemplo, tem o meu sobrinho que é ela que cria, o Mateus, ele faz o terceiro ano, terceira série. Então, a mãe tem dificuldade em ensinar ele fazer as atividade dele, do dia-a-dia, aí a gente colocou ele num projeto, então de manhã ele vai pra escola e a tarde ele vai pra esse projeto, e lá no projeto ajuda ele a fazer a lição.

Quando a gente vem aqui fim de semana, a Marlene às vezes, a Rafaela, filha da Marlene, a Marli, as minhas outras irmã ou até eu mesmo quando fico aqui, porque quando eu venho eu fico uma semana, 15 dias, sabe? Aí a gente ensina, a gente procura tá em cima, ela fica lá curiando, então algo assim ela sabe, ela sabe que tá mal feito, quando ela vê lá ela sabe que tá mal feito, do jeito dela, mas ela sabe.

Então assim, a mãe em dificuldade por não ser alfabetizada, ela tem pouco, ela só não escreve o nome dela, mas ela faz um rabisco ainda, e usa também o dedo. Ela põe a tinta, aquele carimbo, é igual um carimbo, daí ela coloca, porque no RG dela já tá lá “Não alfabetizada”, mas tem gente ainda que insiste que ela faça assinatura, falam “Não, mas a senhora não escreve nada?”

Então só outras coisas, como uma loja que vai fazer uma prestação, que tem que assinar, aí eles coloca o dedo, faz o carimbinho lá e coloca a digital dela. Mas a mãe nessa parte aí por não ser alfabetizada ela é bem inteligente.

Na questão do banco, a gente fala “A senhora vai lá dentro do banco, vai na lotérica”. O banco dela é a caixa econômica, igual do meu marido, e tem 4 letras, então por exemplo, é BO, AE, aí você tem que procurar lá, rápido, onde que tá o AE ou o AY, ou o SO, você tem que procurar rápido de que lado que tá, aí a mãe vai direto na lotérica. Ela tem a senha dela, ela sabe os números, igual ela falou, ela conhece os números, ela digita os números lá, então quer dizer, ela já não depende da moça pra fazer a transação pra ela em relação à senha, porque ela sabe a senha dela, então ela mesmo põe os números lá. E assim, se você falar pra ela “Olha, a senhora tem que ir lá e pagar, comprar e fazer isso”, ela faz! A dificuldade dela mesmo é ler e escrever, só, entendeu?

Com relação aos estudos, a mãe teve força de vontade pra aprender algo mais do que ela já sabe. Ela trabalhava durante o dia e chegava a noite com a disposição de querer ir aprender, mas infelizmente os professores não quis ajudar, acho que pela idade, “Ah, aí não tem mais jeito, não sei o que”, a gente pensa que foi assim que eles pensaram, entendeu? Então aí foi onde ela se estressou.

Era pra adultos, era tipo o EJA, só que hoje o EJA ainda tem adolescente, tem né as pessoas mais novas, que não terminou dentro do tempo da escola, e lá na mãe era os mais idoso que tava lá, e a professora não tinha interesse. Tinha nos mais novo, né? Tinha certa idade mas era mais novo que elas. Então, o que dava a entender é que a professora falava “Ah, essa daí não vai longe”, é isso que a gente enxergava, acredito que ela também, foi aonde ela desistiu.

Mas a gente incentivou também, eu achava bonito porque ela chegava do serviço cansada e ainda teve o interesse de ir lá, mas infelizmente não teve professor que tivesse interesse nela, entendeu?

E infelizmente tem muitos professores hoje que tá lá pra dizer que fez uma faculdade, que tem um cargo, né? “Ah, eu sou professora”, né? Eu vejo isso nos professor de hoje, isso que eu vejo, não tem interesse em por o aluno pra frente, incentivar, apesar que hoje tem muitos alunos também que deixa a desejar, entendeu? Tem muitos pais de aluno que acha que o aluno tem que ser educado dentro da escola e não é assim.

Eu acho que o aluno vai lá pra ele aprender se ele tiver interesse porque hoje o professor enxerga assim, se o aluno não tem interesse, eles não dão atenção. Infelizmente é assim, entendeu? Eu tiro por onde eu moro, entendeu? Muitos alunos lá, eu já fui mãe de APM lá, então é o que a gente via, então... sei lá. Eu acho que não mudou nada do tempo que minha mãe teve interesse. Tem mais de 10 anos isso, muito mais, tem uns 15 anos isso.

Mas por ela não ser alfabetizada, ela é muito inteligente, entendeu? Não é qualquer um que faz o que ela faz não, não adianta querer passar a perna nela de troco, não passa não, e ela vende as coisas dela.

Geralmente é assim, por exemplo, se ela vai lá vender pra você, ela já fala “Ó, anota aqui o seu nome e o que você comprou”, ou às vezes a gente chega aqui e ela guarda e fala “Fulano comprou isso, isso e isso, é no valor de tanto, anota pra mim”, aí a gente anota.

Já com o celular mesmo, como eu troquei o meu, o outro que eu dei pra ela, só que aí eu tive que emprestar pro meu irmão porque ele foi assaltado e levaram o celular dele. Só que eu ia colocar fotos no celular dela, por exemplo, ela quer ligar pra Marlene, minha irmã, então tem a foto da Marlene pra ela ligar. Só que como eu emprestei pro meu irmão, esse que ela tem hoje, por isso que ela falou que era uma bombinha, não tem WhatsApp, mas no outro celular eu ensinei ela a falar no áudio.

Quando ela tá lá em casa, lá em São Paulo, eu dou o celular e falo “Fala no áudio aqui com as menina, ó, manda o áudio”, aí já ensinei também a técnica da gente falar por vídeo. Então assim, a gente tem que incentivar porque ela fica sozinha aqui durante o dia, fica só ela e o Mateus, aí o Mateus vai pra escola de manhã e à tarde ele vai pro projeto, o meu pai quando tem uns biquinho pra fazer ele vai fazer, então ela fica só, então numa necessidade, então eu acho hoje que esse celular é mais prático do que o que ela tem. Então eu falei “Olha, quando a senhora quiser ligar pra gente a senhora só clica em cima da foto”, foi o que eu ia por, é mais fácil, e ela pega fácil, só que não deu tempo de praticar ela aqui, mas a gente vai.

Mas ela se vira, igual mesmo o Mateus, o meu sobrinho, ele tem 8 anos. Ele também é bem ativo, então a gente procura ensinar ele pra ele cuidar dela, pra hora que ela precisar, ele ajudar ela. Às vezes ele mesmo liga pra Marlene, pra Marli. Então ele tá ajudando ela em certas coisas que ela não sabe, porque eles ficam só, mas ela se vira.

A mãe conta que na época deles os pais dela eles eram muito chucrão, muito rígido, até então que ela nem estudou, né? Pela ignorância do meu vô que é o pai dela, e por ser longe. Antigamente não tinha o interesse que tem hoje de uma escola, que hoje uma criança que não vai na escola, o conselho tutelar vem atrás, e antigamente não tinha, então acredito que tudo que ela aprendeu, aprendeu sozinha.

No dia 13 de julho de 2018 fui até a casa de outra filha da dona Quitéria para fazer a leitura da textualização. Em um primeiro momento, havíamos marcado em sua casa, mas posteriormente ela avisou que nesse dia iria à casa de sua filha, então mudamos o local.

Minha amiga foi comigo novamente para me ajudar na gravação e, além dela, a filha da dona Quitéria também estava presente quando fiz a leitura da textualização. Expliquei que o texto estaria em minha dissertação e que seria disponibilizado, mas a dona Quitéria não quis fazer modificações. Sua filha me disse que gostou e até me pediu que mandasse o trabalho quando estivesse pronto, a dona Quitéria também disse ter gostado, e afirmou que se eu tivesse gostado também, estaria tudo bem para ela.

Assim, fiz a leitura da carta de cessão de direitos, gravada somente em áudio, sua filha preencheu os dados pessoais e a dona Quitéria assinou com a assinatura que usa comumente, que ela diz ser só um rabisco, e também assinou com a digital.

Conversa com Dona Silvéria Carvalho Custódio

Nos encontramos no dia 21/01/2018, em Guia Lopes da Laguna/MS

A entrevista com a dona Silvéria foi realizada por intermédio da sua sobrinha, Rosa, que é prima da minha mãe e que nos mostrou o caminho para chegar até a casa da nossa entrevistada, em um domingo à tarde. Dessa vez não tive ajuda de minha mãe para a gravação, e ninguém mais se juntou a nós nessa conversa.

A entrevista aconteceu no quintal da casa da dona Silvéria, foi registrada somente em áudio e, por vezes, foi atrapalhada por um som muito alto vindo da casa vizinha, que me fez trocar de lugar e me aproximar mais da dona Silvéria em certo momento da entrevista, pois ela afirmou que não consegue mais escutar muito bem.

A dona Silvéria também me recebeu bem, é simpática, de voz calma e baixa, que ficava ainda mais evidente quando em contraste com o som alto do vizinho, ela foi um pouco objetiva em suas respostas para as minhas perguntas, o que, por algum motivo, não me assustou.

Eu nasci aqui em Guia Lopes da Laguna mesmo. Eu sou de 29 de dezembro de 1942, tenho 75 anos e me chamo Silvéria Carvalho Custódio.

Eu trabalhei o tempo inteiro, agora eu parei porque já tô véia e num aguento mais trabalhar. Eu moro na minha casa, só eu e Deus, as minha coisinha que eu tenho que fazer na minha casa, eu mesmo faço.

Eu já fui na escola muitas vez, minha filha, depois de véia eu fui também, mas num aprendi nada. Num consegui aprender, num entra nessa cabeça oca, nem meu nome. Você acredita que meu nome, perguntando pra mim assim, as letra eu sei, mas a assinatura eu esqueço tudo, num sei juntar as letra pra dar o meu nome.

Eu estudei uns três ano nessa escola que saiu aqui perto de casa, mas num achei vantagem. Na verdade, a vantagem que eu achei é porque o meu nome só mal eu sei, mas eu num sei a assinatura porque eu esqueço das letra.

Depois, eu estudei um ano nessa escolinha que tinha aqui na capela, vinha uma moça pra dar aula pras pessoa e eu fui. Uns aprendeu, os que num é burro que nem eu aprendeu, mas eu num consegui mesmo. A professora era a Joelma, fia do Chico Barbosa, mas quando ela saiu entrou outra no lugar, o nome dessa outra eu

esqueci, tudo eram boa pra mim, ensinava bem, mas é que num entro na cabeça mesmo, eu num pude, num consegui. Aí eu parei né, o que eu ia fazer? Depois minha vista ficou curta, e já fica mais difícil pra mim. Quando eu ia na escola aqui, tinha companheiro pra gente ir, mas depois acabou os companheiro e eu fiquei sozinha, e a noite ainda né, num dava pra mim ir, então eu parei, fiquei aqui.

Das minhas professora eu num tenho queixa, tudo era boa e tinha paciência comigo, só que o ruim era eu, elas eram muito boa, ensinava bem. Era só pra adulto que elas ensinava, tinha bastante gente.

Quando eu era pequena, minha mãe me pôs na escola uma vez, mas foi pouco tempo porque era muito difícil. Minha mãe morava com nós e aí ela mandou eu lá pra Serra pra mim estudar numa escola que tinha, essa da campanha, era lá no Santa Fé que eu fui a primeira vez.

Quando eu era pequena nós morava tudo no mato, em seguida meu pai deixou da minha mãe, e minha mãe cabou de criar nós tudo assim, trabalhando com os outro, deixava a gente na casa alheia pra ela ir trabalhar. Assim que nós fomo criado, e assim que eu também criei os meu, minha filha, eu criei 7 filho meu só com a ajuda de Deus e do povo. Eu trabalhei muito pra criar meus filho, mas graças a Deus tudo eles, o pouquinho que eles sabem ler e escrever acho que ninguém tira deles. É o que eu falei, eu num quero que meus filho seja que nem eu, porque é demais de ruim, menina do céu, pra ver um remédio, você não sabe ler o nome, você mistura tudo. Esses tempo um remédio fez mal para mim por causa que eles anota tudo do remédio pra mim, como que é pra tomar, mas eu esqueço e eu tomo remédio errado, as vez tomo um que num é pra tomar e o outro que é pra tomar, fica. É muito difícil pra mim.

Então, minha filha, eu incentivei muito meus filho a estudar, mas muito mesmo. Eles eram 7 e o pai deles nunca me ajudou, num me deu uma agulha pra me ajuda, e eu aqui em Guia Lopes. Quando tava lá pro mato, eu deixei, a gente vivia de qualquer jeito. Depois que a gente veio pra cá, tivemos que pagar aluguel de casa, ajeitar as coisa e eu fui trabalhar e, graças a Deus, Deus é tão bom com a gente que a gente acha serviço, acha emprego. Pagava uma micharia, mas trabalhava.

Meus filho nunca comeu comida muito boa, mas como diz, fome também não passaram, graças a Deus! Eu criei tudo meus filho, tudo foi pra escola, aí depois de criado mesmo, dois faleceu em Rondônia, um casal.

A minha mãe, uma vez, entregou eu pra uma professora, eu tinha uns 12 ano de certo. Ela deixou eu com essa professora pra eu trabalhar, ela não precisava me

pagar, mas era pra ela me ensinar a ler, escrever, fazer ao menos meu nome. Eu trabalhei dois anos com essa dona, eu cuidava de umas criança pra ela e ela nunca pegou um caderno pra falar pra mim fazer meu nome pra ela ver, ela nunca me ensinou. Trabalhei tudo tempo com ela, mas eu num consegui nada porque ela nunca me ensinou.

Eu fiquei muito tempo com essa dona, depois eu saí e minha mãe empregava eu numa parte, ne outra, que aí já dava pra mim trabalhar pra mim comprar as coisa que eu precisava pra mim. Mas os meus filho não, minha filha, eu batalhei bastante, mas eles num saía pra trabalhar, eles ficava toda vida em casa. Nesse tempo que a gente tava com eles pequeno pra trabalhar, a gente não tinha feriado, não tinha domingo, só depois do almoço, e eles me ajudava muito porque eu chegava tarde do serviço e as vezes tinha muita roupa suja pra lavar, então eles ensaboava, tirava a sujeira e deixava pra mim ver se dava pra torcer, e na minha casa não tinha água, tinha que trazer água do vizinho de longe.

Eu passei muito sacrifício para nós viver, num sei como que guentou viver até agora. E é isso, eu passei muita coisa, mas graças a Deus eu venci! Só que eu não pude aprender a ler, isso que eu precisava tanto, eu falei que eu queria tanto saber escrever, porque se eu soubesse, eu tinha o prazer de ir na igreja, na missa, ler lá na frente como o povo lê pra mim, ler uma Bíblia, alguma coisa pra mim que eu queria, mas num deu, num consegui e num vou conseguir mais porque tô muito véia.

Pra começar eu já tô surda, já enxergo pouco, aí é difícil. Ainda bem que eu tenho a minha filha que cuida de mim, ela só num pode ficar direto comigo porque ela mora em Jardim, mas ela vem fazer as coisa pra mim quando eu num posso. Primeiro meu neto pagava uma menina pra ficar comigo, porque ficava só eu aqui, sozinha, mas agora ele mora aqui do lado de casa, num precisa mais. Ele é meu neto e meu filho de criação porque eu que criei ele.

E agora depois que eu fiquei diabética, ih, mas é ruim hem. Esses dia subiu minha pressão, passei mal, minha pressão uma hora tava muito alta, outra hora tava muito baixa, aí eu tava só sentada, dormindo atoa, falei “Mas num tá certo, vou ter que procurar um médico”. Então eu fui, mas eu tenho que ter um companheiro pra ir comigo, porque sozinha eu me perco, minha filha, eu estranho o lugar, eu num guento. O doutor me ensina, me fala, e eu tô escutando, prestando atenção ali, mas saí dali eu esqueço tudo.

Quando preciso tomar um remédio, eles lá da farmácia escreve tudo para mim na caixa, mas o que adianta se eu não sei ler, minha filha?

Essa minha filha me ajuda a fazer as coisa, me leva nos lugar, no médico, compra remédio, marca tudo, mostra bem para mim. Eu tenho três vasilha de remédio, mas as vezes eu misturo os remédio. Véio num vale mais nada, né?

Eu acho que num ir na escola trouxe dificuldade sim, dos remédio... mas num lembro mais de nada, filha. Eu acho que se eu tivesse aprendido a ler e escrever mudava muita coisa na minha vida, porque aí eu podia aprender ler, podia fazer uma coisa que eu num sabia fazer, pegava e lia e fazia, um bolo, um doce, uma coisa que eu não sabia fazer e estava escrito, aí eu fazia. Assim que eu achava muito bão, mas num adianta, eu fico oiando e eu falo assim pra minha filha “Num adianta não a gente tá envorveno com esse sapo véio”. Mas, graças a Deus, o resto tá bão, eu queria uma coisa assim, mas se num deu, num deu.

Eu cozinheiro, eu sei fazer bolo, eu sei fazer chipa, isso tudo eu sei, eu sei cozinhar. Eu trabalhei muito tempo de empregada daqueles menino do Banco do Brasil, eu cozinava pra eles, eu era cozinheira. Esse tempo eu prestava. Eu cozinava, lavava e passava, eu tomava conta da casa, que era só home, né? Era muito bão para mim, num foi bom quando eu parei de trabalhar porque quando eu tava trabalhando a gente tinha o dinheiro da gente, podia pegar o dinheiro da gente e comprar o que precisava, mas até eu aposentar eu num passei muito bem não, mas depois que eu aposentei, graças a Deus, deu até para fazer minha casa, antes eu morava num ranchinho ali, com a ajuda de Deus e da Maria, aquela minha sobrinha que me aposentou e andou muito comigo.

Eu num acho difícil ter que ir com as pessoa nos lugar, não. Eu tenho disposição, eu quero fazer as coisa, minha filha, só que eu canso, de certo já tô muito véia, as vez canso atoa, mas eu gosto de fazer, eu gosto de ajudar os outro, isso é comigo mesmo, mas só que eu num guento muito mais. Meu serviço que eu ainda posso fazer, que eu não saio de casa, é colcha de retalho. Eu faço colcha de retalho, eu ganho retalho e faço, eu tenho uma feita aí e tô fazendo mais.

Eu viajo, no médico eu já fui em Campo Grande, umas três vez eu fui. Eu viajo assim, eu viajava, que agora eu num animo mais viajar também. Eu ia pra Rondônia também, agora num animo mais não. Eu ia com a filha, mas num dá pra ir mais por causa que tô ruim, ando um pouco e me dá tontura. Tem uma filha minha que mora em Rondônia que vai vim pra cá agora pra morar comigo, diz que pra me cuidar.

Eu num faço mais compra no mercado, minha filha que faz para mim, ela pega meu dinheiro do aposento, faz tudo a compra e traz pra mim. Eu sei mexer com dinheiro, isso eu sei, mas só que eu num fico com o dinheiro, tem tanta coisa que acontece por aí, né? Eu falo pra minha filha “Você fica, guarda pra mim lá”, e a hora que eu preciso eu peço pra ela o que eu quero, mas eu num fico com dinheiro.

Eu aprendi a mexer com dinheiro vendo os outro, a gente via, mas eu num posso dizer que aprendi muito, não, eu sei assim, sei as nota de 5, de 10, de 100, de 50, de 20, isso tudo eu sei, mas fazer conta eu num sei, somar não, num sei fazer conta de jeito nenhum.

Eu tenho um celular ali. Eu sei ligar pras pessoa, mas tem que deixar o número num papel marcado pra mim. O número eu conheço, se deixar marcado o número num papel eu ligo. A única pessoa que eu aprendi, graças a Deus, que não precisa ser no papel é dessa minha filha, o número dessa daí eu sei, já decorei o número dela pra ligar pra ela quando eu preciso, mas no mais, não.

Se eu for ligar pra alguém, eu olho o número da pessoa no papel e ligo. A pessoa que escreve o nome dela e eu decoro o nome, isso que eu acho graça. Eu decoro o nome, eu conheço o nome da minha filha, do meu filho, da minha nora, da minha vizinha, esses eu conheço, isso eu sei, mas tá tudo no papel. Quando me ligam, eu sei atender, mas eu só sei quem é quando eu tô falando, pela voz. Eu num sei mandar mensagem, nada, isso num tem não.

Eu saio pertinho aqui de casa, vou na casa da minha nora, na casa da dona Marcelina, mas agora ela num tá, tá lá pra Ponta Porã, ela é minha vizinha, e só, só assim. Nem na igreja eu vou mais porque eu num tenho com quem eu ir e num dá pra mim ir sozinha. Eu sei ir sozinha, mas eles num quer que eu vou porque eu tenho tontura, é ruim, é perigoso.

Você me perguntou de matemática, eu já ouvi falar de matemática, filha, mas isso num entra na minha cabeça, Deus do céu. Eu ouvi que matemática é pra ensinar a fazer conta, né? É só fazer conta que eu sei que é. A professora passava pra nós, mas eu embolava tudo e não dava conta de nada. Eu num sei somar, num sei, é tudo complicado, num sei não. Eu num soube matemática, mas que faz falta, faz, faz falta pra muita gente, né? Ah, mas se eu soubesse, minha filha, eu ia fazer uma conta, eu podia fazer uma conta, ver quanto que dava, quanto que ia sobrar, mexer mais com meu dinheiro, mas não deu.

A escola é muito bom, muito bom mesmo. Nunca vi dizer que pessoa que foi pra escola, que aprendeu, falar que era ruim. É muito bom, se eu fosse boa de ideia eu queria, eu até queria aprender, mas num posso mais, num tem jeito, num consigo mais.

Na primeira vez em que fui à casa da dona Silvéria para tentar marcar um dia em que eu pudesse mostrar para ela a textualização, quem me recebeu foi sua neta, que me disse que ela estava de férias e só voltaria dias depois. Voltei à sua casa nos dias em que a neta disse que ela estaria, me perdi no caminho, mas após algumas informações, consegui chegar.

A dona Silvéria, da voz calma, me recebeu com um abraço, expliquei a ela que estava ali para ler a textualização da entrevista que fizemos, e sentamos em seu quintal, dessa vez mais perto da cerca, onde algumas vacas pastavam do outro lado. Tentei gravar a leitura em áudio e vídeo, o que a dona Silvéria concordou, mas penso que o vídeo a deixou um pouco desconfortável, pois aparentava timidez. Só pensei que pudesse ser por isso depois que já tinha acabado a leitura, de qualquer forma foi um sofrimento quer poderia ter sido evitado se se abrisse mão daquela mídia ou se se percebesse que a gravação parou por volta dos 3 minutos, restando somente a gravação em áudio.

Expliquei para a dona Silvéria que o texto estaria na dissertação, e que seria disponibilizado, mas ela também não quis fazer modificações. Ao final, pedi para que sua neta, que estava de saída, também lesse a carta de cessão, assinada pela dona Silvéria com certa dificuldade, pois ela só sabia escrever seu nome até a letra L ou V, então eu fui dizendo a ela as outras letras, o que me marcou.

4 PRIMEIROS OLHARES

Meu foco principal, no início da pesquisa, consistia em tentar compreender as estratégias matemáticas construídas e mobilizadas por cada uma das pessoas com quem conversei. Sendo assim, o movimento de construção e as primeiras leituras das narrativas foram realizados na direção dessa questão específica.

Motivada por esse interesse, meu primeiro olhar para essas narrativas produzidas se deu na direção de encontrar respostas para essa questão, ou seja, na busca por estratégias. Em uma leitura procurando por matemáticas, tentarei comentar aqui sobre as que consigo perceber nas narrativas, ainda que por matemática eu esteja me referindo àquela que eu reconheço como tal: a matemática ocidental.

Sob essa ótica, percebo que algumas estratégias estão relacionadas ao estabelecimento de uma correspondência e/ou associação, como para usar o celular e andar de ônibus. Na maioria dos casos, os números de telefone são anotados por outras pessoas em um caderno e/ou folha de papel, ou mesmo no celular. Assim, a estratégia para saber quem está ligando ou para fazer ligações consiste na criação de uma correspondência entre o número de telefone e o nome que é decorado. Ou seja, se eu relaciono cada nome escrito a uma pessoa, sei de quem é o número junto a esse nome.

Penso que o mesmo acontece quando se decora os números iniciais e finais do telefone, associando esses números a uma pessoa específica, e também quando se associa a foto presente no contato ao número de telefone, podendo saber quem está ligando ou para quem ligar.

Ainda nessa mesma direção está a estratégia de colocar um número e/ou símbolo junto ao nome de cada pessoa na agenda do celular, como segue:

Fazer os número eu faço todinho. Quando vou ligar pras pessoas eu sei que o número é delas porque eu coloco um número pra ajudar, e esse número que fica na minha cabeça, eu decoro. Quando vou ligar pra Bárbara eu sei que é ela porque tem o número 2 por último. Que nem meu amigo seu Jorge, eu ponho o número 10 na frente, e quando eu ligo pra ele, porque eu converso com ele, eu sei que o 10 é o número dele. Daí eu pego, eu óio também, aquele eu sei que é o dele por causa que eu sei o número, e eu sei que ali é o nome dele que tá lá. Eu ponho o 2, eu ponho o 1, eu ponho o 3, eu ponho o 4, o 5. A Osana é dois 0, a Bárbara é o 2, o João, meu genro, também é o 2, mas eu sei que é o da Bárbara porque é ali junto com o da Armelinda, que é primeiro. O da Armelinda é primeiro, depois é o da Bárbara, e o do João já é junto com o do Bruno, que já é mais longe. O da Jô não

tem número, eu sei que tá ali porque é duas letra só, aquelas duas letra eu sei que é ela.
 (Conversa com Dionésia, em 16/07/2017)

Em todos os casos citados até aqui, há um movimento em comum: fazer corresponder algo que não se sabe a um símbolo/nome/número sabido. A relação que se punha inicialmente biunívoca entre símbolo e nome precisa ser repensada ou uma outra estratégia precisa ser acrescida a esta quando a quantidade de nomes registrados ultrapassa a lista dos símbolos conhecidos. É interessante perceber que, no último exemplo citado em que dois contatos tem o mesmo “número auxiliar”, uma nova estratégia é posta em ação: há que se considerar, também, a posição de um contato em relação aos outros na agenda do telefone. Se está perto de Beltrano, é Fulano.

As estratégias construídas para andar de ônibus são similares, e se dão na direção de associar cada número a uma linha de ônibus. Essa estratégia, especificamente, é empregada pelos que moram em Campo Grande, já os que moram em Guia Lopes da Laguna afirmam não saber andar de ônibus sozinhos em outras cidades, sempre estando na companhia de outra pessoa. Isso talvez se dê pelo fato de que Guia Lopes da Laguna não possui transporte público, somente um único ônibus que leva até a cidade mais próxima, que fica a aproximadamente 5 km.

Este caso, entre outros, evidencia a construção de estratégias mediante necessidade real, explicitando uma Matemática que não se constitui como um conjunto de objetos (como a tratada pela Matemática Escolar), mas como um conjunto de relações que só são construídas mediante necessidade cotidiana, mediante a existência de um sentido para aquilo. O fato de não saber ler exige a mobilização de estratégias próprias, que nesse caso nos parecem ser associações por vezes complexas.

A partir das narrativas, também consigo perceber estratégias que envolvem problemas de medição, como para costurar e cozinhar. Podemos nos perguntar: Problemas? Para quem? Essas pessoas narram práticas cotidianas, estratégias criadas para um tipo de fazer. Para costurar, o que é preciso? Para Dionésia, basta que o cliente saiba o que quer e que tenha um exemplo de seu querer. E, assim, o problema passa a ser do cliente: como tal, você sabe o que quer?

Eu costuro e pra medir eu medo ne outra roupa. Eu peço a medida pra pessoa, por exemplo, se você quer que eu faço uma roupa pra você,

aí você traz a sua medida, você traz sua roupa que fica boa no seu corpo, aí por aquela roupa que você tem eu faço.
(Conversa com Dionésia, em 16/07/2017)

Desse modo, não se tira medidas da pessoa, não se faz necessário entender de unidades padrões de medida, ou de números, basta medir tomando, em comparação, a peça desejada como unidade ou conjunto de unidades de medida de tamanhos, áreas e ângulos, basta tomar um molde.

De maneira geral, percebo que as medidas estão de alguma forma relacionadas com a experiência. Quando contam sobre como fazem para cozinhar em casa, as quantidades são aproximadas e geralmente pautadas em suas vivências, tanto que José Vitor quando comenta sobre uma vez que errou as medidas para fazer arroz, justifica que isso acontece porque é algo que não costuma fazer todos os dias.

Não há um número específico, uma relação entre quantias necessariamente, há, talvez, uma experimentação de se errar ora para mais, ora para menos e se estabelecer um meio termo. Mesmo esse meio termo não se mostra como único mediante os entrevistados, há um outro fator não numérico envolvido: José Vitor, por exemplo, cozinha sempre para sobrar, pois seu bem-estar (provavelmente construído socialmente pela ideia da abundância como oposição à falta) parece estar relacionado a isso. Quando José Vitor assa carne em festas, já tem baseado o que para ele é a quantidade de carne necessária para determinado número de pessoas: 25 kg de carne para 50 pessoas, sendo essa carne verde, que segundo ele é a carne crua, sem assar.

Percebo, também, que quando questionava sobre o que eles entendiam sobre matemática, esse termo parecia não produzir sentido para alguns. Em outros casos, a matemática era frequentemente associada ao “fazer contas”.

Nessas situações em que é preciso “fazer contas”, geralmente envolvendo questões do cotidiano, a noção de soma parece ser a mais mobilizada. Alguns não sabem somar, mas os que sabem afirmam fazer “de cabeça”, e que para isso precisam estar concentrados e em silêncio. De modo geral, percebo que questões referentes à contagem, feita por cálculo mental, aparecem em diferentes contextos, como por exemplo a contagem de gado e a contagem de dinheiro. *“Então contar dinheiro é matemática?”*⁸ (Dionésia). A Matemática mostra-se, assim, vinculada a algo que se faz na escola, sendo espantosa sua relação com qualquer prática cotidiana.

⁸ Trecho da conversa com dona Dionésia, em 16/07/2017.

Aqui, gostaríamos de abrir um parêntese a fim de chamar atenção para uma questão que nos toca com relação ao trato com o dinheiro. Nesse contexto, fica evidente o papel predominantemente masculino no controle e administração do dinheiro nas famílias, retratado de maneira explícita no caso da Dionésia, que afirma nunca ter pego uma nota de dinheiro na mão enquanto seu marido estava vivo. Sobre isso, ela diz:

Se a gente queria uma roupa, a gente ia com ele lá e pegava a roupa, ele pagava e pronto, cabou. Se queria comer alguma coisa ele comprava e falava “Vai pegar lá o que você quer”, a gente pegava, ele pagava e pronto, cabou. Mas dar na mão da gente, não. Depois que ele morreu eu fui obrigada a aprender.
(Conversa com Dionésia, em 16/07/2017)

As questões de gênero não ficam evidentes somente quando se trata da relação com o dinheiro, mas se manifesta em diversos outros momentos, principalmente na narrativa da dona Dionésia. Sua fala soa quase como um desabafo enquanto mulher, oprimida de diversas maneiras: somente os irmãos foram alfabetizados, ela abandonou a escola em um primeiro momento em razão da agressão cometida por um menino, além do controle do marido, demonstrado acima.

A ideia do papel da mulher e do homem nada mais é que uma construção social, que possibilitou a criação de um sistema hierárquico de gênero⁹, onde a mulher (categorizada assim) passou a ser vista como inferior ao homem. As relações de poder se manifestam em diferentes âmbitos, e é importante pensar sobre a condição de subalternização de maneira mais ampla, a fim de que possamos compreender essa construção, na tentativa de nos libertar desse papel que nos foi imposto e para cuja imposição, muitas vezes, colaboramos. Quanto se normaliza sua inferioridade, minimiza-se a possibilidade de qualquer movimento de luta.

Dito isso, voltemos à questão anterior. Existem alguns modos diferentes de proceder em cada tipo de contagem, não é simplesmente o estabelecimento da sequência numérica, havendo, em algumas situações, a necessidade de se considerar diversas variáveis que não consideramos ao resolver problemas de contagem na matemática escolar, por exemplo.

Em sua maioria, as pessoas com quem conversei afirmam saber lidar com dinheiro, reconhecendo as notas e fazendo somas. Geralmente as situações que mobilizam a contagem de dinheiro aparecem relacionadas com a venda de

⁹ Para mais informações sobre a colonialidade de gênero, consultar Lugones (2008, 2014).

mercadorias, de modo a saber o valor final da compra de cada cliente, ou para a ida ao mercado.

No mercado, a soma é feita pelo funcionário do caixa, o que precisa haver é o reconhecimento do valor e das notas que são suficientes para pagar aquela quantia. Em situação similar àquela já discutida, aqui também parece caber aquele sentimento de bem-estar, no sentido de nunca dar menos do que o necessário para pagar o devido. José Vitor reforça: *“Se a mulher do mercado falar ‘Deu 50 reais’, igual você tá me perguntando, eu já pego o cinquentão, talvez até mais pra ela me dar mais troco”*¹⁰.

Nesse contexto, os cálculos parciais podem se mostrar importantes e estes parecem ser feitos por meio de cálculos mentais valendo-se de aproximações sempre feitas para mais de modo a garantir que não falte dinheiro no momento de passar pelo “crivo” do caixa. Percebemos que essa questão da falta parece ser importante, principalmente pelas falas de José Vitor, que em certo momento nos diz: *“Você já sabe mais ou menos a quantia de carne pra sobrar, já tem baseado, né? Se é tantas pessoa você já calcula uma base pra sobrar, pra num faltar, porque se faltar é vergonha, né?”*¹¹.

Talvez essas falas possam também estar relacionadas a uma espécie de leitura social, no sentido de que ao mesmo tempo que não faria diferença ele entregar mais dinheiro do que os 50 reais para pagar a compra, em outros aspectos parece fazer. A falta é considerada motivo de vergonha, então o que significa mostrar possuir mais dinheiro para, conseqüentemente, receber um troco maior? Talvez isso esteja funcionando como um modo de criar uma diferenciação, quem sabe em relação a ele mesmo em outros momentos de sua vida.

Para a venda de mercadorias, os cálculos relacionados ao valor de cada compra são feitos por outras pessoas ou mentalmente, sem a necessidade de um registro aritmético, precisando anotar somente o valor final, que muitas vezes também é feito por outras pessoas.

No caso da contagem de gado, a soma também é realizada mentalmente, como exemplificada em um trecho das narrativas, quando Jadyr diz: *“Eu conto 40, mais com 30, mais com 20, aí vai...”*¹². No entanto, percebo que a contagem dos gados

¹⁰ Trecho da conversa com seu José Vitor, em 19/01/2018.

¹¹ Trecho da conversa com seu José Vitor, em 19/01/2018.

¹² Trecho da conversa com seu Jadyr, em 22/01/2018.

possui certas características próprias e diversas variáveis que afetam a contagem, de acordo com os tipos de agrupamento usados para contar.

No caso do Jadyr, ele diz que costumava contar o gado a partir de agrupamentos de 5. Segundo ele, a estratégia de contar o gado de 5 em 5 é melhor do que a de contar de 1 em 1, e isso se dá por conta da velocidade do gado ao passar, o que dificulta a contagem. Nesses termos, a contagem de 1 em 1 parece não ser vantajosa para aquele contexto, em que o gado está todo junto e em movimento.

Percebo que naquele contexto a velocidade é um fator a ser considerado, pois é capaz de alterar o tipo de agrupamento e, com isso, o processo de contagem a partir do que é mais ou menos vantajoso. Nesse momento, outro fator aparece, pois segundo Jadyr, o gado se conta olhando somente para a cabeça e não para o corpo, por isso o termo “cabeça de gado”. Como há que se considerar a velocidade e como os bois se misturam no pasto, tentar observar o boi como um todo pode nos fazer perder a conta, fixar o olhar para a cabeça seria, então, a melhor forma de lidar com a situação.

Dentro desse contexto, existe aquele reconhecido como especialista em uma forma de contagem chamada de “porteira cheia”. Contar de porteira cheia significa contar todos os bois em um determinado local ou os que forem passando, e quem consegue fazer isso sempre com precisão é chamado de contador, ou seja, uma pessoa que conta bem.

A contagem de porteira cheia nos parece ser uma técnica mais apurada que talvez esteja ligada com uma percepção espacial, permitindo que a pessoa consiga contar mesmo o gado que está aglomerado. Jadyr descreve uma situação em que isso ocorre ao narrar sobre quando estavam transportando gado e o contador, ao olhar os bois em movimento pela estrada, sabia que de 522 bois ali faltavam exatamente 6.

Em um primeiro olhar para as narrativas, consigo identificar essas estratégias que apareceram enquanto as pessoas com quem conversei contavam sobre sua rotina e histórias de vida. De modo geral, todo esse movimento foi permeado por certas angústias, provocadas principalmente pela ânsia em identificar estratégias e pelo incômodo causado ao tentar lidar com elas.

Em razão desse nosso foco inicial, o roteiro e, conseqüentemente, a condução das entrevistas foram realizados com o objetivo de encontrar respostas para essa questão. Sendo assim, as primeiras leituras das narrativas também estavam

marcadas por esse objetivo, o que nos causou preocupação, pois cada vez mais eu acreditava não conseguir encontrar estratégias matemáticas que se afastassem ou replicassem a Matemática pela qual fui formada. A preocupação era tanta que uma reunião de orientação foi reservada para que pudéssemos discutir acerca de uma narrativa que eu acreditava não conter estratégia alguma. Em cheque não estava a Matemática daqueles interlocutores, mas o que eu entendia (ou não entendia) por Matemática.

Outro incômodo consistia/consiste em como lidar com as estratégias que consigo perceber nessas narrativas. Ao olhar para elas, tento estabelecer uma conexão com o que entendo por matemática, o que me incomoda, pois me parece colocar em exercício mais uma postura colonizadora. Sei que sempre estou falando a partir do meu lugar de fala, e que não consigo me desvencilhar desse local, caso contrário estaria advogando na direção da existência de um afastamento que tornasse neutra a análise do pesquisador, o que é, a nosso ver, uma falácia. No começo dos estudos sobre colonialidade, meu questionamento era “como me afastar dessa postura, se é isso que conheço?” Hoje essa parece não ser a questão, mas “como efetivamente operar com a ideia de que meu modo de ver é somente um modo de ver, ou melhor, de constituir o mundo?”.

É importante estar aberto ao outro como outro e não como outro eu (no sentido proposto por Jorge Larrosa) e as entrevistas realizadas neste trabalho nos ajudam a nos manter atentas. Percebo que o que chamamos de matemática parece não produzir sentido para alguns entrevistados, que ao serem questionados sobre o que entendem por esse termo, afirmam não saber do que se tratava. *“Eu achava que era um estudo que vocês tinha na escola, um estudo de escola”*¹³, arrisca Dionésia.

Eles não chamam o que fazem de matemática, e sempre que buscávamos enxergar matemática em suas práticas, é da “nossa” matemática, aquela que buscamos por reconhecimento que daremos conta de falar. Tendo isso em vista, de que adiantaria tal movimento? Mia Couto, em “O coração do menino e o menino do coração” (COUTO, 2013) provoca: dar um nome para a doença curaria meu filho? A metáfora aqui não é a da doença, a de que exista algo a ser curado, mas a da necessidade de nomear práticas simplesmente porque alguém pensa poder fazê-lo, pensa ter autoridade para tanto, pensa existir uma possibilidade de colonizar (que aqui

¹³ Trecho da conversa com dona Dionésia, em 16/07/2017.

buscaremos esboçar na direção de práticas educacionais autoritárias no sentido de impor-se ao outro em posição sempre superior, assumindo o papel de analista e juiz daquele que não se é).

Esse estranhamento da resposta do outro só foi menor do que aquele sentido quando, na ausência de uma resposta, alguns entrevistados me questionavam o que é, afinal, matemática e eu não conseguia explicar. Número, dinheiro? E Santo Agostinho (2015, p. 342) nunca me falou tão alto: “se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei”.

O que identifiquei inicialmente como uma fragilidade ao lidar com a ideia de Matemática passou a ser trabalhado nas orientações como uma decorrência do modo como se opera com esse campo. Se matemática é vista como um conjunto de objetos, como descrevê-lo a pessoas que não conhecem os objetos a serem listados? Ainda que considerasse esse campo como um conjunto de relações, qual seria o ponto em tentar explicitar seu significado para mim a essas pessoas? Trata-se de minha questão de pesquisa, não deles! E, claramente, essa questão não lhes produzia sentido algum e, agora, já pouco também a nós.

Como desestabilizar essa imagem naturalizada da matemática em minha pesquisa? Como não alimentar essa visão? Como fazer diferente? Tem como? Essa é mais uma discussão para a qual ainda não tenho respostas, pois questionar sua própria forma de pensar é um exercício complexo. Por isso mesmo, há quem considere que a proposta de formação pela pesquisa não está ligada à produção de respostas, mas ao desenvolvimento de uma potência de problematização.

Na tentativa de engendrar um pensar no pensamento, nos colocamos na direção de uma leitura não dirigida por questões, mas pelo interesse em conhecer histórias de outras pessoas, suspeitando da existência de outros modos de pensar, diferentes dos nossos. De que modo essas narrativas nos atravessam, o que podem mover em nós?

Isso nos remete à ideia da formação como leitura, defendida por Jorge Larrosa. Para este autor, a formação como leitura se dá quando nos colocamos atentos para escutar o que os textos têm a nos dizer. Por texto, o autor entende qualquer coisa que exige nossa atenção, como livros, objetos, pessoas, etc.

O que seria importante, então, é o modo como nos relacionamos com o texto. Sobre isso, o autor nos diz:

[...] essa relação tem uma condição essencial: que não seja de apropriação, mas de escuta. Ou, dito de outra maneira, que o outro permaneça como outro e não como *outro eu*, ou como *outro a partir de mim mesmo*. [...] Esse leitor arrogante que se empenha em permanecer erguido frente ao que lê é o sujeito que resulta da formação ocidental mais agressiva, mais autoritária. É o homem que reduz tudo à sua imagem, à sua medida; aquele que não é capaz de ver outra coisa que não ele mesmo; aquele que lê se apropriando daquilo que lê, devorando-o, convertendo todo o outro em uma variante de si mesmo; aquele que lê a partir do que sabe, do que quer, do que precisa; aquele que solidificou a sua consciência frente a tudo aquilo que poderia colocar em questão. Ao contrário, na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Alguém está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura. O outro, enquanto outro, é algo que não posso reduzir à minha medida. Mas é algo do qual posso ter uma experiência que me transforma em direção a si mesmo (LARROSA, 2007, p. 133-134).

Penso que os primeiros olhares para as narrativas não estavam coerentes com uma postura de escuta, pois era uma leitura interessada em responder as questões que havíamos nos colocado. Mas, o que para além dessa questão essas narrativas podem nos trazer no contexto da Educação Matemática?

Larrosa (2007) comenta sobre a importância de nos pôr a escutar o que não estamos interessados em ouvir, e a se deixar afetar por isso. Nessa direção, entre uma leitura e outra, uma discussão e outra, se deu nosso encontro com Totonha¹⁴ (FREIRE, 2005), negando crenças que eu tinha sobre escola, me mostrando uma outra visão coerente de mundo.

Existia uma certa preocupação inicial, logo quando comecei a fazer as entrevistas, no sentido de qual seria minha ação frente a isso. Eu teria que ajudar, de alguma forma, essas pessoas? Essas pessoas precisam de ajuda? Afinal, todo mundo precisa frequentar a escola, não é mesmo? Totonha (FREIRE, 2005, p. 79-81) chega desestabilizando esse meu pensamento colonizador, chamando atenção para a existência de outros modos de pensar. Sobre isso, ela diz:

TOTONHA

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.

Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada

¹⁴ Gratas à professora Angela Guida por este encontro.

precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba?

O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-linguiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, tá me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número?

Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?

Morrer já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência!

Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só para a mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem meu nome em uma folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta?

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e a minha língua, sim, que só passarinho entende, entende?

Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O prefeito que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber ler o que assinou. Eu é que não vou abaixar a minha cabeça para escrever.

Ah, não vou.

As falas de Totonha, como já dito, me colocam frente a uma outra visão de mundo, desestabilizando a que sempre foi a única considerada: o mundo é composto por pessoas que, para viverem, precisam estudar, aprender a ler e a escrever. De certa forma, as narrativas produzidas também me desestabilizam, me mostrando outros modos de ver algumas questões que envolvem a Educação, me mostrando outras lógicas possíveis. Mia Couto nos faz pensar sobre a existência de outras perspectivas quando conta:

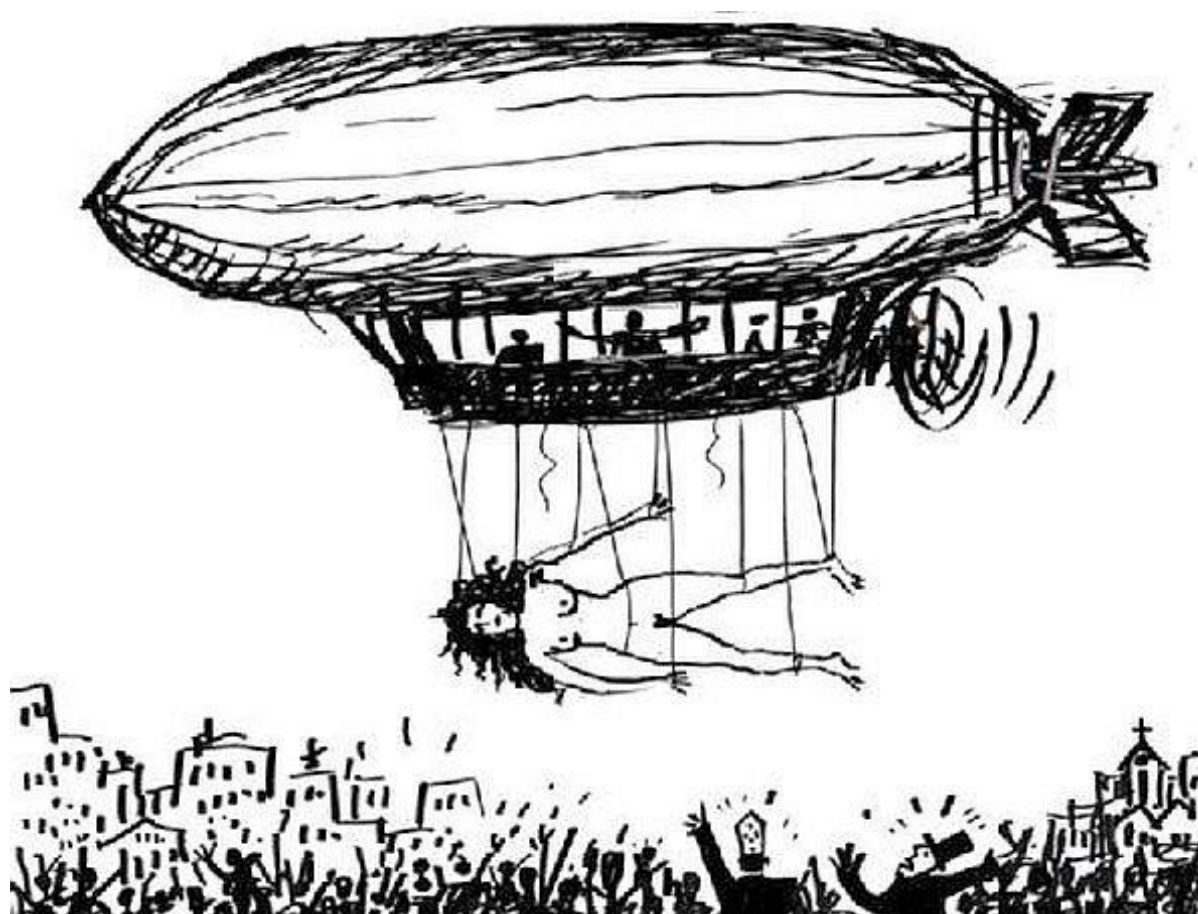
Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. (COUTO, 2011, p. 15).

Dessa forma, ao ler as narrativas, nos colocamos diante de outras sensibilidades, outros modos de operar no mundo, nos ajudando a afastar-nos de nossas certezas. Também nos possibilitam outras leituras, que nos deixam tocar para além da procura por estratégias matemáticas. Pensar sobre o pensar e buscar não se impor frente ao outro para perceber o que acontece quando nada parece acontecer nos orientou em um segundo movimento junto às narrativas produzidas.

É importante ressaltar que, embora se trate de um movimento distinto do primeiro aqui esboçado, consideramos ambos modos possíveis de se fazer pesquisa. A necessidade de um outro movimento emerge não da negação do primeiro, mas do entendimento de que aquele limitava justamente um interesse inicial: o de perceber lógicas próprias, estratégias, relações outras que fossem potentes para engendrar um pensar no pensamento. Ao impor-se sobre a fala do outro para tirar dali somente algo que lhe interessa, fragmentado parece-nos um meio de sustentar a colonização do conhecimento. Buscando o que Walter Mignolo sinaliza como não uma visão, mas uma sensibilidade de mundo, me coloco novamente frente às narrativas abertamente, buscando o que elas efetivamente me dizem, atenta a como me atravessam e, mais do que relações matemáticas, ouço sobre formas de vida, sofro junto, me desiludo com as promessas não cumpridas, me espanto com a violência dos processos que chamamos educacionais e que se disseminam em redes capilares para fora dos muros das escolas. Sou capturada.

4.1 EU, GENI

Figura 3 - Geni e o Zepelim



Fonte: Do pouco que sei (2017)¹⁵

¹⁵ Disponível em: <http://www.dopoucoquesei.com.br/2017/05/analise-geni-e-o-zepelim-chico-buarque.html>. Acesso em: set. 2018.

Figura 4 - Captura 1



Fonte: Arte produzida por Renato Rodrigues dos Santos para esta pesquisa

Figura 5 - Captura 2

DEPOIS, EU ESTUDEI UM ANO NESSA ESCOLINHA QUE TINHA AQUI NA CAPELA, VINHA UMA MOÇA PRA DAR AULA PRAS PESSOA E EU FUI. UNS APRENDEU, OS QUE NUM É BURRO QUE NEM EU APRENDEU, MAS EU NUM CONSEGUI MESMO. – SILVÉRIA. DEPOIS, EU ESTUDEI UM ANO NESSA ESCOLINHA QUE TINHA AQUI NA CAPELA, VINHA UMA MOÇA PRA DAR AULA PRAS PESSOA E EU FUI. UNS APRENDEU, OS QUE NUM É BURRO QUE NEM EU CONSEGUI MESMO. – SILVÉRIA. NESSA ESCOLINHA QUE TINHA MOÇA PRA DAR AULA PRAS APRENDEU, OS QUE NUM É MAS EU NUM CONSEGUI MESMO. UM ANO NESSA ESCOLINHA QUE UMA MOÇA PRA DAR AULA PRAS APRENDEU, OS QUE NUM É MAS EU NUM CONSEGUI MESMO. UM ANO NESSA ESCOLINHA QUE

BBBBBBBBB
BBBBBBBU
BBBBBBUR
BBBBBURR
BBBBURRA

APRENDEU, MAS EU NUM DEPOIS, EU ESTUDEI UM ANO AQUI NA CAPELA, VINHA UMA PESSOA E EU FUI. UNS BURRO QUE NEM EU APRENDEU, – SILVÉRIA. DEPOIS, EU ESTUDEI TINHA AQUI NA CAPELA, VINHA PESSOA E EU FUI. UNS BURRO QUE NEM EU APRENDEU, – SILVÉRIA. DEPOIS, EU ESTUDEI TINHA AQUI NA CAPELA, VINHA UMA MOÇA PRA DAR AULA PRAS PESSOA E EU FUI. UNS APRENDEU, OS QUE NUM É BURRO QUE NEM EU APRENDEU, MAS EU NUM CONSEGUI MESMO. – SILVÉRIA. DEPOIS, EU ESTUDEI UM ANO NESSA ESCOLINHA QUE TINHA AQUI NA CAPELA, VINHA UMA MOÇA PRA DAR AULA PRAS PESSOA E EU FUI. UNS APRENDEU, OS QUE NUM É BURRO QUE NEM EU APRENDEU, MAS EU NUM CONSEGUI MESMO. – SILVÉRIA.

Fonte: Arte produzida por Endrika Leal Soares para esta pesquisa

Figura 8 - Captura 5



Fonte: Arte produzida por Renato Rodrigues dos Santos para esta pesquisa

Figura 9 - Captura 6

PORQUE SE
 EU FOSSE UM
 CARA SABIDO,
 DE LEITURA,
 EU TINHA MAIS
 COISA, EU
 CRESCIA MAIS, NÉ?
 - JADYR

Fonte: Arte produzida por Endrika Leal Soares para esta pesquisa

Figura 10 - Captura 7

Eu penso que a escola pra mim não serve mais, só pra quem é novo, pra mim não. Se a gente tivesse aprendido quando era novo, a cabeça da gente é outra quando é nova...

Agora depois de véia a cabeça não funciona bem não

Fonte: Arte produzida por Endrika Leal Soares para esta pesquisa

Esse novo olhar para as narrativas nos permitiu a sensibilização para algumas outras dimensões. Para além das estratégias construídas num fora-matemática, num fora-escola, nos chamam a atenção uma violência denotada por produções discursivas que tem como centro a instituição escolar. Nesse espaço, tentarei discutir sobre essas sensibilizações.

Mais uma vez, os estudos sobre a colonialidade nos ajudam a pensar essa questão, e não só essa, pois consideramos que esses estudos formam uma espécie de plano de fundo deste trabalho. A aproximação com essas teorizações tem se mostrado muito significativa por promover uma identificação das nossas posturas com essas discussões, que dizem de muitos dos nossos modos de pensar e agir. Além disso, tem nos permitido um novo olhar para este trabalho e nos ajudado nas discussões que gostaríamos de trazer aqui.

O conceito de colonialidade surgiu no final da década de 1980, apresentado pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, como sendo

[...] um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Baseia-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como a pedra angular desse padrão de poder e opera em cada um dos planos, áreas e dimensões, materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e no nível social. Se origina e globaliza a partir da América. (QUIJANO, 2000, p. 342, tradução minha)¹⁶.

Além disso, é considerada como sendo o lado oculto e/ou mais escuro da modernidade, de forma que uma não existe sem a outra (MIGNOLO, 2017a). Isso significa que por trás da retórica da modernidade e dos seus discursos de salvação, desenvolvimento e progresso, se esconde uma lógica cruel que rege a sociedade e hierarquiza a população de acordo com critérios como raça, gênero, classe social, conhecimentos etc.

Em outras palavras, a colonialidade seria uma espécie de colonização, que não se refere à apropriação territorial, mas que teria sobrevivido a ela, permitindo a continuidade de formas coloniais de dominação. Desse modo, os padrões hierárquicos de poder estabelecidos com a colonização permanecem, possibilitando a classificação e hierarquização da população, inicialmente pensada a partir da ideia

¹⁶ “La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal. Se origina y mundializa a partir de América” (QUIJANO, 2000, p. 342).

de raça. A colonialidade abrange os níveis do poder, do ser, do saber e da natureza, e a articulação dessas quatro esferas contribui para a preservação da diferença colonial e da condição de subalternização.

Dessa maneira, penso que estamos envolvidos por uma narrativa (bem construída), que se pretende verdadeira e universal, que silencia e desqualifica outras narrativas, nos tornando subordinados a uma visão moderna/colonial que “instituiu e ainda mantém, desde a conquista, os padrões sobre a raça, o conhecimento, o ser e a natureza” (SILVA, 2013, p. 479, tradução minha)¹⁷.

Entendo que operamos segundo os discursos dos centros hegemônicos que produzem e detém o poder e o saber, perseguindo um ideal de vida, de desenvolvimento e modernidade, mas condenados à subalternização. Esse mesmo discurso hegemônico que estabelece uma estrutura de sociedade hierárquica, que elege padrões e usa-os como régua para classificar povos, comunidades e saberes também chega, de alguma forma, a colocar indivíduos analfabetos em um lugar subalterno. Essa subalternização acontece a partir de uma violência epistêmica que, segundo Spivak (2010, p. 47), tem seu maior exemplo no “projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro”.

O “outro”, então, seria uma construção, uma invenção. Sobre essa questão, Mignolo (2017b, p. 18) discute:

Quem inventou o “outro” senão o “mesmo” no processo de construir-se a si mesmo? Tal invenção é o resultado de um enunciado. Um enunciado que não nomeia uma entidade existente, mas que a inventa. O enunciado necessita um (agente) enunciador e uma instituição (não é qualquer um que pode inventar o *anthropos*); mas para impor o *anthropos* como “o outro” no imaginário coletivo é necessário estar em posição de gerenciar o discurso (verbal ou visual) pelo qual se nomeia e se descreve uma entidade (o *anthropos* ou “o outro”), e conseguir fazer crer que esta existe.

Pensar o “outro”, nessa perspectiva de colonização, requer que pensemos na violência epistêmica que ocorre para que essa “objetificação” aconteça. Isso, por sua vez, me remete a uma ideia de violência, imposição, domínio, que realmente acontece, mas também acho interessante perceber um outro viés, o do “canto da sereia”, pois várias ideias de dominação acontecem nessa trama que passa por silenciosa (mas que grita), nesse “subtexto”. É preciso que se manipule as pessoas

¹⁷ “[...] instituyó y todavía sostiene, desde la conquista, los patrones de poder sobre la raza, el saber, el ser y la naturaleza” (SILVA, 2013, p. 479).

de modo que as convençam e as façam reproduzir o discurso dominante, de modo que essa dominação se perpetue.

Nesse sentido, acredito também que podemos pensar o analfabeto como subalterno, e isso requer considerar as relações de poder que estabelecem essas categorizações, bem como os discursos a partir dos quais acabamos operando e que, por sua vez, estão em função de algo. A diferença só existe porque existe um padrão que, por sua vez, é produzido por um discurso dominante e que serve de comparação, identificando os “não nós”, produzindo os “outros”.

Se, como afirma Lugones (2008, p. 81), “a dominação categorial constrói o que denomina”, pensemos nas pessoas categorizadas como analfabetas. Se existem pessoas analfabetas é porque existem pessoas alfabetizadas, consideradas o padrão. Pensadas a partir desse padrão, quem não se encaixa nele é chamado de não alfabetizado, **analfabeto**. E a quem interessa que essas pessoas sejam classificadas dessa forma? De “não nós”? Certamente, não a elas.

Um ponto que me chama muito a atenção é o peso dos discursos que pensamos ser produzidos não só pela escola, mas por uma sociedade que pensa com essa escola (segundo Carvalho, 2006, criada com o intuito de formar mentes e almas de alunos e, por meio deles, de seus amigos e familiares). Acabamos sendo subjetivados de alguma forma por eles, passando a agir segundo seus preceitos, ou, perversamente, a nos julgar segundo ao que se impõe a nós como verdadeiro.

Penso que esses discursos, aqui, estão relacionados a uma ideia de escola como um lugar bom, um lugar de aprendizado, de evolução humana, onde quem não vai se arrepende ou deveria se arrepender, já que estará sempre à margem de uma sociedade letrada, “evoluída”. A escolarização impõe-se como norma e age não na normatização, mas em uma normalização de formas de vida. Com isso, as pessoas aprendem a ler a si e seu mundo como marginais, a julgarem-se pelos valores de um espaço do qual nunca fizeram parte. Indícios dessa subjetivação são apresentados em diferentes momentos das narrativas. Alguns deles, já citados, evidenciam a violência de se ter aprendido a falar de si pela norma do outro, a partir de uma referência que não opera em seu mundo.

Essa violência fica evidente quando observamos a postura de alguns deles que, por diversas vezes, se intitulam como “burros”, “cabeça oca”, “cabeça fraca”, “atrasados”, entre outros adjetivos pejorativos que, em geral, estão vinculados ao fato de não serem alfabetizados. Essa visão distorcida de si mesmo demonstra claramente

como opera a violência epistêmica. Podemos perceber, nessas narrativas, o “canto da sereia” operando, convencendo pessoas de modo a acreditar e agir, por vezes, na direção desses discursos.

Essa situação também evidencia como se manifesta a colonialidade do ser. De acordo com Maldonado-Torres (2007, p. 130, tradução minha)¹⁸, “o surgimento do conceito “colonialidade do ser” responde, pois, à necessidade de esclarecer a pergunta sobre os efeitos da colonialidade na experiência vivida, e não apenas na mente dos sujeitos subalternos”. Sendo assim, por meio do estabelecimento de uma hierarquia social, em que alguns seres se impõem a outros, a colonialidade do ser diz das experiências vividas pelos sujeitos subalternos. A inferiorização dos sujeitos, tal como as falas anteriores evidenciam, aparece como um efeito da colonialidade do ser.

Por meio dessa imagem construída e propagada sobre escola enquanto instituição, e conseqüentemente o conhecimento que se ensina (e aprende?) na escola, acontecem processos outros de dominação. Quando leio as narrativas das pessoas com quem conversei, me parecem processos muito eficazes de dominação, pois conseguem fazer com que pessoas acreditem nesse discurso a ponto de se constituírem a partir dele.

Percebemos que nas situações em que muitos deles começaram a frequentar a escola em algum momento e não aprenderam, não parecem caber críticas à escola, às condições de produção de conhecimento, mas a si, à sua falta de capacidade de aprender sobre aquele mundo que não era o dele, o que faria de seu abandono uma providência necessária. Ensinar UM pensamento, UM modo de pensar torna essa providência um projeto político bem-sucedido.

Nessa direção, nos parece sintomático quando dona Amaranta, ao nos contar sobre quando frequentou a escola na infância, relatando as dificuldades que a impediram de continuar os estudos, nos diz: *“Meus pais me incentivaram a ir pra escola, mas eu parei mesmo porque fechou, naqueles tempo **não tinha mesmo**, era muito difícil”*¹⁹. Apesar de já ter comentado anteriormente sobre isso, ela reforça os motivos pelos quais parou de estudar. Essa atitude nos soa quase como um pedido

¹⁸ “El surgimiento del concepto “colonialidad del ser” responde, pues, a la necesidad de aclarar la pregunta sobre los efectos de la colonialidad en la experiencia vivida, y no sólo en la mente de sujetos subalternos” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130).

¹⁹ Trecho da conversa com dona Amaranta, em 19/01/2018.

de desculpa, uma tentativa de defesa de si mesma, ao reforçar uma explicação que não é necessária.

Por outro lado, Dona Quitéria nos parece ser uma das únicas a atribuir diretamente responsabilidade à escola pelo abandono escolar, quando conta da sua tentativa de retomar os estudos depois de adulta.

Pra falar a verdade, eu frequentei essa escola aqui, Arlindo Sampaio, acho que uns 2 mês. Era pra adulto, tinha um monte de analfabeto conhecido da professora, então ela não se interessou muito pelo meu caso. O pouco que eu fiz, eu fazia sozinha, com uma amiga minha, a Neli, que é a mulher do Nestor, concunhada da Marlene, minha filha. Eu ia à noite, era tranquilo, eu trabalhava durante o dia. A professora não se interessou muito pelo meu caso e eu fui me estressando com aquilo lá. Ela não ia me ensinar nada pra mim, ela queria que eu copiasse dessa minha amiga, aí eu peguei, fui me estressando, peguei e larguei mão! Não fui mais, acho que foi uns 2 mês e pouquinho, não foi muito.

(Conversa com Quitéria, em 16/01/2018).

No trecho acima, Quitéria deixa evidente a importância que dá ao modo como as pessoas se relacionam. Ao descrever a Neli, ela deixa evidente o quanto essa relação entre as pessoas é significativa, pois a Neli não é “somente” uma amiga que a ajudava, mas ela a descreve como sendo a mulher do Nestor, concunhada da Marlene, sua filha. Como os outros alunos eram conhecidos da professora, talvez seja a falta dessa relação que ela denuncia quando fala da sua situação na sala de aula.

Na mesma direção, dona Dionésia também questiona a escola ao contar o episódio em que não aceitou receber um diploma, considerado injusto.

Aí depois de véia eu fui estudar de novo lá em Mundo Novo, fui bastante na escola nossa do CCI que tinha lá, não sei como é que fala também, é a mema coisa, tem professor, tem aula, tem essa mema coisa de aula do primeiro ano, aula do terceiro ano, tem tudo. Quando eu fui estudar eu tinha mais de cinquenta anos, depois de velha, foi depois que meu marido faleceu que eu fui estudar. Eu estudei um ano mais ou menos, aí a professora falou que ia me dar o deproma que eu tinha passado, mas eu não sabia nada, como é que eu tinha passado? Eu não tinha conseguido aprender a ler nada, eu falei “Pois eu não sei nada”, por que ela vai me dar um deproma sem eu passar? Eu nem lá não vortei.

(Conversa com Dionésia, em 16/07/2017).

De certa forma, questionar e conferir responsabilidade à escola, quando ela parece não ser passível de questionamentos, representa um ato de resistência. No caso da dona Dionésia, parece se tratar de um caso onde se manifesta a colonialidade do poder. Apesar de não ter aprendido durante o período em que estudou, penso que o poder se manifesta pelo ato de ser capaz de conferir um diploma a alguém, ainda

que essa pessoa não esteja apta para recebê-lo. Ao tomar tal atitude, a autoridade do professor é mantida, enquanto é mantido o lugar de ignorância que teriam as pessoas em processo de alfabetização.

O que essas narrativas nos mostram, entre outras coisas, é como processos de dominação podem ser eficazes. Parece haver um convencimento de uma condição de incapacidade, já manifestada quando vemos que muitos se consideram burros. Dona Dionésia, por exemplo, manifesta sua vontade de aprender a tocar violão, o que não seria possível, segundo ela, por não saber ler. Sobre isso, ela diz:

No CCI tem aula de violão pra nós, as mulher lá tudo toca, sabe? Eu acho bonito aquilo lá. Então se eu soubesse leitura eu não tinha vergonha de eu chegar lá, entrar e tocar. Agora como eu não sei leitura eu fico acanhada, fico com vergonha, porque todo mundo tá ali lendo e tocando, e eu?
(Conversa com Dionésia, em 16/07/2017).

Apesar da vontade, ela nunca conseguiu entrar naquela sala. Ela para na porta ao identificar que as pessoas que estão dentro da sala com seus violões, têm a frente de si um certo tipo de livro e, portanto, estariam lendo. No entanto, não há nenhum questionamento sobre o tipo de leitura que se estaria fazendo, poderiam ser partituras, por exemplo, nas quais aquelas pessoas também estariam em processo inicial de alfabetização. O que chama atenção é a imagem distorcida que essas pessoas parecem construir de si mesmas em certos momentos.

Se por um lado, ao saber que eu não sei dançar, ela me diz *“Vai aprender a dançar, fia, larga de ser boba, você tá perdendo sua vida”*²⁰. Em outra circunstância, apesar de ter contado histórias de vários momentos de sua vida, da rotina, das idas ao CCI, de viagens, bailes, dona Dionésia diz *“não aproveitei nada da vida”*²¹. Ela também afirma que poderia ter aprendido tudo, mas que não aprendeu nada. De certa forma, percebemos esse tom presente em todas as narrativas, em certos momentos.

Eles só afirmam saber vender mercadorias, fazer contas de cabeça, mexer com dinheiro, fazer compras no mercado, viajar, cozinhar, ir ao baile, dançar, jogar bingo, andar de ônibus, fazer ligações pelo celular, usar o WhatsApp, costurar, fazer colcha de retalhos, carrear vaca, contar gado, fazer churrasco... Realmente, o que poderia saber do mundo essas pessoas que não foram alfabetizadas?²²

²⁰ Trecho da conversa com dona Dionésia, em 16/07/2017.

²¹ Trecho da conversa com dona Dionésia, em 16/07/2017.

²² Referência à obra de Italo Calvino, intitulada “O cavaleiro inexistente” (2005).

5 ANALFABETISMOS DELES, MEUS, NOSSOS...

Quando penso na Endrika de 2017 (aquela do mundo sem analfabetos), vejo quanta coisa me tocou durante a produção desta dissertação. Sorrio. Chegamos ao fim. Não porque não exista mais nada para discutir, pelo contrário, tudo o que está aqui ainda vai continuar ecoando em mim. Espero que, de alguma forma, em você também.

No início, para mim, esta dissertação se tratava de estratégias matemáticas. Eu não fazia a mínima ideia do que ia encontrar, e depois da preocupação de não encontrar interlocutores, veio a preocupação de não encontrar matemáticas. Encontrei muito mais. Seis pessoas me receberam em suas casas, sentaram e conversaram comigo, me contaram de suas vidas, me mostraram novos modos de ver. Me mostraram até mesmo práticas minhas, que antes não me eram evidentes.

A sensação era de ter sido capturada, por todas aquelas outras questões que nas primeiras leituras eu não via. E essas capturas foram fundamentais para o direcionamento desta pesquisa, que diz de matemáticas, mas também de algo muito mais urgente, quando nos obriga a encarar uma questão social.

Muito mais do que informações ou fontes para essa dissertação, a relação que estabeleci com Amaranta, Dionésia, Jadyr, José Vitor, Quitéria e Silvéria, a partir da conversa que tive com eles, me fizeram entender disso que fala Mia Couto (2011, p. 15) quando diz de quando viaja pelo seu país e entra em contato com outras práticas: “Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto”.

De repente eu, graduada em Licenciatura em Matemática, mestranda em Educação Matemática, que bati na porta de cada uma dessas pessoas e apresentei aqui, nesta dissertação, uma parte da vida de todas elas, me percebo sendo constituída por outras questões. Ou melhor, vejo outros roteiros que não se tratam daquele formado por perguntas de meu interesse, como o que usei para todas as entrevistas, e sim a narrativa dessas pessoas me ajudando a pensar minha própria vida e desestabilizando minhas crenças, me mostrando outras sensibilidades, a possibilidade de outras leituras.

No meu dia-a-dia eu faço serviço de casa mesmo e vendo minhas coisa, essas coisa que eu pego pra vender, lençol, roupa de cama...

Eu também cozinho em casa, mas não uso receita, a receita que eu faço aqui é de pão, porque eu faço aquele pão caseiro, né? É a única receita, mas eu não tenho anotado, eu anoto na cabeça. De bolo assim eu faço no rumo...

Para cozinhar eu sei tudo as medidinha, tanto que se chega uma pessoa eu aumento o arroz, aumento tudo o que eu vou fazer, e nunca falta, sempre sobra um pouco, não muito, mas eu sempre faço um pouquinho a mais pra sobrar.

Quando minhas filha vem pra cá... Arroz elas faz desse tantinho de arroz, eu faço uma panela de arroz, ninguém faz arroz pra todo mundo quando tá porque elas não acerta a quantidade.

Eu costuro e pra medir eu medo ne outra roupa. Eu costurava calça, camisa, tudo pro meu marido, vestido pra minhas filha, tudo.

Eu contava gado, contei muitas vez, contei mil e poucas vez. Eu faço conta na cabeça...

Você quer saber quanto de gado que pode ficar num pedaço de terra, é assim...

Se você tem um rebanho de carneiro, por exemplo, não adianta você largar 10 hora da manhã porque ele come sereno e aí dá aquela larva que eles fala verme, dá um churriu pra caramba. Aí não cria memo. [...] Agora pro cabrito nem veneno faz mal, aquele não faz nada. É desse jeito que funcionava, na cabeça e na experiência, é aonde dava certo.

Grudar um remédio na veia, carnear uma vaca de 15, 16 arroba solito, isso aí se for preciso eu faço sozinho.

Mas sempre eu sapeco uma carne por aí, aonde me chama eu vou, então toda parte aí. Você já sabe mais ou menos a quantia de carne pra sobrar, já tem baseado, né?

Eu faço colcha de retalho, eu ganho retalho e faço, eu tenho uma feita aí e tô fazendo mais.

Vai aprender a dançar, fia, larga de ser boba, você tá perdendo sua vida.

De repente, as respostas para as questões que me eram caras, me questionam. E, então, esse roteiro se apresenta a mim, me fazendo pensar na possibilidade de outras leituras de mundo. Novamente, lembrar de Mia Couto (2011, p. 103) é inevitável:

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não lêem livros. Mas o deficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros.

Não, eu não sei vender mercadorias. Não sei cozinhar para muitas pessoas, ainda mais sem receita, não acerto a quantidade. Não sei costurar. Não sei contar gado. Não sei calcular quantas cabeças de gado podem ficar em um pedaço de terra. Não conheço o pasto. Não sei o que pode fazer mal para o animal. Não sei carnear uma vaca. Não sei fazer churrasco. Não sei fazer colcha de retalhos. Não, não sei dançar.

Aqui, evidenciamos muitos conhecimentos, modos singulares de constituir o mundo e se constituir nesse mundo e, também, evidenciamos alguns dos nossos “analfabetismos”. Quais são os seus?

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos.; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Org.). **História e Arte: Movimentos artísticos e correntes intelectuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.
- BRUNER, Jerome. **Fabricando históricas: direito, literatura, vida**. Tradução: Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- CALVINO, Italo. **O cavaleiro inexistente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CLARETO, Sonia Maria.; SACRAMENTO ROTONDO, Margareth Aparecida. Como Seria um Mundo sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 974-989, ago. 2014.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COUTO, Mia. O coração do menino e o menino do coração. In: COUTO, Mia. **A menina sem palavra: Histórias de Mia Couto**. 1. Ed. São Paulo: Boa Companhia, 2013. p. 99-104.
- CURY, Fernando Guedes.; SOUZA, Luzia Aparecida de.; SILVA, Heloisa da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014.
- FERNANDES, Filipe Santos. Biografia do Orvalho: considerações sobre narrativa, vida e pesquisa em Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 896-909, ago. 2014.
- FERRITO, Ronaldo. Narrar. In: CASTRO, Manuel Antônio de. et al. (Org.). **Convite ao pensar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- FERRITO, Ronaldo. Ficção. In: CASTRO, Manuel Antônio de. et al. (Org.). **Convite ao pensar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- FREIRE, Marcelino. Totonha. In: FREIRE, Marcelino. **Contos Negreiros**. São Paulo: Record, 2005. p. 79-81.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho.; ARAÚJO, Jussara de Loiola. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 87-109.
- GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 255-274.

GUIDA, Angela. **A poética do tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013a.

GUIDA, Angela. MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: uma via de mão dupla. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 5, n. 10, p. 9-22, set. 2013b.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: GASKELL, George.; BAUER, Martin W. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares da pesquisa em educação**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 129-156.

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. **Tábula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago.; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017a.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. **Journal of world-systems research**, Pittsburgh, v. 6, n. 2, p. 342-386, summer/fall 2000.

SANTO AGOSTINHO. **Patrística-Confissões**. Pia Sociedade de São Paulo: Editora Paulus, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza.; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009. p. 23-71.

SILVA, José de Souza. LA PEDAGOGIA DE LA FELICIDAD EN UNA EDUCACIÓN PARA LA VIDA: El paradigma del “buen vivir”/“vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo”. In: WALSH, Catherine. (Org.). **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya Yala, 2013. p. 469-507.

SILVA, Heloisa.; SOUZA, Luzia Aparecida de. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SOUZA, Luzia Aparecida de. **História oral e Educação Matemática**: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões. 2006. 314 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani.; MARTHA, Diana Junkes Bueno.; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta. Narrar para narrar-se: entre o livro e a sabedoria, a autoria. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte, n. 28, p. 132-144, abr. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS

1. Amaranta Florenciana Santiago

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Amaranta Florenciana Santiago,
CPF nº 51106701100 e RG nº 081949, autorizo o uso da transcrição,
textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal
Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação
desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão
poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da
transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética
acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à
dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Guia Lopes da Laguna, 16 de julho de 2018.

Amaranta florenciana santiago

(Assinatura)

2. Dionésia Faustino da Silveira

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Dionésia Faustino da Silveira,
RG nº 589834, autorizo o uso da transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Campo Grande, 08 de fevereiro de 2019.

Dionésia F. da Silveira

(Assinatura)

3. Jadyr Franco Rodrigues

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Jadyr Franco Rodrigues,
CPF nº 421.108.821-15 e RG nº 000.394.025, autorizo o uso da transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Guia Lopes da Laguna, 15 de julho de 2018.

Jadyr Franco Rodrigues

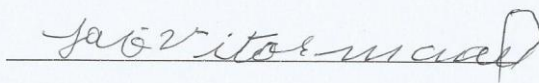
(Assinatura)

4. José Vitor Manoel

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, José Vitor Manoel,
CPF nº 10416714153 e RG nº 120306, autorizo o uso da transcrição,
textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal
Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação
desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão
poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da
transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética
acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à
dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Guia Lopes da Laguna, 16 de julho de 2018.



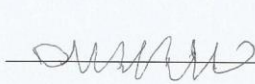
(Assinatura)

5. Quitéria Senhorinha da Silva

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Quitéria Senhorinha da Silva,
CPF nº 447898071-34 e RG nº 63.159.177-1, autorizo o uso da transcrição,
textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal
Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação
desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão
poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da
transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética
acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à
dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Campo Grande, 13 de julho de 2018.


(Assinatura) 

6. Silvéria Carvalho Custódio

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Silvéria Custódio Carvalho,
CPF nº 94.543.739-91 e RG nº 001306857, autorizo o uso da transcrição,
textualização e gravação em áudio e vídeo da entrevista que concedi a Endrika Leal
Soares para compor a dissertação de mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS, campus de Campo Grande – MS. Estou ciente, portanto, que com a divulgação
desse trabalho, a transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo em questão
poderão ser visualizadas e citadas por outros. A reprodução integral ou parcial da
transcrição, textualização e gravação em áudio e vídeo, porém, fica condicionada à ética
acadêmica vigente, devendo essa reprodução constar obrigatoriamente a referência à
dissertação da qual a textualização originalmente faz parte. Por esta ser a expressão da
minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem restrições de tempo, sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Guia Lopes da Laguna, 01 de julho de 2018.

Silvéria

(Assinatura)